

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - FAFICH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

DANTY DIAS MARCHEZANE

Do Infamiliar [Unheimliche] ao objeto a

Belo Horizonte

2021

Danty Dias Marchezane

Do *Infamiliar* [*Unheimliche*] ao objeto *a*.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Estudos Psicanalíticos

Linha de pesquisa: Conceitos Fundamentais em Psicanálise e Investigações no Campo Clínico e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Guilherme Massara Rocha.

Belo Horizonte

2021

| | |
|-------|--|
| 150 | Marchezane, Danty Dias. |
| M317d | Do infamiliar [Unheimliche] ao objeto a [manuscrito] / |
| 2021 | Danty Dias Marchezane. - 2021. |
| | 106 f. |
| | Orientador: Guilherme Massara Rocha. |
| | |
| | Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. |
| | Inclui bibliografia. |
| | |
| | 1. Psicologia – Teses. 2. Psicanálise – Teses. I. Rocha, Guilherme Massara. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. |
| | III. Título. |

Ficha catalográfica elaborada por Vilma Carvalho de Souza - Bibliotecária - CRB-6/1390



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE DANTY DIAS MARCHEZANE

Realizou-se, no dia 30 de julho de 2021, às 09:00 horas, Online, da Universidade Federal de Minas Gerais, a defesa de dissertação, intitulada Do Infamiliar [Unheimliche] ao objeto a, apresentada por DANTY DIAS MARCHEZANE, número de registro 2019656919, graduado no curso de PSICOLOGIA, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em PSICOLOGIA, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). Guilherme Massara Rocha - Orientador (UFMG), Prof(a). Gilson de Paulo Moreira Iannini (UFMG), Prof(a). Henrique de Oliveira Lee (Universidade Federal do Mato Grosso-UFMT).

A Comissão considerou a dissertação:

Aprovada

Reprovada

Finalizados os trabalhos, a presente ata, lida e aprovada, vai assinada pelos membros da Comissão.



Documento assinado eletronicamente por **Guilherme Massara Rocha, Professor do Magistério Superior**, em 22/05/2022, às 17:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Gilson de Paulo Moreira Iannini, Professor do Magistério Superior**, em 23/05/2022, às 13:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Henrique de Oliveira Lee, Usuário Externo**, em 26/05/2022, às 10:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1471242** e o código CRC **7D508D90**.

Gostaria de expressar minha gratidão a,

Guilherme Massara por toda interlocução, pelo incentivo, pela disponibilidade em sempre me atender e acreditar no meu trabalho. Por realizar mais que uma leitura, uma escuta fundamental para o desenvolvimento desta dissertação.

Ao Programa de pós graduação em Psicologia da UFMG (PPG PSI-UFMG) pela oportunidade e condições de transformar meu projeto em uma pesquisa.

A minha mãe por todo exemplo, por fornecer meu amor pelo estudo e pela escrita, sempre me incentivando.

A minha irmã, que desde de seu primeiro dia me inspira e motiva.

A Prof.^a Izabel Haddad, por me apresentar ao tema e por sua constante transmissão da psicanálise e a arte.

Ao Prof. Luís Flávio Couto, por toda transmissão do saber psicanalítico, por me mostrar o caminho de uma escuta analítica.

Ao Prof. Gilson Iannini, pelas aulas, por propiciar discussões fundamentais, pelo interesse, por um inigualável cuidado com o desenvolvimento deste trabalho.

Aos amigos Leonardo Mota, Alexandre Nery, Othília Gouveia, Bernardo Godoy, Daniel Nascimento, Carolina Coelho, Lucas Dibas Amaral, Vinicius Lima, Arthur Kelles, Maíra Moreira, por contribuírem fundamentalmente para o desenvolvimento deste trabalho.

A Stefânia, por tudo, tanto, sempre.

Agradeço ainda o apoio financeiro e institucional da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior CAPES/MEC.

RESUMO

Marchezane, D. (2021). *Do Infamiliar [Unheimliche] ao objeto a*. Dissertação de mestrado. Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Essa dissertação trabalha a repercussão do texto freudiano *Das unheimliche* (Freud, 1919) após sua publicação. Sabendo da relação que o texto estabelece com temas relacionados a psicanálise, a arte, a literatura e a estética, este trabalho mobiliza-se em debater tais campos com os conceitos psicanalíticos fronteira ao *Unheimliche*. Atento a necessidade de um termo que estabeleça de melhor forma a sensação de *Unheimliche* na língua portuguesa falada no Brasil, adota-se a proposta de tradução *infamiliar*, para dizer do intraduzível *Unheimliche*. Buscando localizar momentos em que o *infamiliar* se apresenta na obra freudiana, busca-se ir além, problematizando em situações e casos clínicos narrados por Freud, a localização do que ele descreve em 1919 como *infamiliar*. Com a inédita classificação em Freud como palavra-conceito, o *infamiliar* reúne sob extenso e complexo panorama uma inserção metodológica, com diversos apontamentos de sua ocorrência, como uma experiência situada no campo daquilo que angustia, como ferramenta de investigação psicanalítica. Revisita-se aqui o *infamiliar*, com vistas a problematizar sua ocorrência, conjuntamente ao que Freud elege como possuindo um núcleo que o diferencia daquilo que angustia. Finalmente trata-se aqui também do uso que Lacan realiza do *infamiliar*, que, diferentemente do que ocorre com outros conceitos psicanalíticos, onde realiza contribuições e novas formas de uso, ele se serve do *infamiliar* como expressão fenomenológica da angústia. Problematizando a experiência do *infamiliar* e sua relação com a angústia, Lacan apresenta o conceito de objeto *a*. Se o *infamiliar* não pode ser subsumido ao campo artístico, psicanalítico, literário, ele permeia um debate com aquilo que do inconsciente “vem à tona”, seu caráter altamente inquietante, motiva a investigação que busca evidências, não suficientemente explícitas por Freud.

Palavras Chave: *infamiliar*, *Unheimliche*, *Objeto a*, psicanálise.

RÉSUMÉ:

Marchezane, D. (2021). *Do Infamiliar [Unheimliche] ao objeto a*. Dissertação de mestrado. Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Cette dissertation travaille la répercussion du texte freudien Das unheimliche (Freud, 1919) après sa parution. En tenant compte le rapport que le texte établit avec des thèmes concernant la psychanalyse, l'art, la littérature et l'esthétique, ce travail se mobilise à débattre tels domaines avec des concepts psychanalytiques qui font frontière avec le Unheimliche. Concentré à la nécessité d'un mot qui établit de meilleure façon la sensation de Unheimliche en portugais parlé au Brésil, la proposition de traduction est celle de l'infamilier, pour dire de l'intraduisible Unheimliche. Dans l'objectif de localiser des moments dans lesquels l'inquiétante étrangeté est présente dans l'œuvre freudienne, on cherche à aller au-delà et à problématiser dans des situations et des cas cliniques rapportés par Freud, la localisation de ce qu'il décrit en tant qu'inquiétante étrangeté en 1919. Avec la classification inédite chez Freud en tant que mot-concept, l'inquiétante étrangeté réunit dans un long et complexe panorama une insertion méthodologique, avec plusieurs remarques de son occurrence, tel qu'une expérience située dans le domaine de tout ce qui angoisse, comme outil d'investigation psychanalytique. L'inquiétante étrangeté est donc revisitée, avec le but de problématiser son occurrence avec ce que Freud choisit comme possédant d'un noyau qui le différencie de ce que l'angoisse. Finalement, il s'agit aussi de l'utilisation dont Lacan fait de l'inquiétante étrangeté qui, au contraire de ce qui se passe avec d'autres concepts psychanalytiques, où il contribue et propose de nouvelles façons d'utilisation, il se sert de l'inquiétante étrangeté en tant qu'expression phénoménologique de l'angoisse. Lacan présente le concept de l'objet a, pour problématiser l'expérience de l'inquiétante étrangeté. Si l'inquiétante étrangeté ne peut être subsumé au champ artistique, psychanalytique et littéraire, ça imprègne un débat avec ce qui remonte à la surface de l'inconscient, son caractère très inquiétant, est motivation à l'investigation qui cherche des évidences qui n'ont pas été suffisamment explicites par Freud.

Mots-clés : l'inquiétante étrangeté, Unheimliche, Objet a, psychanalyse.

Sumário

| | |
|--|-----|
| INTRODUÇÃO | 8 |
| CAPÍTULO 1: O <i>Unheimliche</i> em Freud | 10 |
| 1.1 Traduções <i>Unheimliche</i> | 10 |
| 1.2 O percurso infamiliar em Freud | 13 |
| 1.3 O infamiliar em Freud..... | 15 |
| 1.4 Perspectivas atuais do infamiliar | 27 |
| 1.5 Desdobramentos e possibilidades infamiliars | 33 |
| 1.6 Formas <i>infamiliars</i> | 41 |
| CAPÍTULO 2: A clínica freudiana e o infamiliar | 48 |
| 2.1 Perspectivas fragmentárias do <i>infamiliar</i> nos textos freudianos..... | 49 |
| 2.2 O efeito infamiliar..... | 57 |
| 2.2 O <i>Infamiliar</i> mortífero | 64 |
| 2.3 O <i>infamiliar</i> e a angústia..... | 70 |
| CAPÍTULO 3: O <i>infamiliar</i> em Lacan | 74 |
| 3.1 Da angústia a divisão do sujeito | 75 |
| 3.2 O <i>infamiliar</i> : A angústia de castração..... | 82 |
| 3.3 Lacan, objeto <i>a infamiliar</i> | 87 |
| 3.4 O <i>infamiliar</i> em Lacan e Freud: Possibilidades e recuos..... | 91 |
| CONCLUSÃO | 94 |
| REFERÊNCIAS..... | 102 |

INTRODUÇÃO

Explorar um conceito constituído pela marca da estética, literatura dentro psicanálise possibilita um campo investigativo que coloca o leitor contato com uma metapsicologia daquilo que efetivamente constitui o projeto freudiano psicanalítico. Para abordar a temática do *Unheimliche*, Freud (1919/2019) transforma sua investigação em um amplo e representativo apanhado de fontes das diversas áreas em que o conceito de *Unheimliche* está inserido, explorando seus empregos em várias línguas e esbarrando na dinâmica irregularidade que o *infiamiliar* apresenta diante o método contínuo de conceitualização. Em *Das Unheimliche*, Freud (1919/2019a) realiza um estudo interdisciplinar que alcança e problematiza o uso dessa palavra-conceito, através de uma rigorosa metodologia, uma investigação linguística que implica a palavra com a sensação. Freud percorre desde áreas da estética, da literatura, nos contos fantásticos, dos dicionários à linguagem para dizer dessa experiência inconsciente que alcança o corpo.

Unheimliche é uma palavra-conceito, entre as várias possibilidades e caminhos que o artigo sobre a temática problematiza, essa é forma inicial que Freud estabelece para dar início a seu artigo. Embora se reconheça a originalidade freudiana nessa definição, pensar *Unheimliche* em outras línguas ainda representa um desafio. Essa é a preocupação inicial de Freud (1919/2019a), que inclusive dedica especial análise sobre as possibilidades de tradução em oito idiomas. A língua portuguesa falada no Brasil não escapa a problemática da língua, já que em suas principais edições há três opções de tradução para o *Unheimliche*. Embora para alguns isso possa parecer um problema, essa discussão confirma a importância de debates que problematizem questões linguísticas na psicanálise, além de acentuar um debate em curso sobre o termo que melhor se aproxime da proposta freudiana, tornando-a sempre atual.

Considerando este amplo cenário e as possibilidades que as traduções oferecem nos diversos idiomas, esta pesquisa retoma o texto freudiano *Das Unheimlich* (1919/2019a) com outra preocupação. Embora se esteja atento às discussões relativas às possibilidades de tradução para o termo, esta proposta investigativa privilegiará outro aspecto, a saber: a análise da sensação de *Unheimliche*, tratada por Freud (1919/2019a) como uma experiência estética relacionada a qualidades do sentir.

Ainda que a análise morfológica da palavra “*Unheimliche*” não seja o principal objetivo da investigação deste estudo, faz-se uma aposta de que, através da análise da sensação estabelecida por Freud, é possível elencar elementos que repercutam e provoquem desdobramentos acerca do amplo debate sobre a temática do *Unheimliche* freudiano.

Busca-se, assim, uma análise que problematize a recorrência dessa sensação e que evidencie os elementos de um campo não suficientemente explorado, sobretudo em dois aspectos indicados por Freud (1919/2019a): a análise da palavra e o conjunto de relatos e experiências sobre o *Unheimliche*. Esta pesquisa privilegiará a segunda via de discussão proposta por Freud. Tal escolha também realiza uma aposta de que através da análise da sensação seja possível indicar elementos que fomentem as discussões sobre o *Unheimliche* e do uso da palavra no nível semântico abordando, assim, suas possibilidades de tradução.

A importância da temática do *Unheimliche* também pode ser destacada na obra lacaniana. Ao desenvolver seus estudos sobre os afetos, Lacan (1962-1963/2005a) recorre ao *Unheimliche* para diferenciar a angústia de outros afetos e, assim, consegue alcançar seu conceito mais caro à psicanálise – o conceito de objeto *a*. Lacan (1962-1963/2005a) classifica o texto sobre *Unheimliche* como “um artigo que jamais ouvi comentar e do qual ninguém parece mesmo perceber que é a dobradiça absolutamente indispensável para abordar a questão da angústia” (p. 55). Ele considera que a angústia está ligada a tudo que pode aparecer no lugar de menos *phi* ($-\phi$). E o que o assegura disso é um fenômeno ao qual foi dedicada pouca atenção e não se alcançou uma formulação satisfatória: “esse fenômeno é o da *unheimlichkeit*”¹ (Lacan, 1962-1963/2005a, p. 57). Ao realizar essa indicação, Lacan não somente parece oferecer um caminho de possibilidades de investigação sobre *Unheimliche*, mas também vê o texto como chave de leitura que, na qualidade de suporte, reafirma algumas de suas proposições psicanalíticas.

Ao desenvolver a temática do *Unheimliche*, Freud (1919/2019a) utiliza casos clínicos e experiências que relata ter tido. Dada a importância que os casos clínicos apresentam para a psicanálise, este estudo propõe realizar a revisão de algumas dessas ocorrências nos casos apresentados por Freud ao longo de sua obra que problematizem a experiência da sensação do *Unheimliche* na clínica psicanalítica.

Ainda que muitos psicanalistas venham se interessando mais pelo estudo dos sintomas contemporâneos, algo que, de certo modo, pode ter eclipsado a noção de *Unheimliche* em Freud,

¹ Substantivo. Indica estranhamento.

ao retomá-lo junto a outros conceitos básicos, pode-se verificar a possibilidade de desdobramentos e caminhos para questões da clínica psicanalítica atual.

CAPÍTULO 1: O *Unheimliche* em freud

1.1 Traduções *Unheimliche*

As traduções e as possibilidades de uso da palavra de origem germânica “Unheimliche” adquiriram certa diversidade de tradução tanto na língua portuguesa falada no Brasil quanto em outros idiomas. Trata-se, assim, de uma complexa tarefa em que os tradutores Iannini e Tavares (2019) percebem estar diante de um “intraduzível” e ressaltam que “o intraduzível não é o que não pode ser traduzido, mas o que não cessa de (não) traduzir” (Cassin, 2018, p. 17 citado por Iannini & Tavares, 2019, p. 8). Os tradutores da mais recente edição do texto em língua portuguesa Chaves e Tavares (2019) consideram em nota: “A dificuldade, ou até mesmo a impossibilidade, de traduzir a palavra alemã “Unheimlich” talvez seja comparável somente à dificuldade de traduzir o termo *Trieb*” (p. 117). Em português as três traduções publicadas no Brasil oferecem, em alguma medida, elementos que remetem à sensação *Unheimliche*.

Diante dessa variabilidade, realiza-se uma discussão preliminar que objetiva mostrar elementos que justifiquem a opção da tradução utilizada nesta pesquisa para seu desenvolvimento. Essa discussão será melhor estabelecida e problematizada ao longo do trabalho, contudo, conforme se desenvolva esse debate, é fundamental destacar que a escolha do termo perpassa principalmente uma opção do autor sobre aspectos que ele considera fundamentais para abordar os elementos escolhidos neste estudo. Esse recurso se deve não a uma falta de rigor ou uma mera opção, mas ao fato de que todas as traduções propostas oferecem possibilidades e recuos, incertezas e qualidades.

Ao se debruçar sobre essa questão, Freud (1919/2019a), se referencia inicialmente no exame linguístico de Theodor Rheik em dicionários de nove idiomas. Esse percurso metodológico mostra a importância que a palavra representa para Freud ao desenvolver essa temática. Referenciado pela metodologia utilizada por Freud (1919/2019a), este trabalho realiza uma breve análise em um dicionário de língua portuguesa, a fim de adicionar elementos que contribuam para discussão sobre *Unheimliche*. Todavia, a discussão lexical não é a principal proposta deste trabalho que privilegiará o debate freudiano sobre a análise da sensação.

A primeira e mais antiga proposta de tradução adotada no Brasil opta por traduzir *unheimliche* por ‘estranho’. Essa opção coloca de imediato o problema da relação que a palavra “estranho” faz com a palavra alemã “*fremd*”. Comumente a palavra “*fremd*” é traduzida por estranho nas obras freudianas, o que acontece também em outros trabalhos.

O dicionário Aurélio (2004) define o “estranho” como: “1: Fora do comum; desusado, novo; anormal, 2: Que é de fora; externo, exterior, estrangeiro, alheio”. Embora essa definição consiga tocar em algo do novo, do fora do comum, ela sugere a leitura de algo estranho, mais próximo daquilo que é de fora ou anormal. Enquanto *unheimliche*, com o sufixo [a raiz] *heim*, remete ao menos em sua ideia a algo interno, familiar, a palavra “estranho” parece muito mais adequada como tradução para palavra “*fremd*”, que frequentemente é utilizada por Freud, o que acaba gerando outro impasse. Embora a opção de tradução de “*fremd*” por estranho também possa ser discutida por especialistas linguísticos, tal debate elevaria esta pesquisa a um complexo nível etiológico e etimológico, que é importante, mas foge da análise principal de que este trabalho trata, que é a sensação.

Outra tradução recebida no Brasil opta pela palavra “inquietante”, escolha que privilegia o aspecto conturbado, de tormento diante algo inquietador. Tais aspectos se aproximam da sensação do *Unheimliche*. A inquietação, no entanto, convida a pensar em uma ideia de atividade, conforme esse adjetivo normalmente é usado na vida cotidiana. Ela não oferece, por si só, elementos sobre a ideia de algo familiar, íntimo, obscuro, oculto, secreto que retorna, características marcantes na palavra e na sensação apresentadas por Freud. O dicionário define “inquietante” como: “1: Que causa inquietação. 2. Aquele que causa inquietação” (Aurélio, 2004).

Buscando certa literalidade, a mais recente tradução na língua portuguesa falada no Brasil opta em traduzir *Unheimliche*, de forma neologista, por *infamiliar*. Essa opção, conforme esclarecem os autores Chaves, Tavares e Iannini (2019), mantém a literalidade do termo e convida o leitor a uma descoberta sobre o que é o *infamiliar*. Embora *infamiliar* não exista nos dicionários de língua portuguesa, a palavra “infamiliar” realiza uma clara relação (mesmo que seja de oposição) com aquilo que é da ordem do familiar. Embora se trate de um neologismo, esse termo não é inédito na língua portuguesa, Clarice Lispector, em *A paixão segundo G.H.*, escreve sobre a *infamiliar* sensação que a personagem narradora G.H. tem ao beijar os olhos de seu amado e sentir o sal de lágrimas; “Através de um dia eu ter beijado o resíduo insípido que há no sal da lágrima, então a infamiliaridade do quarto tornou-se reconhecível, como matéria já vivida” (Lispector, 1964, p. 61,

grifo nosso). Ocorre assim uma aparição precisa sobre *Unheimliche*; a sensação à qual a personagem descreve como *infamiliar* é na verdade muito conhecida, “já vivida”.

Outro fator importante é retomado por Tavares e Iannini a partir dos tradutores franceses de Freud da editora PUF, quanto à incorporação da palavra “*évolution*” [evolução], com a mesma grafia do texto-fonte inglês do lançamento do livro: *A origem das espécies*, de Charles Darwin (1852). Na ocasião a palavra “*évolution*” foi recebida com forte estranhamento. Hoje, inegavelmente, “*évolution*” é uma palavra de uso tanto científico quanto cotidiano (Cotet, Bourguignon, & Laplanche, 1989 citados por Iannini & Tavares, 2019). Outras palavras de cunho fundamentalmente psicanalítico já receberam certa ‘incorporação’ no português brasileiro. *Verdrängung*, por exemplo, foi assimilada como recalque e atualmente tem seu uso proliferado, sendo usada cotidianamente por brasileiros sem nenhuma dificuldade.

O percurso atravessado pelos tradutores acentua as limitações que o processo de tradução sofre, ou conforme Hanns (2004) considera:

Inúmeras distorções e falta de distinções conceituais foram mapeadas nas traduções em geral, colocando-as, de certa forma, todas sob suspeita e incentivando um movimento de revisão e refeitura de traduções nos diversos idiomas. A tradução brasileira, a Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud passou por um processo análogo. Além de ter envelhecido, padeceu do defeito de ter sido traduzida do inglês, e uma nova tradução, a partir do alemão e conforme critérios mais atuais, se fazia necessária. (p.1)

Com base à essas questões, optou-se nesta dissertação por utilizar como tradução para o intraduzível *Unheimliche* o termo “*infamiliar*”. Além dos pontos já destacados, busca-se, conforme os tradutores propõem, preservar a ambivalência lexical do familiar contido na palavra que é determinante para compreensão dessa sensação, afinal é através do estudo etimológico das palavras “*Heimlich*” e “*Unheimliche*” no dicionário da língua alemã de Daniel Sanders (1860) que Freud identifica que a palavra “familiar” [*heimlich*] coincide com seu oposto *infamiliar* [*Unheimliche*].

O que a análise etimológica de Freud (1919) mostra é que a palavra comporta algo da sensação. A palavra “*Unheimliche*” evidencia a marca do recalque em sua escrita através do prefixo “UN”, aspecto que Freud universaliza em 1925 no texto *A negação*. Desse modo, a sensação

comporta algo do recalque que a palavra carrega. A opção por *infamiliar* consegue, assim, preservar o aspecto da negação contido na palavra através do prefixo “IN” ao mesmo tempo que preserva o familiar tão caro a essa sensação.

A partir de sua observação sobre a palavra “*Unheimliche*” ser claramente o oposto de “*heimlich*”, Freud identifica que algo tem que ser adicionado ao novo e ao não familiar para se tornar “*Unheimliche*”. Ele dedica agora sua investigação à análise da palavra “*Unheimliche*” em nove línguas, entre elas, o português. Nessa investigação, ele identifica que tanto a língua italiana quanto a portuguesa possuem paráfrase para a noção de “*Unheimliche*”, ou seja, uma palavra já existente que recorre a um novo sentido para se referir à noção de “*Unheimliche*”.

Assim, a adoção de uma palavra como *infamiliar* no português brasileiro representa um avanço para a discussão da temática nessa língua, uma vez que o *infamiliar* pode contemplar de forma mais precisa a discussão realizada por Freud bem como as possibilidades que a palavra oferece, como um recurso metodológico, tal como Freud realiza em seu texto.

1.2 O percurso infamiliar em Freud

Antes de iniciar uma discussão conceitual fundamental sobre o *infamiliar*, é fundamental compreender melhor o momento que o texto se inscreve na obra freudiana. Embora tenha sido publicado por Freud somente em 1919, “*Das Unheimliche*” é objeto de uma temática cuja investigação Freud iniciou anos antes. A dilação desse texto insere em sua construção algumas marcas históricas fundamentais as quais este estudo perpassará. *Das Unheimliche* não apenas remete ao que Freud investigou nos anos anteriores mas também indica os rumos que sua pesquisa desenvolverá nos anos seguintes.

Conforme Strachey (1919) indica em nota, Freud, em correspondência com Ferenczi em 12 de maio do mesmo ano, informa que desenterrou um velho texto que está reescrevendo. Embora não se saiba quando o texto foi escrito inicialmente nem as modificações que ele sofreu, Strachey (1919) destaca a nota de referência utilizada por Freud (1913) em *Totem e Tabu* como a marca de que, por volta desses anos, o texto já estava presente em sua mente. Strachey considera que as passagens ligadas à ‘compulsão à repetição’ incluem um resumo de boa parte do conteúdo de *Além do princípio do prazer* (Freud, 1920/2020a), que nessa mesma carta Freud informa a Ferenczi já ter concluído, embora a publicação só aconteça um ano mais tarde, em 1920.

Chaves, Tavares e Iannini (2019) destacam a perseguição obstinada de Freud no fundamento psicanalítico da psicologia das massas: “Isso mostra, por si só, como estão imbricadas no pensamento de Freud a reformulação clínica e metapsicológica da teoria das pulsões, a reflexão estético-literária e a vertente política e social da psicanálise” (p. 116).

Os autores também destacam a nota publicada por Freud nesse mesmo ano intitulada *E.T.A. Hoffmann sobre a função da consciência*, que indica como Freud absorvia a leitura de Hoffmann nesses anos. A longa análise lexical empreendida por Freud sobre o termo “*unheimliche*” através da leitura do conto de Hoffmann “O homem da areia” é posta à prova na análise do fenômeno do *infamiliar*. Através dessa análise, o sentido antitético das palavras oferece não apenas uma contribuição para a estética e a crítica literária “mas também da proposição de um conceito-chave que atravessou campos os mais diversos, demarcando ainda um ponto de virada no pensamento de Freud” (Chaves, Tavares & Iannini 2019, p. 117).

O texto freudiano sobre o *infamiliar*, conforme Iannini e Tavares (2019) indicam, coloca o leitor diante de uma das mais ricas demonstrações da língua cotidiana como ferramenta da psicanálise, com suas camadas e histórias. A démarche de Freud é clara também nesse texto, em que através de entrelaçamentos teóricos e estéticos, da linguagem científica e literária, consegue-se elencar; “como o vivido e o fantasiado tecem relações complexas”. (Iannini & Tavares, 2019, p. 22).

O ano 1919 é marcado por ser o primeiro ano subsequente à declaração do fim da Primeira Guerra Mundial.² Essa circunstância parece impactar as pesquisas de Freud, que relata em *O infamiliar* ter tido dificuldade para realizar sua investigação como gostaria: “Em todo caso, devo confessar, por razões fáceis de adivinhar e ligadas à nossa época, que a bibliografia desta pequena contribuição, em especial aquela em língua estrangeira, não pode ser explorada com profundidade” (Freud, 1919/2019a, p. 31).

Influenciada pelo percurso que o texto freudiano inscreve em 1919, ainda que os estudos psicanalíticos estivessem se interessando mais pelos sintomas contemporâneos, algo que, de certo modo, pode ter eclipsado a noção de *infamiliar* em Freud, o tema é presente principalmente em estudos da literatura especializada e da estética. Cem anos depois da publicação do conto “O homem da areia”, de Hoffmann, sua marca possibilita mais do que um ensaio sobre essa temática, mas a retomada de conceitos que Freud desenvolveu ao longo dos anos. É sob esse lume que busca

² A Primeira Guerra Mundial ocorreu entre 28 jun. 1914 e 11 nov. 1918.

se neste trabalho desenvolver uma pesquisa que privilegie a análise da sensação do *infamiliar* na clínica psicanalítica, tendo em vista os conceitos freudianos dos quais o *infamiliar* se aproxima.

A reconhecida capacidade de escrita em Freud é notável na forma como aborda o *infamiliar*. Através da análise morfológica, do sentido antitético da palavra, da apresentação de uma investigação linguística, da análise das principais publicações sobre a temática da época, utilizando-se, à moda de Schelling e à Jentsch, da literatura e de uma crítica à leitura estética especializada na época, os contornos aos quais ele recorre no texto o conferem também como uma valiosa referência metodológica de estudos psicanalíticos.

1.3 O *infamiliar* em Freud

Ao denunciar que apenas raramente o psicanalista se sente estimulado pelas investigações da estética, Freud (1919/2020) inicia seu texto *O infamiliar* questionando a “doutrina do belo”. Ao fazê-lo, ele assume uma postura crítica ao interesse principal dos estudos estéticos da época muitas vezes centrados no belo, mostrando-se mais interessado por seu oposto, ou seja, por algo do grotesco, do repugnante, do penoso.

Freud se propõe investigar as características de uma sensação que até o momento pouco havia sido trabalhada no campo da psicanálise. O autor recorre inicialmente ao campo estético para realizar sua justificativa sobre a investigação que desenvolverá em seguida. Ele considera que “o psicanalista apenas raramente se sente estimulado a investigações estéticas, mesmo que ele não restrinja a estética à doutrina do belo, mas a descreve como a doutrina das qualidades do nosso sentir” (Freud, 1919/2019a, p. 29).

Ao escrever que o *infamiliar* diz respeito a elementos aterrorizantes que suscitam angústia e horror, Freud (1919) parece direcionar uma crítica aos estudos estéticos, mais preocupados em realizar investigações acerca do belo, da nobreza, de uma forma geral a elementos que retratem a perfeição das produções humanas.

A esse respeito, nada encontramos nas meticulosas exposições da estética, as quais, em geral, ocupam-se de preferência dos sentimentos belos, grandiosos, atraentes, ou seja, dos sentimentos positivos, de suas condições e dos objetos que eles evocam, em vez dos contraditórios, repugnantes e penosos. (Freud, 1919/2019a, p. 31).

A proposta de Freud (1919) nesse estudo é justamente oposta à estética do belo. Ele ressalta as descrições dos aspectos aterrorizantes do *infamiliar*, que nem sempre são utilizadas em um sentido rigoroso, mas que, em geral, coincidem com aquilo que angustia. Essa ressalva é fundamental para o desenvolvimento que seguirá no texto freudiano e para a investigação aqui proposta, pois aqui se busca alcançar uma definição satisfatória sobre o *infamiliar* e seus aspectos angustiantes.

Nesse percurso, Freud (1919) realiza um exame linguístico, aproxima-se da arte, da literatura e dos complexos infantis, numa teoria cercada por recuos e descobertas. Na busca de uma sistematização que defina o fenômeno do *infamiliar*, Freud esbarra em uma série de análises, que, sem se contradizer, produzem certa ambiguidade que coloca o leitor progressivamente em territórios que remetem a um resgate de temáticas elaboradas por ele anos atrás, como o animismo em *Totem e tabu* (Freud, 1913), e certa fundamentação metodológica para o que apresentará no ano seguinte em *Além do princípio do prazer* (1920). Tais aspectos são sustentados por uma discussão que, entre idas e vindas, convoca o leitor incessantemente para aspectos relacionados ao inconsciente.

Inicialmente, Freud (1919/2011a) propõe dois caminhos para investigar o desenvolvimento da palavra “*Unheimliche*”: o primeiro consiste em analisar a etimologia da palavra, e o segundo, em compilar o que “em pessoas e coisas, impressões sensíveis, vivências e situações despertam em nós o sentimento do *infamiliar*” (Freud, 1919/2019a, p. 33). No entanto, ele adverte que esses dois caminhos conduzem ao mesmo resultado – o *infamiliar* como uma espécie do que é aterrorizante, que remete ao velho conhecido e íntimo há muito. Seguindo essa análise, a sensação do *infamiliar* não seria o aterrorizante em sua totalidade, mas teria uma aproximação dessa experiência, com algo que diferencia o aterrorizante do *infamiliar*.

Diante do conflito que defina a experiência do *infamiliar*, Freud (1919/2019a) propõe discutir como é possível que aquilo que é íntimo se torne *infamiliar*, aterrorizante. A partir dessa questão, ele realizará a análise da palavra alemã “*Unheimliche*” [*infamiliar*]. Ele considera que “*Unheimliche*” é claramente oposta à palavra “*heimlich*” [familiar], doméstico, íntimo. A princípio, ele convida o leitor a considerar a ideia de que o assustador seria denominado como tal por não conter nenhum caráter de familiaridade. Entretanto, ressalva que nem tudo que é novo e não familiar é necessariamente assustador.

Freud (1919), considera que o inovador se torna facilmente assustador e *infamiliar*, mas nem tudo que é novo é assustador. Ao novo e ao não familiar se deve, de início, acrescentar algo para torná-lo *infamiliar*. Esse algo a ser adicionado, ao qual se refere Freud, é justamente o traço de familiaridade, presente quando ele desenvolve as temáticas do duplo, da compulsão à repetição, do narcisismo e de aspectos que remetem ao complexo de castração.

A relação dos termos “*Unheimliche*” e “*heimliche*”, também é realizada pelo médico psiquiatra Ernst Jentsch, que, segundo Freud (1919/2019a), reitera a relação do termo com a novidade, o não familiar. Freud percebe que Jentsch encontra na incerteza intelectual a condição essencial para o surgimento da sensação de *infamiliar*. O *infamiliar*, por essa via, seria aquilo de que nada se sabe. Freud (1919/2019a) afirma: “Quanto mais uma pessoa se orienta por aquilo que se encontra a sua volta, menos é atingida pela impressão de *infamiliaridade* quanto às coisas ou aos acontecimentos” (p. 33).

Esses elementos o levam a operar além da equivalência *infamiliar* = não conhecido. Freud, então, realiza uma análise linguística nos dicionários de latim, grego, inglês, francês, espanhol, italiano, português e alemão. Ele alerta, no entanto, que esse percurso não diz nada de novo, mas do fato interessante de que a palavra “*heimlich*”, coincide com seu oposto “*Unheimliche*.”

A palavra “*heimlich*” é analisada por Freud (1919/2019a) como pertencente a dois círculos de representação que, sem ser opostos, são alheios um ao outro. A palavra “*heimlich*” está associada a dois grupos: o primeiro associa aquilo que é confiável, confortável, o segundo, a associa aquilo que é encoberto, que permanece oculto. Assim, “*Unheimliche*” seria oposto a apenas ao primeiro significado, e não do segundo. Nesse ponto, Freud (1919/2019a) recorre à observação de Schelling: “O *Infamiliar* seria tudo o que deveria permanecer em segredo, oculto, mas que veio à tona”³ (p. 45). Essa percepção que Freud (1919/2019a) toma a partir de Schelling é próxima ao que ele considera como cerne da experiência de *infamiliar* e dos elementos aos quais ele fará alusão na sequência do texto.

Seguindo a revisão de suas pesquisas sobre o *infamiliar*, Freud (1919/2019a) recorre aos escritos de Jentsch, que considera como condição do *infamiliar* a dúvida de que se um ser

³ Conforme estabelece a publicação da editora Autêntica, a citação de Schelling encontra-se em sua *Filosofia da mitologia*, aulas proferidas na Universidade de Berlim entre 1837 e 1842, mas publicadas pela primeira vez por seus alunos apenas em 1849. “Chama-se *unheimlich* a tudo que permaneceu em segredo, escondido, em latência e que veio à tona” (Schelling & Friedrich, 1968). *Philosophie der Mytologie. München*: C. H. Beck (p. 515) citado por Freud, Sigmund. (2019). *O infamiliar*. (p. 118). Belo Horizonte, MG: Autêntica.

aparentemente vivo está inanimado, ou seu contrário, se um objeto sem vida se torna animado. Trata-se, assim, de uma crença animista como causadora de sensações *infamiliars*, assim como a impressão de figuras de cera, bonecas e autômatos ganharem vida, o que causa no observador a incerteza de que se o que ele vê possui ou não vida.

Embora não esteja inteiramente convencido pelas exposições de Jentsch, é a partir delas que Freud (1919/2019a) chama atenção para o conto de E.T.A Hoffmann⁴ “O homem da areia”. Esse interesse passa pela consideração de Jentsch sobre uma das causas da sensação de *infamiliar* do leitor ser a incerteza de que uma determinada figura é uma pessoa ou um autômato.

Jentsch considera que a sensação de *infamiliar* ocorre porque essa incerteza não aparece diretamente como ponto central da narrativa, mas como uma dúvida que estimula o leitor à investigação. Ao esclarecer essa investigação e perceber que se trata de um autômato, uma boneca, o leitor experimenta a sensação de *infamiliaridade*.

Na contramão da sensação sublinhada por Jentsch, Freud (1919/2019a) percebe que o fato de a boneca Olímpia ser um autômato não é de modo algum o único ou principal responsável pelo incomparável efeito de *infamiliaridade* que o conto causa. Freud percebe outro elemento: “No centro do conto está, muito mais, um outro fator, a partir do qual ele se intitula e que sempre retorna em passagens decisivas: o tema do *Homem da Areia*, aquele que arranca os olhos das crianças.” (Freud, 1919/2019a, p.51)

O protagonista da história é o pequeno Nathaniel⁵ que, apesar de sua felicidade no presente, não pode esquecer as terríveis lembranças que se ligam nele à terrível e misteriosa morte do seu pai. O protagonista do conto também ouve, antes de ir dormir uma ameaça por parte de sua mãe, de que, caso ele não fosse para a cama pontualmente, o “homem da areia” chegaria e arrancaria seus olhos. Mesmo após indagar a mãe sobre a existência do “homem da areia” e ela negar, Nathaniel continua a temê-lo. A babá de Nathaniel, no entanto, confirma a existência do “homem da areia”, como aquele que arranca os olhos das crianças, coloca-os num saco e os levando para a lua minguante, a fim de alimentar suas crias com olhos de crianças mal comportadas.

⁴ Ernst Theodor Amadeus Wilhelm Hoffman, mais conhecido por E.T.A Hoffmann, foi um escritor romântico, compositor, desenhista e jurista alemão, conhecido sobretudo como um dos maiores nomes da literatura fantástica mundial.

⁵ Conforme esclarece a nota do tradutor da editora Autêntica, Freud utiliza a grafia Nathaniel para o nome do protagonista, contudo nas diferentes edições consultadas consta a grafia Nathanael. Os editores optaram por manter a grafia original utilizada por Freud (1909/2019, p. 118), mesma opção utilizada neste trabalho.

Mesmo com idade suficiente para rejeitar a existência da figura do “homem da areia”, Nathaniel se fixa nesse temor e busca conhecer a aparência da terrível criatura. Uma noite, Nathaniel se esconde no escritório do pai e é descoberto por Coppelius, homem com quem já se assustara anteriormente e que se reunia periodicamente com seu pai. Coppelius, então, ameaça lançar os olhos de Nathaniel nos fragmentos das brasas flamejantes da lareira. O pai de Nathaniel suplica a Coppelius que não realize tal ato. Depois disso, Nathaniel desmaia e cai em profunda enfermidade. Em outra visita de Coppelius, o pai de Nathaniel morre após um experimento alquímico e Coppelius desaparece sem deixar rastros.

Com o passar dos anos, o agora jovem Nathaniel conhece o oculista Giuseppe Coppola, que reconhece como a figura assustadora de sua infância. Coppola é um oculista ambulante italiano, que lhe oferece um barômetro. Nathaniel é tomado por um horror e, percebendo essa reação, o ambulante Coppola lhe oferece algo diferente em vez do barômetro: “*Bellis occhios – Bellis occhios*”⁶. O horror de Nathaniel é apaziguado ao perceber que os olhos oferecidos não passam de inocentes óculos. Ele adquire um binóculo⁷, que é utilizado para olhar o apartamento ao lado, onde avista Olímpia, pela qual se apaixona tão intensamente que esquece a própria noiva. Olímpia, no entanto, é um autômato, criado por Spalanzani e que em seu processo de criação teve os olhos criados por Coppola. Após um conflito entre seus criadores Spalanzani e Coppola, Olímpia tem os olhos ensanguentados atirados no peito de Nathaniel, que cai em loucura, conforme Freud analisa; “Este sofre um novo ataque de loucura, em cujo delírio a reminiscência da morte do pai se liga a uma impressão recente” (Freud, 1919/2019a, p. 55). Nathaniel se lança contra Spalanzani, suposto pai de Olímpia, querendo estrangulá-lo e novamente cai em enfermidade.

Após despertar de outra longa e grave enfermidade, Nathaniel pensa em se casar com sua noiva Clara, que reencontrou. Durante um passeio na cidade, ele sobe com ela em uma alta torre de onde observam uma curiosa aparição que se movimenta na rua. Nathaniel saca o monóculo que havia comprado de Coppola e ambos se põem a observar a aparição apontada por Clara. Nathaniel sofre um novo ataque de loucura e grita: “bonequinha de madeira, gira” e atira sua noiva do alto da torre, que é salva pelo irmão. Tomado por sua loucura, Nathaniel clama: “Roda de fogo, gire –

⁶ Essa expressão seria uma certa confusão que o estrangeiro vendedor Coppola faz de forma desajeitada com a aproximação das palavras em italiano *occhiali* = óculos e *occhi* = olhos.

⁷ Freud lê como um binóculo, mas, ao retomar o conto, a descrição se aproxima mais daquilo que conhecemos como um monóculo. Preserva-se, assim, a opção usada por Freud.

roda de fogo, gire!”. Já conhecermos a proveniência das palavras que Freud (1919/2019a) sublinha. Eis que do alto da torre Nathaniel avista o advogado Coppelius, aparição súbita à qual Freud (1919/2019a) atribuirá a eclosão de loucura de Nathaniel. Ao avistar Coppelius, Nathaniel grita: “Há! Bellis occhios – bellis occhios!” e se joga do alto da torre. Nathaniel jaz com a cabeça destroçada nas pedras do calçamento. O homem da areia desaparece na multidão.

Lido como um conto altamente *infamiliar*, a causa dessa sensação no conto hoffmaniano nada tem a ver com o fato da boneca Olímpia ser um autômato, como propõe Jentsch. Para Freud (1919/2019a) a sensação de *infamiliaridade* do conto se dá inicialmente pela dúvida provocada por Hoffmann se o mundo ao qual leitor adentra é uma ficção ou realidade. Contudo, o principal fator no conto responsável pela sensação de *infamiliar* é para Freud (1919/2019a) a angústia de castração, representada pelo temor de Nathaniel em perder os olhos.

A partir da angústia de castração, é possível identificar a causa de certos elementos ambíguos em “O homem da areia”, por exemplo, ele é aquele que mata o pai e perturba o amor de Nathaniel, ou aquele que força o protagonista ao suicídio antes de sua feliz união com Clara.

Nesse cenário, Freud (1919/2019a) desenvolve outro fator responsável pelo *infamiliar*: o duplo, tema que Otto Rank⁸ estuda minuciosamente. O aparecimento de pessoas com a mesma aparência, a identificação com outra pessoa, a duplicação do Eu, a divisão do Eu, a repetição dos mesmos traços fisionômicos são fenômenos do duplo que surgem como *infamiliar* ao sujeito. Essas representações surgem a partir do narcisismo primário, que domina a vida anímica das crianças. Com a superação dessa fase, os “presságios do duplo se modificam, e de uma segurança quanto à continuidade da vida ele se torna o *infamiliar* mensageiro da morte” (Freud, 1919/2019a, p. 71). Assim, o duplo indica uma formação da mesma família dos processos anímicos superados dos tempos primevos, que oscila de algo amigável para uma imagem do horror.

Os aspectos desenvolvidos através do fenômeno do duplo levam Freud (1919/2019a) a considerar a repetição como fonte da sensação de *infamiliaridade*. Ele considera que, sob certas condições e combinações, um sentimento dessa ordem é sem dúvida evocado, lembrando as situações de desamparo dos sonhos.

Sob os aspectos da repetição, Freud narra um episódio em que andava a esmo pelas ruas desconhecidas e vazias de uma pequena cidade italiana onde avista mulheres maquiadas nas janelas

⁸ Otto Rank foi psicanalista, escritor, professor e terapeuta austríaco. O estudo ao qual Freud se refere é O duplo (Imago III, 1914).

das pequenas casas, referindo-se evidentemente a prostitutas. Ao se apressar para sair dessa região, ele vaga sem direção quando, subitamente, encontra-se de novo na mesma rua em que passara momentos antes. Ao continuar caminhando, pela terceira vez, realiza um desvio do destino que tinha em mente. Sobre o ocorrido Freud comenta: “Contudo, então, experimentei um sentimento que eu poderia apenas caracterizar como sendo da ordem do *infamiliar*” (Freud, 1919/2019a, p. 75).

As situações que evocam o retorno involuntário causam o sentimento de desamparo e *infamiliaridade* assim como a repetição involuntária, que pode ser experimentada sob a descrição do “acaso”. Para dizer da repetição involuntária, Freud (1919/2019a), cita o exemplo da pessoa que recebe um comprovante com determinado número e se depara com as diversas aparições desse número ao longo do dia. Ele considera que é comum atribuírem o retorno desse número a um significado secreto ou uma alusão a determinada fase da vida.

O *infamiliar* referente ao retorno do mesmo pode ser também um derivado da vida anímica infantil. Freud (1919/2019a) afirma:

No inconsciente anímico, é possível, de fato, reconhecer se o domínio de uma incessante compulsão à repetição das moções pulsionais, a qual provavelmente, depende da mais íntima natureza das pulsões, e que é suficientemente forte para se impor ao princípio de prazer, conferindo um caráter demoníaco a certos aspectos da vida anímica, algo que ainda se expressa claramente nas aspirações da criança e que domina uma parte do decurso da psicanálise dos neuróticos. (p.79)

A literal referência do princípio do prazer na elaboração freudiana, tema que ele publicará no ano seguinte, se entrelaça ao *infamiliar*, marcando, assim, uma aproximação importante entre os dois temas. No entanto, nesse momento, Freud recua ao tecer mais considerações sobre essa aproximação: “Mas penso que é tempo de nos afastarmos dessas relações sempre difíceis de serem julgadas e procurarmos casos indubitáveis de *infamiliar*” (Freud, 1919/2019a, p. 79).

Ele então analisa a onipotência de pensamento como causa da sensação de *infamiliar*, recorrendo ao “*anel de Polícrates*”, objeto que no conto “*O anel de Polícrates*” realiza imediatamente cada desejo que se tem. Freud também cita o caso de um neurótico obsessivo que, após desejar a morte de um senhor idoso, é surpreendido dias depois com a informação do

falecimento deste, o que também causa sensação de *infamiliar*. As superstições, o medo do mau-olhado e aquele que teme a inveja do outro, de modo reverso, também experimenta fenômenos de uma *infamiliaridade* relacionada à onipotência de pensamento.

É sob a égide dessas discussões que Freud (1919/2019a) percebe que certos casos da ordem do *infamiliar* remetem à antiga concepção animista do mundo, de uma supervalorização narcísica dos processos anímicos enquanto defesa da objeção imposta pela realidade. A partir disso, Freud (1919/2019a) considera:

Parece que todos nós, em nosso desenvolvimento individual, atravessamos uma fase correspondente a esse animismo dos primitivos e que não nos afastamos dela sem que ela nos legue restos e rastros capazes de expressão, de tal modo que tudo o que hoje nos aparece como ‘infamiliar’ é a condição para que esses restos da atividade psíquica animista ainda nos toquem e estimulem sua expressão. (p. 85)

Ao trabalhar a crença animista, Freud (1919/2019a) percebe alcançar solo para duas observações fundamentais de sua investigação sobre o *infamiliar*. A primeira delas, considera que:

Se a teoria psicanalítica tem razão ao afirmar que todo afeto de uma moção de sentimento, de qualquer espécie, transforma-se em angústia por meio do recalque, entre os casos que provocam angustia deve haver então um grupo ao qual esse angustiante é algo recalcado que retorna. (p.85).

Freud (1909/2019a) considera esse material recalcado que retorna como responsável pela sensação *infamiliar*. “Essa espécie de angustiante seria então o *infamiliar* e, nesse caso, seria indiferente se ele mesmo era originalmente angustiante ou se carregava algum outro afeto consigo” (p. 85).

Essa passagem suscita certa dúvida ou aparentemente não está suficientemente clara. Ao dizer dessa espécie angustiante que causaria a sensação de *infamiliar*, o que não poderia ser indiferente? Trata-se de um grupo de todo afeto da moção de sentimento, ou, estaria Freud se referindo ao animismo?

Na segunda observação e considerando a natureza secreta do *infamiliar*, Freud (1919/2019a) entende por que o uso da língua permitiu que o *heimlich* deslizesse para seu oposto, o *Unheimliche*, uma vez que esse *Unheimliche* nada tem de novo, ou estrangeiro,⁹ mas é algo de uma vida anímica que desde muito tempo foi afastado pelo processo de recalçamento. Freud apresenta de forma breve essa relação fundamental, razão pela qual sua observação será analisada e debatida detalhadamente no capítulo 2, onde será discutido o surgimento da sensação do *infamiliar* nos casos freudianos.

Ao realizar a relação da sensação com a linguagem, Freud (1919/2019a) confirma a definição de Schelling, qual seja, o *infamiliar* como algo que deveria permanecer oculto, mas que veio à tona. Ao final de sua exposição sobre os fatores que causam o *infamiliar*, Freud apresenta aquele que considera ser o mais forte exemplo de *infamiliaridade* – a morte. Ele justifica a opção de abordar esse aspecto no final do seu ensaio pelo recobrimento que o *infamiliar* realiza com o horrível.

Segundo Freud (1919/2019a), a morte é o antigo que permanece escondido sob uma fina coberta, em que dois fatores informam sobre o silêncio que a encobre, quais sejam: as forças das reações emocionais originárias e a incerteza do conhecimento científico. Ao dizer da relação do *infamiliar* com a morte, Freud (1919/2019a) se aproxima de um debate com a religião, tema que ele trabalhará de forma mais consistente nos anos seguintes, principalmente em *O futuro de uma ilusão* (1927/2014b); *O mal-estar na civilização* (1927/2014b) e *O homem Moisés e a religião Monoteísta* (1939/2018). Ele analisa que a contestação que as religiões realizam diante do fato inegável de a morte individual prolongar a existência além do fim da vida para corrigir a vida terrena, ocorre pela renúncia em prol de uma vida melhor no além.

A crença de que é possível comunicar com os mortos leva inclusive os mais profundos pensadores entre os homens da ciência a considerar tal possibilidade diante da proximidade do fim da própria vida. Freud (1919/2019a) considera que esse ponto revela que ainda resta um pensamento selvagem em quase todos nós. O medo primitivo da morte ainda é muito poderoso e

⁹ Este é um dos momentos em que a tradução de *unheimliche* por estranho encontra seu maior contraponto, pois na mesma proposição estão presentes as duas palavras germânicas *unheimliche* e *fremd*, e ambas são traduzidas pela mesma palavra – estranho, o que torna nesse trecho difícil a diferenciação na língua portuguesa. Neste trecho associa-se a palavra de língua portuguesa “estrangeiro” com *fremd*, e preserva-se *unheimliche* como sensação, conforme discutido na seção anterior.

está pronto para se expressar assim que algo venha a seu encontro, de forma que aquilo que é mais primitivo possa ser experimentado como *infamiliar*.

A essa altura da discussão, Freud (1919/2019a) já desenvolveu o animismo, a magia e a feitiçaria, a onipotência de pensamento, a relação com a morte, a repetição involuntária e o complexo de castração como fatores fundamentais a partir dos quais a angústia se torna *infamiliar*.

Outro fator analisado por Freud (1919/2019a) como causa de *infamiliar* é a realização de más intenções de pessoas vivas com a ajuda de forças especiais. Ele recorre ao exemplo do Gettatore¹⁰ como evidência de que o pressentimento de forças secretas também possa causar a sensação de *infamiliar*. A própria psicanálise, ocupada em descobrir essas forças misteriosas, torna-se, ela mesma, *infamiliar* para muitas pessoas, indica Freud.

O temor de ser enterrado vivo também causa sensação de *infamiliar*, mas, conforme ressalta Freud, a psicanálise ensinou que essa fantasia assustadora é apenas a transformação de uma outra que “originariamente, nada tinha de aterrorizante, mas era portadora de fato de uma certa lascívia: a fantasia de viver no ventre materno” (Freud, 1919/2019a, p. 93).

Feitas as discussões sobre animismo e o modo de trabalhar do aparelho psíquico, Freud considera que o efeito de *infamiliar* acontece de forma mais fácil e mais frequente quando as fronteiras entre fantasia e realidade são apagadas, quando algo real surge diante sujeito, quando um símbolo assume a plena realização.

Para dizer sobre essa causa de *infamiliaridade*, Freud cita o exemplo de um casal que se muda para uma casa onde há uma mesa talhada na forma de um crocodilo. Ao anoitecer, ambos percebem um insuportável e característico fedor. Quando tropeçam no escuro em alguma coisa, eles acreditam ver algo pela escada. Esses acontecimentos são atribuídos à presença dessa mesa, pois crocodilos fantasmas estariam assombrando a casa ou monstros de madeira adquiriam vida na escuridão. Freud (1919/2019a) conclui: “Era uma história completamente simplória, mas seu efeito *infamiliar* era sentido de maneira extraordinária” (p. 95).

Freud (1919/2019a) percebe que sua coleção de exemplos ainda está incompleta e, para finalizar sua análise, menciona experiência a partir do trabalho psicanalítico que melhor corrobora a interpretação do *infamiliar*.

¹⁰ Aquele que possui “olho gordo” ou “olho grande”, sobre quem se contavam muitas histórias em especial na Córsega e no sul da Itália. Caso atingido pelo “olho gordo” do Gettatore, é impossível evitar a desgraça. (Chaves, Tavares & Iannini, 2019 p. 122)

Ocorre com frequência que homens neuróticos declararem que o genital feminino seria, para eles, algo *infamiliar*. Mas esse *infamiliar* [*unheimlich*] é a porta de entrada para o antigo lar [*heim*] da criatura humana, para o lugar no qual cada um, pelo menos uma vez, encontrou-se. (p.95)

Nesse caso, o *infamiliar* é também o que há muito foi familiar, onde o prefixo da negação “UN” é marca do recalçamento. O *infamiliar* é, assim, o familiar-doméstico que sofreu recalçamento. A partir dessa análise, Freud (1919/2019a) identifica que toda situação de *infamiliar* preenche essa condição. O cerne da problematização de Freud sobre o *infamiliar* é a aparição de algo familiar. Dito de outro modo e sem a intenção de causar um paradoxo, a presença do familiar é o que faz surgir a sensação de *infamiliar*. Justamente aquilo que é familiar que causa a sensação de *infamiliar*. É essa a *démarche* do pensamento freudiano sobre o *infamiliar*.

Freud também percebe contrapontos no debate sobre o *infamiliar*. Ele menciona o fato de que autômatos, ao ganhar vida, não causam sensação de *infamiliaridade*, ao contrário, muitas vezes há até mesmo esse desejo. A ressurreição de mortos, algo totalmente fora de uma certa noção da realidade, nos contos, não causa *infamiliaridade*. Nem o fato de Branca de Neve abrir novamente os olhos, nem os milagres do *Novo Testamento* causam a sensação de *infamiliaridade*. Esses exemplos, no entanto, são retirados do domínio da ficção, da criação literária.

Assim, Freud (1919/2019a) percebe que o vivenciado como *infamiliar* através da leitura é diferente. Para ele, a condição para que surja a sensação de *infamiliar* está nas crenças, em antigas convicções que ainda sobrevivem e estão à espera de uma confirmação. Quem, ao contrário, se livra das crenças animistas não experimentaria esse tipo de sensação *infamiliar*, o que condiz com seu pensamento. Afinal, quem mantém mais familiaridade com determinado animismo ao presenciar algo dessa ordem sentirá a sensação de *infamiliar*, enquanto aqueles que se distanciaram têm menos chance de serem afetados por determinada *infamiliaridade* causada por certa experiência anímica.

Algo diferente acontece com o *infamiliar* que advém de complexos infantis recalçados, do complexo de castração, da fantasia com o ventre materno. Esse *infamiliar* estaria ligado ao recalçado que foi conhecido.

Assim, existem dois tipos de causas da *infamiliaridade*: uma ligada a crenças animistas não superadas e outra conectada ao material recalçado que um dia foi conhecido. No primeiro caso,

trata-se de uma superação da crença na realidade e, no segundo caso, de um recalçamento efetivo de um conteúdo e do retorno do recalcado.

Freud (1919/2019a) conclui:

O *infamiliar* da vivência existe quando complexos infantis recalçados são revividos por meio de uma impressão ou quando crenças primitivas superadas aparecem novamente confirmadas. Por fim, não devemos permitir que, pela preferência por uma hábil resolução e transparente apresentação, nem sempre ser claramente distinguidas as duas formas estranho aqui apresentadas. (pp.105-107).

As crenças primitivas se acoplam, no mais íntimo, aos complexos infantis e neles se enraízam, o que faz com que seja de difícil delimitação a fronteira das duas formas de *infamiliar*. O resultado paradoxal que ressoa é que a criação literária comporta muito mais possibilidades de atingir efeitos do *infamiliar* do que na vida e que muito daquilo que não é *infamiliar* na literatura o seria se fosse aplicado à vida, como no caso do escritor que deixa acontecer algo que, na realidade, raramente ou nunca aconteceria. O escritor atrai, desse modo, crenças que supunha estarem superadas e ilude o leitor sobre a realidade proposta no conto. Esse recurso causa de *infamiliar* só é possível na literatura.

A conclusão do ensaio sobre o *infamiliar* ainda suscita muitos pontos, o que torna difícil considerar essa questão como encerrada, o que análise sobre o *infamiliar* mostra é que mais do que respostas ela aponta para mais caminhos e direções. Vendo os elementos do retorno do recalcado, do narcisismo, da compulsão a repetição, Freud indica com o *infamiliar* mais possibilidades e mais desdobramentos que a palavra e a sensação podem assumir do que propriamente uma definição acerca dessa palavra conceito. Nesse aspecto, a direção tomada neste trabalho consiste na hipótese de que a sensação de *infamiliar* comporta mais significantes do que a palavra sugere. Diferentemente dos Outros termos que carregam uma definição concisa e mais do que um conceito, o *infamiliar* indica uma forma metodológica de tratar o encontro com o inconsciente.

1.4 Perspectivas atuais do infamiliar

Apresentada a leitura freudiana sobre o *infamiliar*, prossegue-se com a análise dos desdobramentos dessa publicação. Inicialmente o artigo repercute de forma mais insidiosa nos autores da estética, da linguística e da literatura fantástica. O interesse dos psicanalistas pelo texto se dará de forma contundente anos mais tarde, principalmente a partir dos anos 1960 ou se estabelecerá como um conceito do final do século XX conforme Masschein (2011) considera. Atualmente a temática do *infamiliar* parece ter ‘vindo à tona’, com debates, nova proposta de tradução e artigos que problematizam o texto freudiano.

Definindo *Das Unheimliche* como palavra e conceito, Iannini e Tavares (2019), respectivamente, editor e tradutor da mais recente versão da obra freudiana em português, consideram inapropriado separar a palavra e o conceito, destacando o intuito que Freud tem desde o início em precisar e delimitar o que suscita angústia e horror. A análise lexicológica adotada por Freud pretende justamente cingir o real que ele recorta.

Atentos ao único caso no vocabulário freudiano em que o próprio autor se dedica exaustivamente a essa investigação, Iannini e Tavares (2019) pontuam a divisão que as teses freudianas sobre a subjetividade instalam algumas premissas fundamentais da concepção moderna de subjetividade, como a unidade do Eu ou a transparência dos atos de consciência, como a própria ideia de divisão do sujeito na contramão do cartesianismo. Os autores consideram ainda que o exercício de Freud, de início visto como lexical, filológico ou filosófico, passa a se mostrar essencialmente psicanalítico ao marcar a divisão psíquica na língua.

Às voltas com o mesmo impasse, Quinet (2009) também não recua em criar seus neologismos se referindo ao termo como “ex-tranho” e “ex-tranheza” no intuito de marcar justamente a diferença entre *infamiliar* e estranho que Freud desenvolve no texto. A partir da súbita forma da experiência *infamiliar* naquele que talvez seja o mais paradigmático exemplo de *infamiliar*, Quinet (2009) comenta a nota de rodapé escrita por Freud para abordar o olhar.

Trata-se da nota em que Freud (1919/2019a) descreve o ocorrido em uma viagem de trem, quando de repente, a porta se abre e ele vê um homem de roupão em seu compartimento com o qual não simpatiza e, subitamente, percebe ser sua própria imagem refletida no espelho por detrás da porta que se abriu. Quinet (2009) analisa que Freud é afetado pelo objeto olhar, que desfaz a

imagem especular, impedindo-o de se reconhecer e, dessa forma, é objeto do olhar antipático do outro: “O *infamiliar* é esse objeto” (p. 9).

Quinet (2009) trata a experiência com o duplo abordada por Freud no *infamiliar*: não se refere à instância do Eu à imagem narcísica, mas ao objeto *a* como supereu, especificamente o objeto olhar. A extração do objeto *a* real das determinações simbólicas em que o Eu se sustenta provoca a perda dos pontos de referência imaginários e o lugar que o sujeito havia encontrado para si no Outro, seu lar, familiar, tornando-se assim *infamiliar*.

Sobre a experiência de Freud no trem, Dunker (2019) atribui a perda do sentimento de unidade do mundo, pertencente ao que ele considera como segunda série das causas de *infamiliaridade* que Freud trabalha no texto. A primeira delas resulta da negação da realidade da mortalidade ou da finitude enquanto a terceira caracteriza-se pela violação no pacto entre realidade e fantasia. Dunker (2019) considera que o *infamiliar* sintetiza a ampla gama de fenômenos mágicos, místicos e semirreligiosos, realizando um reexame do paradigma do “modo animista em geral de pensar”. O *infamiliar* interroga para o autor o estatuto da verdade da realidade em psicanálise e o exemplo da análise lógica das negações. “O sentimento de *infamiliaridade* indicaria a persistência da onipotência de pensamentos, uma espécie de déficit de simbolização que remanesce na crença de que o pensamento possui poder causal sobre fatos do mundo” (Dunker, 2019, p. 200).

O autor é mais um dos que destacam a importância da palavra e sua relação com a sensação, principalmente na análise lógica das negações e nas diferentes maneiras de negar a familiaridade. *Unheimliche* é pertencente ao pequeno círculo de palavras fundadoras da psicanálise as quais têm por característica o negativo (*Un*), como *Unbewusst* [inconsciente], *Unbehagen* [mal-estar], que, mesmo incidindo sobre um conceito determinado, criam outro sentido completamente diferente daquele esperado pela oposição. É precisamente por esse fato que a negação de familiaridade [*heimliche*] não corresponde nem ao estranho como negação positivo do familiar, nem como indiferente ou alheio, correspondente ao caso da negação indeterminada, mas aos dois círculos de representações: “ou seja, trata-se de uma oposição parcial, e não de toda alheidade” (Dunker, 2019, p. 203).

O *infamiliar* é, segundo Dunker (2019), produzido em três tempos. No primeiro, a fronteira entre fantasia e realidade é apagada, negando a separação de fantasia e realidade. No segundo, a ambivalência ou indeterminação faz com que algo novo surja ou se revele, dando luz ao sabido, ou seja, ao Real. No terceiro tempo, o símbolo assume sua realização e significa o simbolizado,

inaugurando uma nova forma de compreendê-lo. O *infamiliar* é, para o autor, um efeito de emergência do Real de um certo plano de consideração sobre a realidade.

A *infamiliar* experiência de Freud no trem também pode ser associada à sua biografia, que é iniciada em Freiberg (atual República Tcheca) até chegar a Viena. É o próprio Freud quem diz que suas viagens carregavam algum mal-estar, como em sua ida a Nova York, em 1914, quando ele declara que iria “levar a peste” e provoca inquietação.

Renato Mezan (1989), em seu livro *Freud, o pensador da cultura*, comenta a paradoxal relação que Freud tinha com Viena, cidade onde se estabeleceu e viveu quase toda a sua vida, mas que também lhe apresentava uma hostilidade profunda. A história de Freud mostra certo estrangeirismo. Eliana Mendes (2019) faz disso uma questão, perguntando se de alguma forma o fato de Freud não falar dos estrangeiros em seu texto sobre o *infamiliar* poderia estar subjacente ao que ele escreve no artigo.

O estrangeirismo de Freud, seu mal-estar em Viena não o impede de viajar tampouco de dialogar com áreas estrangeiras, como a neurologia, a psicologia e a psicanálise que ele desenvolvia. O diálogo estabelecido por Freud entre arte, psicanálise e estética faz com que o *infamiliar* repercuta inicialmente na literatura fantástica, local privilegiado do tema, onde Freud estabelece a diferença em relação ao pensamento de Jentsch, atribuindo à castração o elemento causador do *infamiliar* no conto *O homem da areia*, e não a incerteza intelectual. O *infamiliar* da literatura é para Freud (1919/2019a) mais rico do que aquele das vivências. Ele considera que o conteúdo do reino da fantasia dispensa a prova de realidade, ou seja, muito daquilo que é *infamiliar* na criação literária não é *infamiliar* quando aplicado à realidade.

Marcado pela literatura fantástica, o conceito de *infamiliar* se expande para além de uma definição concisa de algo familiar que repentinamente se torna desconhecido e *infamiliar*. O romancista Nicholas Royale (2003) em seu livro *The Uncanny*, considera que a expansão desse conceito adia perpetuamente uma definição fechada, caracterizando-se como um estilo de pensar, de escrever, de ensinar, sinônimo de uma desconstrução. Royale (2003) classifica o *Unheimliche* como uma palavra passe “passe-partout”, insidiosa e onipresente para abordar praticamente qualquer tópico: política, história, humanidade, tecnologia, psicanálise, religião ao lado de questões estéticas mais familiares relacionadas ao gênero ou aspectos comumente associados ao misterioso. Em um espaço de indefinição e constante transformação, ele considera que: “O *infamiliar*, em

outras palavras, nunca é consertado, mas constantemente alterado. O *infamiliar* é (o) perturbador (dele próprio)” (Royale, 2003, p. 5, tradução nossa).¹¹

Situando o referido texto entre a literatura e a psicanálise, Ana Maria Portugal (2006) em seu livro *O vidro da palavra: o estranho, literatura e psicanálise*, recorre à metáfora da transparência do vidro para se referir a característica do estranho-familiar do *unheimliche*.

A metáfora do vidro, este material frio e liso, no qual os vestígios se tornam manchas que podem ser apagadas (Benjamin), é tomada por Blanchot como superfície que separa, mas não oculta, permitindo, com a palavra, um contato outro: o vidro da palavra. (p. 164)

Em um percurso estético literário e psicanalítico, a autora desdobra a dimensão litoral que o *Unheimliche* realiza entre essas áreas como conjunção e disjunção simultâneas, não permitindo literatura sem psicanálise nem psicanálise sem literatura. Ela considera que se, por um lado, *Unheimliche* pertence à psicanálise, como litoral, *heim*, familiar, por outro, pertence à literatura, ao limbo dos poetas. Portugal (2006) ressalta a capacidade de rompimento com o significante que o *Unheimliche* permite, ao mesmo tempo que o mantém estendido; o fio da escrita firma o limite entre o simbólico e o real.

Questionando até que ponto *Unheimliche* pode ser considerado um conceito completo dentro do pensamento freudiano, Anneleen Masschein (2011) analisa o *infamiliar* como o último conceito do século XX. Ela considera que, por ultrapassar os limites de uma teoria psicanalítica estrita, o *infamiliar* não pode mais ser considerado um conceito psicanalítico, ainda que Freud seja “o fundador do discurso”, no sentido foucaultiano e que nenhum gesto de conceitualização foi forte o suficiente para iniciar um processo de conceituação, nem mesmo o de Freud. O conceito só é realmente captado nas últimas três décadas do século XX, período em que o ensaio de Freud é amplamente descoberto, sob a influência principalmente francesa e anglo-saxônica. É no período de 1970-1980, marcado por uma série de desconstruções, que ocorre a verdadeira fase de conceituação do *infamiliar*. Após longo período de latência, inúmeros autores refletem a descoberta do texto freudiano, a posição marginal do ensaio e também o status do conceito. Masschein (2011) escreve:

¹¹ “*The unfamiliar, in other words, is never fixed, but constantly altering. The uncanny is (the) unsettling (of itself)*”. (Royle, 2003, p. 5)

Neste período, o conceito de *infamiliar* passa por mudanças significativas. Teoricamente, são introduzidos novos significados que engrossam o tecido conceitual. Praticamente, o *infamiliar* é associado de forma duradoura a um tipo específico de *corpus*, vários tipos de narrativas e motivos, e com um método de ler. (p. 4, tradução nossa).¹²

A observação de Anneleen (2011) sobre o *infamiliar* como método de leitura é vista também sob a ausência de um relato sistemático da posição desse conceito em Freud principalmente após 1921. A autora destaca que conforme os editores franceses apontam, Freud raramente cita o ensaio após 1919 mesmo que se referindo ao conceito ou o adjetivo *unheimlich*, conforme Bourguignon escreve: “É importante enfatizar que a palavra *unheimlich* funciona em toda a obra de Freud, muito além da sobredeterminação linguística revelada por Freud em ‘*Das Unheimliche*’” (Bourguignon, 1989 p.109, nossa tradução).

A forma sobredeterminada do *infamiliar* também é percebida em uma vertente metapsicológica pelo psicanalista Mladen Dolar (1991) ao considerar que o artigo está localizado no coração da psicanálise:

É a dimensão onde todos os conceitos da psicanálise se encontram, onde as suas diversas linhas de argumento formam um nó. O *infamiliar* fornece a chave para o projeto básico da psicanálise, ainda que Freud pareça estar um tanto perdido de como fazer o seu uso. (p.1).

Dolar considera que a opção inglesa de *unheimliche* para *uncanny* consegue preservar a ambiguidade essencial do termo alemão, mas a língua francesa não consegue realizar o mesmo; “Então Lacan teve de inventar um, extimidade [*extimité*].” (Dolar, 1991, p. 1). Esse termo aponta diretamente a dimensão essencial da psicanálise entre o interior e o exterior, onde a mais íntima interioridade coincide com o exterior tornando-se ameaçador e provocando horror e angústia. Essa dimensão além do ‘psíquico’ e o ‘real’ que se nomeia o real lacaniano (Dolar, 1991).

¹² *In this period, the concept of the uncanny undergoes significant changes. Theoretically, new meanings are introduced that thicken the conceptual tissue. Practically, the uncanny is lastingly associated with a specific kind of corpus, various types of narratives and motifs, and with a method of reading.*

A análise de Dolar deixa mais visível a aproximação que Lacan fará do *infamiliar* com o desenvolvimento do objeto *a*, que é tema do capítulo 3 deste trabalho, ao escrever sobre as relações da extimidade, do real e da angústia com o caminho traçado por Lacan para o desenvolvimento de seu mais caro conceito. Dolar (1991) também pontua a irônica virada que acontece no conto de Hoffmann *O homem da areia* através do papel socialmente atribuído à mulher, Olympia, que enquanto autômato flutua entre a zona do vivo e do morto, proferindo um “Oh!” na hora certa para produzir o espectro da mulher. O autor destaca que a boneca mecânica apenas acentua o caráter mecânico das relações intersubjetivas, aspecto explorado pela posição do analista que, proferindo no máximo um “Oh!” aqui e ali, ele faz de si um autômato para fazer surgir a dimensão do Outro, real interlocutor do “monólogo” do paciente e do *infamiliar* amor, no sentido de uma transferência: “As longas conversas de Nathaniel prefiguram a sessão analítica” (Dolar, 1991, p. 5).

Mas a boneca, escreve Dolar (2011), também é um dissociado complexo de Nathaniel que o confronta em forma de pessoa representando sua “melhor metade”, metade perdida que faria dele um todo, mas que aparenta ser a pulsão de morte materializada, mostrando o ponto em que o complemento narcísico se torna letal, onde o imaginário tropeça no real.

Chaves (2019) analisa que, assim como duas décadas antes de 1919 havia enfrentado o *establishment* médico-psiquiátrico para criar a psicanálise, Freud procede em relação aos especialistas em estética. Para Chaves (2019), em *O infamiliar*, Freud (1919/2019a) se confronta de outra maneira com os especialistas em estética do que em sua análise anterior dedicada ao Moisés de Michelangelo (1914). Se naquela época Freud se desculpa confessando sua humildade, rendido à autoridade dos especialistas, em *O infamiliar* ele não só aponta um déficit como também propõe outra definição de estética: “a teoria das qualidades do nosso sentir”.

A comparação de Olympia com o papel socialmente atribuído à mulher e ao analista provoca uma reflexão da dimensão clínica, que ao contrário das publicações que Freud realiza nesses anos, não é bem definida no ensaio sobre o *infamiliar*. Pensar a dimensão clínica da sensação de *infamiliar* permite um desdobramento não suficientemente claro em Freud, mas com importantes indicações a um terreno fértil a ser desdobrado, tratando da transferência, do recalque, das noções de extimidade, do Real e do objeto *a* lacaniano.

Por isso, a proposta do capítulo 2 em discutir a leitura do *infamiliar* em Freud para além de 1919, e do capítulo 3 que, pela relevância das contribuições clínicas que Lacan faz à psicanálise, aborde as aproximações que o autor realiza com esse conceito, como o pensamento êxtimo, a

angústia e fundamentalmente o objeto *a*. Problematizar as possibilidades da leitura do *infamiliar* na clínica psicanalítica possibilita a desobstrução de conteúdos inconscientes recalçados, que através da experiência *infamiliar* podem vir a lume.

1.5 Desdobramentos e possibilidades infamiliars

Visto de uma perspectiva atual, o ensaio sobre o *infamiliar* retoma temáticas que Freud desenvolve anos antes, como os conceitos de recalque, compulsão à repetição e narcisismo, além de elementos que ele apresentará nos anos seguintes, principalmente *Além do princípio do prazer* (1920/2020a). Freud também realiza discussões sobre a religião e a angústia, tema que desenvolverá anos depois em *Inibição, sintoma e angústia* (1926/2014b). Luiz Alberto Hanns (1996), no *Dicionário comentado do alemão de Freud*, considera:

Freud aponta para o fato de que a palavra alemã teria certa ambiguidade, oscilando entre o ‘familiar’ e o ‘desconhecido’. Relaciona-se tal ambiguidade com a sensação de inquietude do sujeito pelo retorno do material recalçado [portanto conhecido], o qual volta sob a forma de algo desconhecido e assustador (p. 231).

Garcia-Roza (1986) identifica que a ocorrência do *Unheimliche* só é possível se houver repetição.

Só há ‘*unheimlich*’ se houver repetição. O estranho é algo que retorna, algo que se repete, mas que ao mesmo tempo se apresenta como diferente. O ‘*unheimlich*’ é uma repetição diferente e não uma repetição do mesmo. Freud refere essa repetição à própria natureza das pulsões, ‘uma compulsão poderosa o bastante para precaver sobre o princípio do prazer’. (p. 24-25)

Paul Laurent Assoun (2002) escreve em *Le vocabulaire de Freud* que cotidianamente o termo se refere ao assustador, que é desconhecido, quando complexos infantis reprimidos reacendem por alguma impressão externa ou reaparecem convicções primitivas. Assoun destaca na

definição de Freud o trabalho linguístico e a emersão do complexo de castração, para ele o *infamiliar*:

Mostra o trabalho linguístico produzido por Freud em um termo da linguagem cotidiana, em que mostra como trai o duplo sentido da noção de *unheimlich*, o fato de ser em casa, mas que se depara com várias figuras *infamiliars*. Dúvidas sobre o animado ou inoportuno são susceptíveis de produzir este efeito, os efeitos do ‘duplo’, da repetição involuntária, do "mau-olhado" e representações de morte. O que emerge é o conteúdo do complexo de castração, portanto que emerge da ansiedade em relação aos olhos (enucleação)atualização em particular de O homem da areia por E. T. A. Hoffmann. (p. 40, tradução nossa).

Ao realizar uma inaugural leitura sobre a temática do *infamiliar*, comumente pode-se ter a impressão do *infamiliar* como algo desconhecido, nebuloso e demasiadamente obscuro. O texto atravessa amplos conceitos, cenários, exemplos e situações do desenvolvimento da psicanálise, algumas delas ainda nem estabelecidas textualmente ou ainda não claras do ponto de vista conceitual. Para Rocha (2010), “*Das Unheimliche* é um texto fraturado, reiteradas vezes interrompido bruscamente, e que sonega do leitor um norte, um fio condutor ou mesmo um apoio acerca de seus propósitos fundamentais” (p. 229).

A opção de *unheimliche* utilizada por Freud como palavra conceito é inédita. Cixous (2007) considera essa designação elástica, pertencendo ao mesmo tempo a um “domínio” e “conceito”. A autora analisa que *unheimliche* enquanto domínio permanece indefino, e como um conceito não possui núcleo, ele estaria à margem de outra coisa. Até por isso pode-se perceber a ancoragem dessa discussão com as diversas referências de Freud para abordar essa temática.

É o que acontece no conto de Hoffmann, onde Freud (1919/2019a) identifica que o *infamiliar* é o fato de o temível homem da areia ser aquele que arranca os olhos das criancinhas, remetendo ao medo de castração, tal como a tragédia do mítico criminoso Édipo.

Embora Freud faça referência à castração em outros momentos de sua obra, como na *Carta 55*, dirigida a Flies em 1897, e em *A interpretação dos sonhos* (1900), é somente em 1924 com o texto *A dissolução do complexo de Édipo* que ele dedica um ensaio ao mito de Édipo Rei. A presença desses elementos que serão mais desenvolvidos nos anos seguintes, mostra marcas de

uma teoria ainda em desenvolvimento, com a qual *O infamiliar* também contribuirá com suas marcas.

Entretanto, ao se debruçar sobre o texto, percebe-se de forma mais nítida que o *infamiliar* não se trata daquilo que é desconhecido, mas daquilo que há muito é conhecido. É justamente o retorno daquilo que é íntimo que causa a sensação de *infamiliar*. O *infamiliar* é a súbita aparição de um familiar íntimo, secreto. Várias são as passagens em que Freud (1919/2019a) se esforça para dar nitidez ao aspecto do *infamiliar* como aquilo que é mais íntimo ao sujeito.

O exemplo que talvez ilustre a melhor dimensão desse íntimo/familiar [*heimlich*] pode ser percebido quando Freud recorre ao *Dicionário alemão, de Jacob e Wilhelm Grim*. Nessa passagem ele menciona o caso de funcionários chamados de “conselheiros *heimlich* [secretos]” que prestam conselhos importantes e de cunho sigiloso em assuntos de Estado. De modo que, sabe-se da existência desses conselheiros e que eles possuem algo bastante íntimo e secreto, ao qual não se tem acesso. O acesso ao secreto de alguma forma pode, ao se revelar, comprometer, mostrando algo que estava oculto. Assim também ocorre com o *infamiliar*, quando o acesso repentino ao íntimo, ao secreto, acontece, causa uma sensação que sobrevém no sujeito.

A partir dessa referência Freud (1919/2019a) consegue aproximar o conceito de *infamiliar* aos conceitos de narcisismo, do complexo de castração, do recalque, pois esses conceitos contêm o secreto e oculto do qual o inconsciente é guardião. Ao surgir o secreto, o íntimo, aquilo que é da ordem do inconsciente, a sensação de *infamiliar* pode ser experimentada pelo sujeito. Essa referência pode ser comparada à experiência de Nathaniel no conto *O homem da areia*. Embora a mãe negue a existência dessa figura e Nathaniel tenha idade suficiente para rejeitar o conteúdo, algo desse temor é mantido por ele e retorna.

Ao reconhecer Giuseppe Coppola, algo da castração dos olhos aparece em cena. Ao encontrar Coppola vendendo barômetros, Nathaniel cai em desespero, pois é atormentado pela aproximação do nome do vendedor Copola com a figura do terrível homem da areia Coppelius. Coppola, então, muda sua oferta: “Ah, *barômetro no, barômetro no. Bellis occhios – bellis occhios*”. Coppola então mostra os objetos que são na verdade óculos e não olhos. Chama a atenção o fator da repetição enfatizado no conto ao dizer *bellis occhios* por duas vezes. A expressão “*bellis occhios*” também pode ser lida como uma proteção para os olhos, como se o terrível castrador agora quisesse proteger esses olhos com os óculos, objeto que conteria em si a ideia de uma proteção a eles.

Os *Bellis oculos* – *bellis oculos!* Que Nathaniel compra de Coppola e o permitem avistar Coppelius, o real traumático, acabam por o matar. O desaparecimento do homem da areia destacado por Freud, evidencia o que ele desenvolve em *Além do princípio do prazer* (1920/2020a), ou seja, a tentativa de um apaziguamento que vê no lançamento a morte a possibilidade de se saciar. Ao final de *Além do princípio do prazer*, Freud diz de uma especulação entre pulsão de vida e pulsão de morte com a ocorrência de tantos processos estranhos e não visualizáveis, como o de uma pulsão ser expulsa por outras, ou voltar-se do Eu para o objeto;

No julgamento de nossa especulação sobre as pulsões de vida e de morte, pouco nos incomodaria que nela ocorressem tantos processos estranhos e não visualizáveis como de uma pulsão ser expulsa por outras ou voltar-se do Eu para o objeto. (Freud, 1920/2020, p. 195).¹³

Também em *Além do princípio do prazer*, Freud cita como exemplo a mulher que se casa três vezes consecutivas com homens que adoeceram e depois de pouco tempo tiveram que ser tratados por ela até a morte como exemplo da repetição. Ele também recorre a epopeia romântica *Gerusalemme Liberata* [*Jerusalém libertada*] onde o Herói Tancredo mata, sem saber sua amada Clorinda, quando ela luta com ele vestindo a armadura de um cavaleiro inimigo, escreve Freud:

Depois de seu sepultamento ele penetra na *infamiliar* floresta encantada que assusta o exército dos cruzados. Lá, ele fere uma grande árvore com sua espada, mas da ferida da árvore escorre sangue, e a voz de Clorinda, cuja alma estava aprisionada nessa árvore, acusa-o de novamente ter ferido sua amada. (Freud, 1920/2020, p.97).¹⁴

¹³ In der Beuteilung unserer Spekulation über die Lebens – und Todestrieb wurde es un wenig stören, daB so viel befremdende und unanschauliche Vorgänge darin vorkommen, wie ein, Trieb werde vib abdereb herausgedrängt, order er wende sich vin Ucg zyn Objekt u. dgl. (Freud, 1920/2020, p. 194).

¹⁴ Nach ihrem Begrabnis dringt er in den unheimlichem Zaisberwald ein, der das Heer der Kreuzfahrer schreckt. Dort zerhaut er einen hohen Baum mit seinem Schwert, aber aus der Wunde des Baumes strömt Blut und Die Stimme Clorindas, deren Seele in diesen Baum gebannt war, klagt ihn an, daB er wiederum die Geliebte geschadigt habe. (Freud, 1920/2020, p. 96).

A reminiscência destacada nesses trechos se assemelha às sofridas por Nathaniel com a morte do pai. Ao ler o conto, considerando a noção de *infamiliar*, percebe-se que o *infamiliar* trabalhado por Freud nestes exemplos, aponta para o acontecimento que remete ao traumático, a repetição, e acaba por causar dentre outras enfermidades, como as que o personagem Natanael sofre ao longo da história, a loucura a qual ele é acometido no final do conto, sinalizando algo de um Real insuportável o consome.

Coppelius incorpora ao longo da história, algo que metaforicamente representaria o retorno do recaiado ao qual Nathaniel não consegue se ver livre. O ato de se atirar da torre representa no conto a morte de Nathaniel, que atormentado por esse retorno traumático perde a própria vida. A constituição desse sintoma o atormenta e o leva a morte. Entretanto, a metáfora de jogar-se de uma torre pode ser analisada em uma perspectiva clínica, como a mortificação do sujeito, que, embora não se atire de uma torre, é atormentado pela repetição involuntária que assombra e limita suas perspectivas de vida.

Outra leitura permite identificar a presença da pulsão de autoconservação em o *infamiliar*. Se o *infamiliar* traz à tona a presença do mortífero, por outro lado, sua não aparição sugere um princípio de realidade, que, ao ser rompido, é experimentado como *infamiliar*.

As considerações freudianas acerca da narrativa de Hoffmann, no entanto, são vistas como seletivas, aponta Cixous (2007). Ela considera que Freud poda a estrutura narrativa e detalhes “supérfluos”:

Freud podou a história de sua estrutura narrativa envolvida, da heterogeneidade de seus pontos de vista, de todos os detalhes "supérfluos" (o aspecto operático dá conta com seus coros de estudantes e aldeões e o séquito de mediações que são mais ou menos úteis para o enredo), podou-o de qualquer significado que não parecesse contribuir à economia temática da história. (p. 534)

Essa marca também é apontada por Chaves (2019) ao considerar a leitura de Freud sobre o conto hoffmanniano “como uma reprodução ‘infidel’” (p. 166), uma vez que Freud deixa de lado as particularidades da forma literária e não respeita as mudanças do narrador, que ora se mistura, ora se retrai entre a ironia e o horror.

Balizado por esses apontamentos, destaca-se aqui, o desdobramento da questão freudiana sobre o surgimento da repetição que remete ao real traumático através da experiência *infamiliar*.

Não se pode negar o arcabouço teórico, epistemológico que Freud realiza em *O infamiliar*, embora não o articule diretamente a experiência propriamente analítica como o faz com outros conceitos. Como pensar, ou até mesmo identificar o surgimento do *infamiliar* na clínica psicanalítica? Quais consequências políticas ou implicações clínicas o surgimento do *infamiliar* pode sinalizar? Necessariamente ao traumático, ao Real, a castração? Ou seria realmente a apenas uma parte desse material inconsciente que operaria como fio condutor a outros elementos recalçados?

Assim como Freud recorre ao conto de Hoffmann para dizer do *Unheimliche*, um estudo atual que verifique a incidência do *infamiliar* na clínica psicanalítica potencialmente traria avanços a essa discussão. Posta a relação com aspectos do inconsciente e do recalque destacados por Freud na sensação, outras formas de pensar a ocorrência do *infamiliar* possibilitam dar um passo a mais ao trabalhar o *infamiliar* além da ficção.

Freud, em vários momentos de sua obra, tem diferentes construções sobre a cura na psicanálise e em vários textos sobre a direção do tratamento analítico se depara com questões relacionadas ao tempo e à cura na psicanálise. Em *Análise terminável e interminável* (1937/1996b) Freud trabalha vários obstáculos que aparecem na direção da cura analítica e os impasses presentes nesse processo. Freud (1937/1996b) reconhece a necessidade de avançar no tratamento analítico, mas tal objetivo só terá êxito em uma análise com assistência ao *eu*: “Sem dúvida, é desejável abreviar a duração do tratamento analítico, mas só podemos conseguir nosso intuito terapêutico aumentando o poder da análise em vir em assistência do *eu*” (pp. 245-246).

No entanto, a proposta de uma análise em direção ao *eu* parece fracassar quando Freud (1937/1996b) percebe que somente um “*eu* normal” seria totalmente favorável à análise, e tal condição só existiria em ficção: “Mas um *eu* normal dessa espécie é, como a normalidade em geral, uma ficção ideal” (p. 251).

Diante disso, ao dizer sobre o tempo e a cura no processo analítico, Freud (1937/1996) pontua que:

Nesse campo, parece-me que o interesse dos analistas está bastante erradamente dirigido. Em vez de indagar como se dá uma cura pela análise (assunto que acho ter sido suficientemente elucidado), se deveria perguntar quais são os obstáculos que se colocam no caminho de tal cura. (p. 236)

Ao falar da cura na psicanálise e da inviabilidade de uma análise em assistência ao *Eu*, Freud (1937) percebe que um avanço só é possível através do “aumento” do “poder da análise” (Freud, 1937/1996b, p. 246). Para Freud (1937/1996b) uma análise bem-sucedida não poderá ser vista através do encurtamento do tempo, ele considera que: “se quisermos atender às exigências mais rigorosas feitas à terapia analítica, nossa estrada não nos conduzirá a um abreviamento de sua duração, nem passará por ele” (p. 239). Com as construções sobre essa temática realizadas por Freud ao longo da obra, sua indicação final, ao não relacionar o avanço na terapia analítica a uma cura ou um tempo menor em análise, parece culminar em um percurso que considere a desobstrução aos obstáculos que se apresentam durante o processo de análise. Ao possibilitar à forma repentina algo do inconsciente, poderia a ocorrência do *infamiliar* sinalizar uma desobstrução a esses conteúdos?

A aproximação clínica que a teoria sobre o *infamiliar* realiza poderia ser discutida e problematizada através de outros recursos da psicanálise, por exemplo, o dispositivo do “testemunho de passe”, adotado em algumas instituições como forma de dizer sobre a experiência de fim de análise. Outro recurso já mais utilizado pela psicanálise que pode contribuir na discussão do *infamiliar* na clínica psicanalítica é a habitual análise de casos clínicos. Embora este trabalho não realize essas análises por questões metodológicas, reconhece-se que verificar essa ocorrência nos tempos atuais pode contribuir com os estudos clínicos psicanalíticos, na análise de casos, bem como na direção do tratamento, já que o *infamiliar* se relaciona diretamente com o recalcado, com o narcisismo trazendo à tona o inconsciente.

Freud (1919/2019a) também aponta caminhos que culminam na formação de uma instância no *Eu* que serve à auto-observação e à autocrítica de um trabalho de censura, conhecido como consciência moral. É um momento de desenvolvimento do texto em que a discussão sobre o *infamiliar* parece ser totalmente secundária e discute-se sobre formas do destino do duplo: “às quais a fantasia ainda quer se aferrar, e todas as aspirações do *Eu*, que não puderam se realizar devido a expressas circunstâncias desfavoráveis, assim como todas as decisões volitivas reprimidas, que resultaram na ilusão do livre arbítrio. (p. 73).

Ao dizer do *infamiliar* que ocorre devido ao retorno do mesmo, Freud (1919/2019a) fala sobre o incessante domínio da compulsão à repetição, que depende da mais íntima natureza das pulsões e é suficientemente forte para se impor ao princípio do prazer.

A ideia de ser enterrado vivo também comporta algo *infamiliar* por conter uma certa lascívia, analisada por Freud (1919/2019a) como correlata à fantasia de viver no ventre materno. A ideia de ser enterrado vivo também remete ao retorno ao inorgânico, ponto fundamentalmente trabalhado por Freud em *Além do princípio do prazer* (1920/2020a).

A aproximação do *infamiliar* com o duplo, com a compulsão à repetição, aparece de forma tão forte e marcante, que é possível afirmar que, mais do que uma indicação sobre um texto que está por vir, o texto *O infamiliar* contém o desenvolvimento de elementos fundamentais sobre a temática do princípio do prazer.

A menção de Cixous (2007) sobre o *infamiliar* aludir à pulsão de morte é, desse modo, bastante precisa. Diferentemente de outros textos, em que Freud identifica um caminho que culminará em um texto específico, *O infamiliar* possui uma gama de elementos que, mais do que uma direção, marcam o início dessa discussão.

Uma leitura do princípio do prazer e da realidade que considere os elementos do *infamiliar* desenvolvidos por Freud, potencialmente contribuirá para uma melhor compreensão ao que Freud se dedica nesse momento da sua teoria. O texto sobre o *infamiliar* começa a ser desenvolvido em 1913, um ano antes da declaração da Grande Guerra,¹⁵ e é publicado em 1919, um ano após seu término.

Os aspectos animistas apresentados por Jentsch, embora não sejam considerados por Freud como a principal causa da sensação de *infamiliar* no conto de Hoffmann, não são desconsiderados. Ao dizer do desenvolvimento individual que atravessa o animismo dos primitivos e que não se afasta deles sem que leguem restos e rastros capazes de se expressar, Freud (1919/2019a) mostra que a experiência do *infamiliar* traz à tona restos de atividades psíquicas, primitivas que reaparecem ou não foram totalmente abandonadas, conforme ele menciona nesse trecho ao fazer referência à seção *III Animismo, magia e onipotência de pensamentos*, em *Totem e tabu* (1913/2011a). A onipotência de pensamento e o modo de pensar animista aparentam ser formas já superadas do pensamento, mas reaparecem. A sensação de *infamiliar* revela que o afastamento dos julgamentos dessa natureza ainda remanesce na vida do sujeito.

¹⁵ Primeira Guerra Mundial, conhecida como a Grande Guerra ou Guerra das Guerras.

1.6 Formas *infamiliare*s

Ao trabalhar o *infamiliar*, aborda-se temáticas referentes ao animismo, à magia e à feitiçaria, à onipotência de pensamento, à relação com a morte, à repetição involuntária e ao complexo de castração. Percebe-se em todas uma espécie de repetição de fatores familiares em categorias que, embora sejam distintas, preservam algo primitivo que retorna.

Freud (1919/2019a) diz da *infamiliaridade* de uma pessoa viver com más intenções e do *infamiliar* da loucura, ou seja, ele apresenta categorias que não estão completamente alheias umas às outras, pois trazem consigo o animismo, o duplo e a ideia de forças misteriosas como causa da sensação *infamiliar*. Ocorre que mesmo essas formas surgindo de forma categorizada, elas são fronteiriças, por vezes entrelaçando. Por isso as traduções e até mesmo o termo *Unheimliche* encontra certa dificuldade em possuir uma definição precisa que consiga abarcar a totalidade da ideia que o fenômeno propõe, pois essa sensação em sua aparição é múltipla.

Ao aproximar o *infamiliar* da morte, Freud (1919/2019a) mostra que se reificam crenças primitivas que achava terem sido superadas mesmo nos mais profundos homens da ciência. O medo primitivo da morte, que revela o retorno do recalçamento através da experiência do *infamiliar*, indica o retorno de crenças primitivas, que não foram totalmente elaboradas e, ao restarem no psiquismo, surgem como o que de mais íntimo era preservado sob a expressão desse *infamiliar*.

Freud cita duas observações fundamentais sobre a ocorrência do *infamiliar*. No primeiro caso, ele destaca elementos do *infamiliar* relacionado ao retorno do recalçado. No segundo, ele considera que, se o recalçado que retorna contém a natureza secreta do *infamiliar*, o *infamiliar* não teria nada de novo, mas de familiar, de íntimo à vida anímica. Freud (1919/2019a) entende que o íntimo é o doméstico daquilo que retorna, o motivo que permitiu ao familiar [*heimlich*] associar-se ao *infamiliar* [*unheimlich*].

Ao verificar os elementos da sensação de *infamiliar* na obra freudiana, percebe-se outros atravessamentos que ultrapassam a relação da palavra *Unheimliche* com a sensação. Tomando essa referência, o capítulo 2 retoma as possibilidades de leitura do *infamiliar* em Freud noutros momentos além do texto de 1919.

Busca-se, assim, verificar tais elementos nos casos clínicos apresentados por Freud, bem como em outros momentos de sua obra, por exemplo, a narrativa da viagem de Freud à cidade da Acrópole e a sensação que Dora descreve ao conversar com a governanta. Ambos apresentam a

sensação de algo íntimo que aparece. Em Dora, a intimidade da mãe surge, enquanto que na viagem a Acrópole um sentimento de respeito ao pai vem à tona. Para descrever as sensações nesses casos, Freud faz uso dos termos “*fremd*”, “*sonderbar*” e até estabelece outro termo “*Entfremdungsgefühl*”.¹⁶ Ao remeter a algo do passado e apresentar algo oculto que aparece, tais termos preservam algo em comum que a sensação do *unheimliche* também indica.

Como dito, são casos que não descritos por Freud como *Unheimliche*, e não se pretende tomá-los enquanto tal, visto que Freud não realiza essa opção ou não os descreve como pertencentes a essa ordem. Contudo, pergunta-se: poderiam esses casos comportar algo *Unheimliche* em suas linhas?

No dicionário de língua alemã, de Daniel Sanders (1860), consultado por Freud, *Heimlich* é descrito como: “pertencente à casa, não estranho, familiar, domesticado, conhecido e aconchegante, caseiro etc.”¹⁷ (Freud, 1919/2019a, p. 37). Mesmo de forma negativa, outro significante (*nicht fremd*) estranho surge para definir *heimliche*. Se surge para definir *heimlich* de forma precisa, esse significante ou outros significantes que de forma imprecisa se relacionam ao *Heimliche* poderiam dizer de uma experiência dessa ordem?

Ao se identificar a ocorrência de elementos tão característicos do *Unheimliche* sob diferentes significantes, as marcantes diferenças problematizadas por esses termos e usos que as traduções objetam a essa palavra parecem não ser suficientes para dizer da sensação. Se *Unheimliche* é por definição a sensação que se tem quando algo recalcado, familiar, íntimo vem à tona, essa sensação pode ser experimentada sob outros signos, não somente sobre a palavra de origem germânica analisada por Freud. Palavra que mesmo na língua germânica admite ambivalência em seu uso, haja vista a passagem aludida por Freud em *Os cavaleiros do espírito* [*Die Ritter vom Geist*] do escritor e jornalista alemão Karl Ferdinand:

Os Zeck são todos *heimliche* 2(2.)’ *Heimliche*? O que você entende por *heimliche*? – ‘Bem... com eles tenho impressão semelhante a uma fonte enterrada ou um açude seco. Não se pode passar por ali sem imaginar que a água poderia novamente brotar.’ Nós chamamos isso de *unheimliche*; vocês, de *heimliche*. O que faz você pensar que essa família tem algo de oculto e suspeito? etc. (Freud, 1919/2019a, p. 41)

¹⁶ Equivalente à despersonalização.

¹⁷ “*auch Heimlich, heimelig, zum hause gehorig, nicht fremd, vertraut, zahm, traut und traulich, anheimelnd etc.*” (Freud, 1919/2019, p. 36)

Ao tomar como referência o texto freudiano *O sentido antitético das palavras primitivas* (Freud, 1910/2013b), o próprio *heimliche* comporta em seu sentido uma dimensão antitética, ambígua. O primeiro sentido que assume se refere ao que é confortável, o confiável; o segundo se refere ao que é encoberto, que permanece oculto. A palavra “*unheimliche*” só é usada como oposição à primeira ideia, qual seja, aquilo que não é confortável ou confiável é *unheimliche*. O mesmo não acontece com o segundo caso, por isso ao receber prefixo “UN”, a palavra “heimliche” adquire mais uma face, a da negação deste segundo sentido, ou seja, aquilo que é secreto e oculto é negado. Se o secreto e oculto é negado, nega-se a negação, então ele surge e, por conter a marca da negação, torna-se familiar, mas não um familiar qualquer, *heimliche*, agora esse familiar possui uma marca, é um familiar negado, marcado na escrita como “UN”, portando *un-heimliche*, ou seja, o familiar marcado pelo recalque, um familiar não-todo. A aproximação lacaniana se dá justamente por essa via, com a ideia de extimidade, que será tratada no capítulo 3 desta dissertação.

Iannini e Tavares (2019) destacam que o raciocínio que fundamenta tal asserção prenuncia a tese do artigo de 1925 sobre a negação [*Verneinung*], que será generalizado como princípio do funcionamento de juízos negativos, conforme escreve Freud: “Com a ajuda da negação apenas uma das consequências do processo de recalque é revogada, a saber, a de seu conteúdo de representação não chegar à consciência” (Freud, 1925/2019b, p. 142).

Assim, o diálogo entre os dois personagens permite que estejam certos de suas percepções apesar de serem distintas, já que o primeiro se refere ao *heimliche* como familiar e o segundo toma o outro sentido da palavra – secreto, e para este só seria possível a sensação de algo familiar surgir enquanto *unheimliche*.

Ao identificar a diferença que Freud estabelece do *infamiliar* com as de sensações, estranho, assustador com a leitura realizada por Lacan, a sensação de *Unheimliche* parece comportar mais significados do que a palavra transmite em si. Este ponto pode em determinado aspecto parecer óbvio, pois, embora a palavra comporte algo da sensação, não se trata apenas da palavra. Caso o fosse, só seria possível sentir *Unheimliche* em sua língua mãe e, como se sabe, não é isso que ocorre. Essa talvez seja a maior prova que mostre que *Unheimliche* assume outras formas de representação. Ocorre assim que sua marca é mais facilmente identificada, e comprovada, quando situada ao lado da palavra, esse é justamente o esforço de Freud em seu artigo sobre o *infamiliar* – mostrar a relação da palavra com a sensação.

Ainda que *unheimliche* seja diferente do estranho e de outros significantes, e Freud se preocupe justamente em fazer essa distinção, é possível identificar neles um resíduo do *Unheimliche* mesmo na língua germânica. O *infamiliar* marca e, ao marcar, ele causa. A sensação de *infamiliar* sobretudo causa algo no sujeito. São esses os lastros residuais retomados por Lacan que aproximam a noção de objeto *a* à angústia relacionada ao *infamiliar*.

Chaves (2019) comenta o fato de Freud evitar falar de “sensação” ou de “sensibilidade” derivadas da definição kantiana de estética, até por isso a proposta por “qualidades do sentir”, alargando o domínio da estética nesses campos que excedem a definição tradicional de uma “teoria” ou “doutrina do belo”. Ele percebe que Freud aproxima a sua concepção do sentido da palavra grega *aisthesis*, palavra que ora remete ao *Empfindung*, ora a *Sinnlichkeit*. *Empfindung* e *Sinnlichkeit* podem significar “sensação” e “sensibilidade”, mas no caso de *Sinnlichkeit*, também “sensualidade”: “Ou seja, de algum modo, toda essa gama de sentidos diz respeito ao corpo e suas intensidades, ao corpo como um aparelho perceptivo, por meio do qual o mundo nos penetra” (Chaves, 2019, p. 157). Freud evita essa opção por remeter à ideia de um erotismo sublimado, por isso o uso do sentir, palavra que mobiliza não apenas o corpo, mas igualmente os afetos, considera Chaves (2019).

As discussões e as análises realizadas neste capítulo apontam para a possibilidade de não haver um significante específico que diga sobre a sensação de *Unheimliche*. Assim, na ausência de um significante que a defina, ela surge no corpo. Trata-se, assim, de uma sensação que é sobretudo sentida no corpo, aspecto não suficientemente explorado, seja pela ideia do erotismo sublimado, seja pelos derivados da definição kantiana que Freud evita. Assim também ocorre com a relação ao olhar, que em uma leitura inicial pode não parecer visível, mas o olhar para a boneca Olimpia, os instrumentos ópticos inventados no século XIX, as aparições fantasmagóricas ou até mesmo a duplicação da imagem revelam sua face por todo o texto. O escrito freudiano é caracterizado também por seus enalços, motivo fundamental deste trabalho. Assim, o capítulo 2 problematiza a ocorrência do *infamiliar* em outros textos freudianos, tanto pela ocorrência da palavra *Unheimliche* quanto por características da sensação que Freud descreve como *infamiliar* mesmo sob outro significante.

Ocorre no conto de Hoffmann uma clara cena que retrata a relação entre corpo e psiquismo. A angústia de castração que o jovem Nathanael sofre é sentida por ele no corpo, quando cai em enfermidade com a morte do pai e ao ver o autômato, sua amada Olímpia, ter os olhos arrancados.

A representação do somático no corpo é, afinal, justamente o que permite a Freud a construção de uma nova teoria, a psicanalítica, escreve Birman (1989). Sabe-se que a angústia surge como inscrição corporal nas primeiras publicações que Freud realiza na década de 1890. Com a descoberta de outros conceitos, a temática da angústia acaba perdendo espaço em comparação ao arcabouço teórico que Freud começa a desenvolver.

Na seção VII de *A interpretação dos sonhos* (1900/1996e), Freud dá continuidade à ideia econômica do aparelho psíquico elaborada junto com Breuer. Tomando como referência o princípio de constância, Freud atribui ao aparelho psíquico a tarefa de manter o nível de excitação o mais baixo possível ou ao menos constante. O aumento dessa tensão ocasionaria a angústia.

Em *O inconsciente [Das Unbewusst]* (Freud, 1915/2010e), Freud indica uma tendência geral que o aparelho psíquico assume ao se livrar dos estímulos que chegam até ele. Freud atribui ao Eu a função de se defender de um excesso pulsional interno por meio do recalque.

Esse é mais um dos casos em que a presença do prefixo “Un” indica a marca do recalque na palavra, com todas as implicações conceituais e políticas, conforme Freud universaliza no texto *A negação* (1925/2019b). Mas é interessante também localizar como a ideia de um aparelho psíquico que busca se livrar das excitações se desdobrará na construção do pensamento que ele irá estabelecer em *Além do princípio do prazer* (Freud, 1920/2020a). Afinal é somente a partir da reformulação da teoria das pulsões que Freud estabelece uma teoria da angústia.

Em *As pulsões e seus destinos* (Freud, 1915/2013c), discorre sobre a íntima relação da angústia com o processo de recalque. Ocorre para Freud a separação da ideia (representação) da quota de afeto, a libido. Nessa operação, a ideia (representação) é recalçada, enquanto o afeto pode ter três destinos, um deles é justamente a descarga sob forma de angústia, escreve Freud (1915/2013c). O destino geral da ideia que representa o instinto dificilmente será outro senão desaparecer do consciente, se antes era consciente, ou ser mantida fora da consciência, se estava a ponto de tornar-se consciente. A diferença já não é significativa; corresponde mais ou menos a saber se eu ordeno a um hóspede indesejável que se retire de minha sala ou do vestíbulo, ou se, após tê-lo reconhecido, não permito sequer que ele pise a soleira da entrada. O destino do fator quantitativo da representante instintual pode ser triplo, como nos ensina um rápido exame das experiências reunidas na psicanálise. O instinto é inteiramente suprimido, de modo que dele nada se encontra, ou aparece como um afeto, qualitativamente nuançado de alguma forma, ou é transformado em angústia (p. 68).

Em *Inibição, sintoma e angústia* (Freud, 1926/2014b) é retomada a construção de um estabelecimento geral da teoria da angústia. O texto desenvolve a teoria da angústia baseado principalmente no modelo do aparelho psíquico apresentado por Freud anos antes e conhecido como segunda tópica. Freud apresenta de forma inédita a oposição entre angústia sinal e automática. Nessa nova concepção, a angústia deixa de ser resultado de um movimento de defesa do Eu, passando a ser um dispositivo que sinaliza ao Eu a ameaça, o perigo iminente. Por meio do mecanismo de recalque o Eu tem como último recurso a angústia para se defender do excesso libidinal. Ocorre, assim, uma subversão na teoria da angústia: se antes era o recalque que a causava, agora é a angústia que funciona como sinal para causar o recalque. Freud (1926/2014b) considera:

O problema de como surge a angústia na repressão pode não ser simples; mas temos o direito de nos apegar à ideia de que o Eu é a genuína sede da angústia, e de rejeitar a concepção anterior de que a energia de investimento do impulso reprimido é transformada automaticamente em angústia. Se antes me expressei desse modo, forneci uma descrição fenomenológica, não uma exposição metapsicológica. (p. 16)

É então que Freud enumera as diversas experiências do sujeito ao longo da vida que desencadeiam a angústia. Para tanto, as ocorrências da angústia estão relacionadas ao Eu imaturo, ao desamparo, à primeira infância, à perda do objeto e ao período de latência à constituição superegoica. (Freud, 1926/2014b)

Freud (1925/2014b), eleva a angústia ao patamar de força motriz, permitindo a ela maior protagonismo na estruturação psíquica. A tese fundamental de Freud (1926/2014b) situa a emersão da angústia relacionada à perda do objeto, que, ao não encontrar local adequado para descarregar, ocasiona um excedente pulsional, que surge como angústia. A partir desse texto, a angústia ganha outro estatuto na obra freudiana, se reorganizando conceitualmente. Seu surgimento pode ocorrer como sinal de um perigo iminente e como reaparição de uma situação traumática, como uma lembrança.

Freud (1919/2019a, p. 29) escreve que o *infamiliar* “em geral, coincide com aquilo que angustia” (p. 29). Ao relacionar o *infamiliar* com a angústia, Freud se preocupa com uma espécie de núcleo que diferencie a angústia de uma outra palavra tão específica como *infamiliar*. Partindo

da interrogativa freudiana de diferenciar o angustiante do *infamiliar*, este trabalho busca realizar uma leitura que possibilite localizar ocorrências do *infamiliar* como forma de problematizar essa experiência.

CAPÍTULO 2: A clínica freudiana e o infamiliar

Tomado por questões referentes à sua época, Freud desenvolve sua clínica e sua teoria nos moldes dos acontecimentos. Nos primeiros anos de suas publicações, é frequente a presença dos casos clínicos, mas após a Primeira Guerra Mundial os atravessamentos sociais e culturais são mais evidentes.

Considerando a forma crítica como Freud lida com as ocorrências da Primeira Guerra Mundial, seu ensaio sobre o *infamiliar* escrito nesse período já denuncia as interferências desse acontecimento nas produções da época. Freud inclusive menciona esse fato ao relatar que, por razões fáceis de adivinhar e ligadas à época, não consegue explorar a bibliografia que gostaria, em especial aquela em língua estrangeira, como mencionado no capítulo anterior.¹⁸ Diante disso, coloca-se a seguinte questão: poderia esse atravessamento representar algum recuo para o estabelecimento do *infamiliar* ou do uso que Freud faz dele? Essa pergunta também se dá pelo raro uso que Freud faz do conceito nos anos que seguem a publicação do texto. Além de elementos e referências em outras línguas, Freud sempre buscou novas definições para os conceitos com que esbarra em suas pesquisas, propondo alterações ou novas formulações a eles, como realiza com a repetição, o recalque, o inconsciente, o supereu.

Já no *infamiliar*, Freud não realiza o exame pormenorizado que gostaria. Ele toma a definição de Schelling e não estabelece ou define a sua própria. Chama a atenção o fato de não ser um conceito de relevância secundária, haja vista o uso que a estética, a literatura e os próprios psicanalistas fazem do *infamiliar* definido por Freud, além do uso que o próprio Freud faz dele.

Interrogando esse espaço e o uso que Freud realiza do *infamiliar*, este capítulo propõe analisar se em alguns momentos e passagens é possível verificar a ocorrência do *infamiliar* além do texto de 1919. Essa opção almeja verificar de forma parcial a ocorrência do *infamiliar* em Freud como palavra-conceito e sensação. Ainda que Freud tenha legado um texto sobre o assunto, questiona-se aqui as ressonâncias dessa noção na obra freudiana e o uso que ele realiza dela. Para tanto, serão analisados textos que permitam questionar a opção de Freud pela ocorrência ou ausência do *infamiliar*. Sabe-se que, além das aparições do *infamiliar* nos textos trabalhados neste capítulo, elas podem ser verificadas em outros textos como *Conferências introdutórias à*

¹⁸ Freud, 1919/2019, p. 31.

psicanálise (1915-1916/2014a), *Novas conferências introdutórias à psicanálise* (1933/2010b), *Totem e tabu* (1912-1913/2011a) e *Psicologia de grupo e análise do Eu* (1921/2011c).

Como se trata fundamentalmente de uma sensação no sujeito e como este estudo privilegia a sensação *infamiliar* com a clínica psicanalítica, assume-se como referencial teórico os textos em que Freud problematiza casos clínicos, aqui eleito, o Caso Dora em *Fragmentos da análise de um caso de histeria* (1905/2016a), e textos que, embora não sejam propriamente uma análise de caso, trazem uma experiência do sujeito da qual Freud se vale para desenvolver suas ideias ou conceitos, como *Um distúrbio de memória na Acrópole* (1937/2010c), *Uma lembrança de infância de Leonardo da Vinci* (1910/2013a), *Projeto para uma psicologia científica* (1895/1996c). Ao trabalhar tais textos sobre um viés crítico que questione o uso que Freud faz do *infamiliar*, buscase compreender os limites e as possibilidades que sua ocorrência oferece à psicanálise.

2.1 Perspectivas fragmentárias do *infamiliar* nos textos freudianos

Neste percurso, serão retomados alguns textos como chave de leitura que possibilitem problematizar a ocorrência do *infamiliar*, a exemplo do caso Dora, apresentado por Freud em *Fragmentos da análise de um caso de histeria* (1905/2016a) e no texto *Um distúrbio de memória na Acrópole* (1936/2010c). Este último parte de uma carta enviada a seu amigo Romain Rolland que completava setenta anos. Na carta Freud expõe a Romain um fenômeno que havia vivenciado uma geração atrás, em 1904, que jamais pôde compreender e nos últimos anos voltava a aparecer. Disposto a analisar essa pequena vivência naquele momento, Freud (1936/2010c) comunica ao amigo o resultado do estudo.

Freud narra que, antes de comprar as passagens de sua viagem a Acrópole, viveu com seu irmão uma série de dúvidas e questionamentos sobre o destino que tomariam. Em meio a essa indecisão, Freud e o irmão compram passagens para Atenas sem se preocupar com as supostas dificuldades e sem trocar ideias sobre a decisão de embarcar para Atenas. “Esse comportamento era muito singular” (Freud, 1936/2010c, p. 253).¹⁹

¹⁹ No texto original. “*Dies Benehmen war doch sehr sonderbar.*” (Gesammelte Werkexvi, p. 251). Outros trabalhos de tradução consultados optam por traduzir *sonderbar* por estranho.

Freud (1936/2010) relata que durante a visita foi acometido por um sentimento de incredulidade, que ocorreu, a princípio, por não acreditar que um dia conheceria Acrópole e duvidar até mesmo na existência de tal cidade. Constatando essa realidade, ele relata um sentimento decorrente de uma distorção da pulsão no sistema pré-consciente e consciente. Freud (1936/2010c) percebe que nunca duvidou da existência da Acrópole, mas não acreditava em absoluto na realidade dessa cidade: “Precisamente esse resultado da deformação me leva a inferir que a situação na Acrópole continha um elemento de dúvida da realidade” (Freud, 1936/2010c, p. 257). Freud nomeará essa sensação como *Entfremdungsgefühl*.²⁰ Tanto a língua portuguesa quanto as línguas estrangeiras consultadas optam por traduzir esse termo como algo equivalente a uma espécie de sensação de estranhamento. Freud (1936/2010c) caracteriza *Entfremdungsgefühl* de duas formas: ou uma fração de realidade que pareça estranha [*fremd*] ou uma fração do próprio eu. Essas características evidenciam uma consistência da relação dessa sensação com a dependência no passado. Ao fim do texto, Freud identifica que a perturbação que sofreu em sua viagem a Atenas, como um impulso de piedade, devido à origem humilde de seu pai, que desejava para os filhos uma condição melhor do que a própria.

Outra ocorrência tomada aqui como paradigma do *infamiliar* é o da jovem Dora. Nascida em 1882, Dora, cujo verdadeiro nome é Ida Bauer, se consulta com Freud em 1900, aos dezoito anos de idade, após seus pais localizarem uma carta com indicações suicidas e solicitarem atendimento ao conhecido médico da família.

O caso da jovem Dora marca a retomada de Freud (1905/2016a) às publicações de casos clínicos e considerações acerca da neurose que desde 1897 haviam sido deixadas de lado. Esse foi o primeiro caso examinado detalhadamente por Freud. Nesses anos, Freud está voltado aos conceitos metapsicológicos como recalque, o retorno do recalçado e principalmente a analogia realizada na interpretação dos sonhos com a análise do sintoma, do distúrbio neurótico e sobre o fundamento sexual no período em que a técnica psicanalítica “sofreu uma revolução radical” (Freud, 1905/2016a, p. 10). Revisitar Dora, um dos mais emblemáticos casos da teoria psicanalítica, significa colocar a discussão proposta em termos atuais, tendo em vista as reverberações do caso desde sua publicação.

²⁰ “Sensação de estranhamento”: *Entfremdungsgefühl* – nas versões estrangeiras consultadas: *sensación de extrañamiento*; *sentimiento de enajenación*; *sentimento di estranazione*; *feeling of derealization* (com nota)”. Nota do tradutor Paulo César de Souza na p. 261. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2010.

No relato do caso Dora, ocorre a presença de uma governanta, uma senhora mais velha que quis “abrir os olhos” de Dora sobre a relação do seu pai com a Sra. K. A governanta tenta induzi-la a tomar partido contra a Sra. K. até que Dora subitamente torna-se hostil à governanta e pede sua demissão. Freud analisa:

Enquanto a governanta teve influência, utilizou-a para incitar os ânimos contra a Sra. K. Expôs à mãe de Dora que era incompatível com sua dignidade tolerar aquela intimidade do marido com outra mulher; e chamou a atenção de Dora para tudo o que era estranho naquele relacionamento. (Freud, 1905/2016 p. 211)

Dora tinha uma amistosa relação com a governanta da casa, a qual Freud (1905/2016) descreve como “uma senhorita mais velha, muito lida e de opiniões liberais” (p.211). Marcada por uma censura, Dora deixa a governanta de lado após perceber uma inclinação dessa mulher por seu pai. Freud (1905/2016) considera que a governanta “lhe fizera ver, com uma clareza não desejada, um aspecto do seu próprio comportamento” (p. 212). Nota-se que algo habitual ao ser denunciado pela governanta causa o rompimento entre elas. Alguma coisa surge após a fala da governanta. Ao expor algo íntimo, a governanta chama atenção de Dora para algo estranho naquele relacionamento. A partir do caso, sabe-se que a governanta indica algo da ordem sexual entre o pai de Dora e a Sra. K., algo que Dora se recusa a saber, embora desconfie. Ao ser provocada cada vez mais pela governanta, Dora acaba por pedir sua demissão. Teria ali algo íntimo, oculto, vindo à tona? A já sabida mas escondida relação de seu pai com a Sra. K, é revelada. Ao experimentar a revelação dessa estranha [*fremd*] relação, poderia Dora ter experimentado o *infamiliar*?

A governanta denuncia o que Dora que não quer saber, causando uma ruptura ambas. Contudo esse rompimento não comporta algo repentino, que cause em Dora. A denúncia da governanta mostra uma relação de que todos ao redor têm conhecimento, inclusive a própria Dora. Essa inclusive é uma das características que marca o caso Dora, que está muito mais interessada na relação da Sra. K. com Sr. K. e no mistério de sua feminilidade corporal sobre “o que é uma mulher”. Como Dora sabe dessa relação, mas evita saber sobre ela, não há algo inconsciente que subitamente é revelado e a surpreende. Um conteúdo propriamente *infamiliar* poderia ser melhor identificado nas questões relativas à sexualidade e à feminilidade, conforme demonstra a análise do sintoma no caso. Feitas as devidas considerações, o rompimento de Dora com a governanta não

ocorre por está trazer a jovem algo *infamiliar*, ou revelar um conteúdo oculto que cause algo em Dora.

Embora pareça evidente para determinado leitor, essa diferença pode causar certo embaraço a outros. Na impossibilidade de encontrar um termo que traduza a experiência do *Unheimliche*, algumas traduções recorrem à palavra “estranho”, mesma opção utilizada para a palavra alemã *fremd*, o que pode causar má compreensão. caso essa diferença ou o contexto em que o termo está inserido não estejam claros para o leitor. Afinal, a palavra empregada na relação de Dora com a governanta é a mesma que as traduções utilizam para o texto freudiano de 1919. Daí a importância de um termo, como *infamiliar*, que apresente uma possibilidade a esse impasse no idioma em que o texto é lido. A distinção entre as traduções que optam por “estranho” para se referir a *Unheimliche*, torna-se ainda mais complexa quando, embora “estranho” não seja a palavra que melhor corresponda à sensação de *Unheimliche*, ela como outras, frequentemente é utilizada, para dizer da sensação. Uma leitura da obra freudiana em que essa questão passe despercebida, pode atribuir a trechos como este a sensação de *Unheimliche*, que se diferencia daquela estabelecida por Freud no texto de 1919, embora o mesmo termo seja utilizado em algumas línguas estrangeiras ao alemão. Sobre tais derivados na língua portuguesa falada no Brasil, Portugal (2006) observa que:

Permitem nuances entre ‘estranho’ (o esquisito, o de fora), ‘estranheza’ (singularidade, sensação de surpresa, desconforto, desconfiança), ‘estranhar’ e ‘estranhamento’ (o ato de distanciar-se, de censurar, de desviar de algo ou esquivar-se). . . . Há no ‘estranho’ e seus derivados a ideia de afastamento por um afeto, de censura, de desconfiança, de não conhecimento, de admiração, de mistério. Mas ao mesmo tempo, há uma aproximação inquieta, atraída pela censura, pelo que não se espera e não se conhece, tocando no que é suspeitamente familiar. (p. 20)

Especificamente no caso Dora, há certa ocorrência do termo “estranho” [*fremd*], com referência principalmente à relação com aquilo que é estrangeiro, como é o caso dos sonhos que ela narra a Freud. Ao analisar o sonho em que Dora foge de casa, Freud atribui esse fato a uma inclinação infantil pelo pai para se proteger do interesse recente por um estranho. “O próprio pai era culpado pelo perigo atual, pois a havia entregue a esse estranho, movido por seus próprios

interesses amorosos” (Freud, 1905/1996a, p. 85).²¹ O desejo infantil e inconsciente de colocar o pai no lugar do estranho é uma potência formadora de sonhos, considera Freud (1905/2016).

Ao se referir a estranho [*fremd*], Freud parece aludir ao novo, desconhecido. Aqui a palavra é usada como adjetivo, diferentemente do substantivo *Das Unheimliche* e/ou *infamiliar*. O adjetivo “estranho” é definido assim fundamentalmente por ser desconhecido, incomum. A sensação de *Unheimliche*, conforme trabalhado no capítulo anterior, também admite essas características, embora as relacione com uma sensação no nível da angústia. Essa espécie de confusão da palavra como conceito ou do comum adjetivo alemão de deve, segundo Anneleen (2011), à indeterminação genérica do texto e sua desconsideração após 1921, surgindo apenas como *links* parciais para outros textos e algumas noções.

O propósito de Dora de fugir de casa, por si só, não seria formador de um sonho, nem diz do seu desejo de sair de casa. Para Freud (1905/2016), ele se transforma nisso por se associar ao propósito fundamentado no desejo infantil de acessar o pai, o que demonstra um significativo avanço até então na análise desse caso. O psicanalista, assim, consegue acessar esse material, entre outros elementos, por investigar justamente o incomum e a partir dele ter acesso ao íntimo, ao infantil em Dora. Ao analisar a incomum lembrança de Dora de urinar na cama, Freud (1905/2016) escreve:

Ainda quero sublinhar que a análise desse sonho nos permitiu alcançar detalhes das vivências patogênicas que, de outro modo, teriam ficado inacessíveis à lembrança ou, pelo menos à reprodução. Como vimos a lembrança de enurese na infância já se encontrava reprimida. (p. 276)

O mesmo ocorre no segundo sonho de Dora ao andar por ruas e praças estranhas a ela: “Eu estava passeando por uma cidade que não conhecia vendo ruas e praças que me eram estranhas”²² (Freud, 1905/1996a, p. 93). Andança semelhante ocorre com Freud (1919/2019) no já referido caso em que, ao andar a ‘esmo’ pelas ruas de uma pequena cidade italiana, ele se encontra com mulheres

²¹ An der gegenwärtigen Gefahr ist der Vater selbst mitschuldig, der sie wegen eigener Liebesinteressen dem fremden Manne au? geliefert hat. (Bruchstück einer hysterie-analyse. Trecho recortado de *Gesammelte Werke*, 5, p. 249). Nessa citação recorre-se a tradução da edição Standard brasileira devido a edição da Companhia das letras, utilizada em todo trabalho, neste trecho não fazer referência ao termo *Fremd*, conforme consulta.

²² “Ich gehe in einer Stadt, die ich nicht kenne, spazieren, sehe Straßen und Plätze, die mir fremd sind.” (Bruchstück einer hysterie-analyse. Em: *Gesammelte Werke*, 5, p. 256).

maquiadas na janela; ao se perder no caminho, ele experimenta a sensação de *infamiliaridade*. Portugal (2006) lembra que, desde sua invenção, a psicanálise escolhe um campo *infamiliar* ao valorizar e investigar trivialidades, refugos que escapam ao sentido e à compreensão. Ao localizar várias “estranhezas” sob o sonho narrado por Dora e investigado pelo psicanalista, esse estrangeiro, estranho insere uma descontinuidade como uma passagem. À medida que o estrangeiro surge, algo *infamiliar* parece se aproximar.

A perambulação de Dora pela cidade estranha estava sobredeterminada, até que ela, ao mostrar a cidade de Viena a um primo, tem a lembrança de sua breve estada em Dresden pela primeira vez. Um outro primo a convida a ir à galeria, mas ela recusa e segue sozinha, detendo-se diante dos quadros que lhe agradavam, até se deparar com a obra do artista italiano Rafael Sanzio, *A Madona Sistina*. Freud (1905/2016) analisa: “Permaneceu duas horas diante da Madona Sistina em extática admiração” (p.287). Ante a pergunta sobre o que tanto lhe agradara no quadro não soube dar nenhuma resposta clara. Finalmente, disse: ““A Madona”” (p. 287).

A Freud não resta dúvida de que essas associações pertençam ao material formador do sonho apresentado por Dora. Ele destaca componentes que foram inalterados, “ela recusou e foi sozinha” e “duas horas”. A obra em questão também é conhecida como “*Madonna di San Sisto*”, pela representação da mãe virgem. Freud (1905/2016) destaca em nota de rodapé a função da contrarrepresentação da “Madonna” nas jovens da época que se sentiam pressionadas por incriminações sexuais.

Diante dos signos contidos na obra, ao permanecer por duas horas “extática admiração”, conforme Freud descreve, Dora em algum instante parece ter experimentado a sensação *infamiliar*. Ao contrário do ocorrido com a governanta, a imagem de repente traz à tona em Dora algo condizente com os conflitos ante o sexual causado pela mãe virgem em tela. Ela se depara com algo inesperado, como um furo, que causa sua contemplação.

Foram levantados ao longo deste trabalho vários significantes e formas que a sensação de *infamiliar* pode apresentar. Contudo, o fato que permite identificar essa ocorrência em Dora não é nenhum significante específico, mas uma reação sem palavras ao ficar por duas horas sonhadoramente perdida em silêncio, sem resposta. Vários elementos do estrangeiro, estranho, novo antecedem esse momento, ao flertar com o estrangeiro e toda a sua presença marcada por tropeços, lapsos e saltos à investigação psicanalítica pode assim ecoar em algo *infamiliar*. Após

sua longa observação de “A Madona”, a histérica Dora parece consolidar a estrutura linguageira do inconsciente à cisão, descontinuidade que o *infamiliar* marca.

As reações de Nathaniel no conto *O homem da areia* com as várias formas metaforizadas que ele surge através de Coppola e Coppelius, com todas as particularidades que a literatura permite, talvez não sejam diferentes da reação de Dora ante a obra que ela observa. Na leitura de Pereira (2008), o *infamiliar* é lido como uma das formas da angústia. No instante da percepção do momento 1 do trauma, o pânico, o susto, o terror derivam de uma *infamiliaridade* que inaugura a situação traumática.

Freud (1937/1996b), no decorrer do trabalho sobre as resistências, diz de um momento em que o *Eu* se retrai: “Ele deixa de apoiar nossos esforços para revelar o id; opõe-se a eles, desobedece à regra fundamental da análise e não permite que surjam novos derivados do recalque” (p. 255). Sob a influência de impulsos desprazerosos, a transferência negativa pode anular completamente a situação analítica.

Nesse momento, para Freud (1937/1996b),

O paciente agora encara o analista como não mais do que um estranho que lhe está fazendo exigências desagradáveis, e comporta-se para com ele exatamente como uma criança que não gosta do estranho e não acredita em nada do que este diz. (p. 255)²³

Sabe-se que o caso de Dora é notadamente conhecido pelas questões transferenciais que Freud descobre e dos preconceitos que o impossibilitam de agir e interpretar adequadamente o caso (Lacan, 1966/1998).

Destarte, atenta-se aqui para as constatações que Freud realiza anos depois sobre a transferência e o caso Dora. A análise do caso mostra que a presença do estranho [*fremd*], ainda que sem dizer da experiência *infamiliar*, antecede sua ocorrência. Ao se deparar por tantas vezes com o estranho, algo *infamiliar* se revela. Após o relato do encontro com a tela, Dora interrompe o tratamento. A transferência negativa experimentada por ela a coloca diante da impossibilidade de continuar sua análise ou de acreditar em algo que o analista diz.

²³ Neste trecho, na obra original, na língua alemã, “*Die Endliche und Die Unendliche analyse*”, [*Análise terminável e interminável*], Freud não utiliza o termo “*unheimlich*” para dizer do estranho conforme a tradução. Ele utiliza a palavra alemã “*Fremder*”.



[Rafael Sanzio – Madonna di San Sisto, 1512]

2.2 O efeito infamiliar

Se inicialmente é através da experiência estética que Freud inaugura *Das Unheimliche*, o mesmo parece ocorrer em Dora ao experimentar seu conflito de caráter eminentemente sexual no contato com a obra. Em *O poeta e o fantasiar*, Freud (1908/2020b) distingue dois componentes do prazer estético: um propriamente libidinal, que provém do conteúdo da obra por intermédio principalmente da identificação; outro proporcionado pela forma ou posição da obra como objeto intermediário do qual são permitidos condutas e pensamentos sem autocensura ou recriminações, permitindo ao espectador certo deleite. Desvios relacionados à realidade e à censura são características das obras de arte e das áreas em que Freud está interessado para alcançar o inconsciente, como a censura, a repressão. Em *Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens* (1910/2013a), Freud apresenta a arte como recurso estético, proporcionando, por um lado, contato com a fantasia e, por outro, distorção da realidade. Ao tomar o *infamiliar* como experiência estética, mais do que a ocorrência desses conteúdos, interessa-se também pela forma como o sujeito os experimenta, se não a forma em toda a sua amplitude, o que exige um trabalho mais amplo dentro de um processo mais complexo, os traços que constituem a experiência diante do surgimento dos conteúdos censurados, reprimidos, inconscientes. Do ponto de vista do artista são caminhos que Freud percorre em direção a uma teoria da sublimação, que tem no texto *Uma lembrança de infância de Leonardo da Vinci* (Freud, 1910/2020d) seu maior desenvolvimento na tentativa de compreender esse processo.

Embora ocorra certa sobreposição entre os conceitos de sublimação e *infamiliar*, eles possuem antagonismos que os diferenciam. Parente (2017) considera que a delimitação entre os conceitos tem sua consistência predominantemente histórica. Trata-se de dois modelos de processos de simbolização. A sublimação prima pelo reconhecimento da obra no campo social, em um processo realizado com recursos do Eu. Ela consiste na adequação formal dos conteúdos resistentes às padronizações e normas preestabelecidas na cultura, diferentemente do *infamiliar*, que inclui o próprio conteúdo do choque ou trauma como parte do processo, provocando ruptura das formas cujos limites não são capazes de integrar conteúdos disruptivos.

Considerada sua mais célebre investigação acerca de um artista a partir da leitura da biografia de Leonardo da Vinci, Freud (1910/2020d) escreve sobre as relações entre o psiquismo e as produções do artista. Sob forte influência da teoria sexual infantil, Freud comenta o desejo de

saber do menino para o enigma da vida sexual, de sua valiosa parte no corpo, que por tamanho valor o faz acreditar que ela pode faltar em outras pessoas das quais ele se sente próximo: “Que o membro pudesse faltar lhe era uma representação *infamiliar* [*unheimliche*], insuportável, ele procura então uma decisão intermediária, o membro existia também nas meninas, mas ele seria ainda muito pequeno; depois, cresceria” (p. 110).²⁴ A falta do membro, de sua representação é nesse trecho descrito como uma sensação *Unheimliche*, uso que neste caso é feito inequivocamente para se referir a algo da relação com a castração. Há outra ocorrência do *unheimliche* no mesmo texto:

Durante toda a sua vida o grande Leonardo permaneceu, em muitos aspectos, infantil; pode-se dizer que todos os grandes homens conservam algo de infantil. Como adulto, ele continuou brincando e, por causa disso, tornou-se para seus contemporâneos, muitas vezes, infamiliar [*unheimliche*] e incompreensível (Freud, 1910/2020d, p. 150)

Nesse trecho Freud (1910/2020d) comenta sobre as pesquisas de Leonardo na época de sua infância se ocuparem com o problema da sexualidade; lembranças que assumem na análise freudiana uma direta interferência tanto nas produções de Leonardo como na forma como ele se relaciona com suas obras. Freud usa *Unheimliche* para se referir às brincadeiras infantis que Leonardo mantém na vida adulta. A aparição do aspecto infantil torna Leonardo *infamiliar* e incompreensível. Ainda que não ocorra a direta relação como no primeiro caso do uso de *Unheimliche* no texto, a possibilidade de haver algo na infância relacionado à sexualidade é justamente a relação com castração.

A relação com a castração é determinante na análise da vida de Leonardo da Vinci, que, segundo Freud, é dominado pelo poder de seu passado infantil. Após os 50 anos, Leonardo, que estava com a arte atrofiada, encontra uma mulher que lhe desperta lembrança do sorriso feliz e arrebatador da mãe. Sob o efeito desse despertar, o artista retoma novamente suas tentativas de retratar mulheres sorrindo e pinta *Mona Lisa* (1503) e *Sant’Ana* (1513), quadros extraordinários de sorrisos misteriosos e enigmáticos (Freud, 1910/2020d).

²⁴ O termo *Unheimlich* no original em alemão é /usado entre colchetes na mesma citação, na publicação da editora Autêntica.

Analisando a obra *A virgem e o Menino com Sant'Ana* (1513), Freud (1910/2013a) observa que a avó mantém escorado no quadril um braço descoberto e olha para baixo, para os dois com seu sorriso bem-aventurado. O grupo certamente não está inteiramente à vontade. Escreve Freud (1910/2020d): “Mas o sorriso, que brinca nos lábios das duas mulheres, embora irreconhecível, do mesmo modo que no quadro da *Mona Lisa*, perdeu seu caráter de estranheza [*unheimliche*] e mistério; ele expressa intimidade e serena bem-aventurança” (p. 132).

Unheimliche aqui é utilizado para se referir ao secreto, misterioso que a obra de arte possuiria. Com a pintura da Virgem Maria, Sant'Ana Trindade e o menino Jesus, a obra sintetiza toda a história infantil de Leonardo. As duas mulheres representam a presença da madrastra e a avó com quem Leonardo encontra na casa de seu pai, duas mães, uma que lhe estende o braço e outra no fundo (Freud, 1910/2020d). Mas esse sorriso, tal como o de *Mona Lisa*, perdeu seu caráter *Unheimliche*, pois expressa intimidade, ou seja, é apenas íntimo, secreto, sem vir à tona, mas que remeta à castração.

Encantado pelo grandioso Leonardo, Freud percebe potentes paixões pulsionais do pintor, “que então só puderam se expressar de maneira estranhamente abafada” (Freud, 1910/2020d, p. 159).²⁵ A manifestação da pulsão “abafada” de Leonardo é justamente o processo sublimatório que Freud apresenta no texto. Para dizer desse processo, novamente o elemento esquisito, estranho, estrangeiro aparece, diferindo de uma experiência *infamiliar* e apontando para um destino pulsional, ponto crucial no desenvolvimento da ideia freudiana nesse escrito.

A análise de tais elementos revela que o *infamiliar* para Freud é inicialmente utilizado de forma direta ou indireta para se referir à relação com a castração. Como acontece com o conto de Hoffmann, ao discordar de Jentsch sobre o motivo da *infamiliaridade*, depois da análise etimológica, Freud (1919/2019a) aponta justamente para o elemento da castração no conto e só depois para outras causas e ocorrências do *infamiliar* não relacionados com a castração, como os fenômenos do duplo, da onipotência de pensamento, da repetição.

Ao tocar em aspectos da castração, retoma-se o sentimento de respeito filial que ocorre com Freud em sua experiência na Acrópole e o estabelecimento do fenômeno da *Entfremdungsgefühl*, “sensação de estranheza” ou “*estranhamento*”, sentida como “o que eu vejo não é real” (Freud, 1936/2010c, p. 444), decorrente de uma falsa afirmação sobre o passado, ligada a determinado

²⁵ Ich bin wie andere der Anziehung unterlegen, die von diesem großen und rätselhaften Manne ausgeht, in dessen Wesen man mächtige triebhafte Leidenschaften zu verspüren glaubt, die sich doch nur so merkwürdig gedämpft äußern können.

conteúdo e às decisões relativas a eles. Tal experiência é frequente em determinadas doenças psíquicas, mas está presente também na pessoa normal, como as eventuais alucinações dos indivíduos sadios (Freud, 1936/2010c).

Classificado como ato falho de origem anormal como os sonhos, a “sensação de estranheza” [*Entfremdungsgefühl*] pode ser observada de duas formas: uma fração da realidade parece estranha ou uma fração do próprio Eu. No caso de a fração do próprio Eu surgir como estranha, Freud afirma tratar-se da despersonalização. Para ele a despersonalização é um tipo de “sensação de estranhamento”. A primeira característica do “estranhamento” [*Entfremdungsgefühl*] é servir de defesa, mantendo algo longe do Eu. Outra característica destacada por Freud (1936/2010c) é sua dependência do passado, “do tesouro de lembranças do Eu e de anteriores vivências penosas, talvez reprimidas desde então, não é admitida sem objeção” (Freud, 1936/2010c, p. 447). A dúvida de Freud não é a existência de Atenas na infância, mas a possibilidade de um dia poder visitá-la. Essa relação se deve à pobreza de sua condição de vida naquela época e principalmente pela culpa da satisfação de ter ido mais longe que o pai: “É como se o essencial no êxito fosse chegar mais longe que o pai, e querer superá-lo ainda fosse interdito” (p. 448).

Nesse pequeno relato em que Freud (1936/2010c) fala sobre as sensações que tem em sua viagem, a relação com a castração está presente, tendo em vista a referência feita à interdição não superada. Outro fator é a presença de algo do Eu, mencionado como tesouro de lembranças: Poderia o tesouro ser referência ao secreto, oculto, que é descoberto? A tentativa de rejeitar uma parcela da realidade não indica também a presença de um conteúdo indesejado? Tais aproximações não são estabelecidas como *infamiliar* para Freud, embora pareçam conter elementos que as aproximem. A onipotência de pensamentos é estabelecida como causa da sensação de *infamiliar*. Contudo, ao perceber a mesma ocorrência em *Um distúrbio de memória na Acrópole*, como o sentimento de *too good to be true* [bom demais para ser verdade], e exemplos como acertar na loteria, ou para uma garota apaixonada a notícia de que o amado se apresentou aos pais como pretendente, não são ditas pelo psicanalista como *infamiliares*, diferentemente ele faz uso de novas noções e conceitos.

O estabelecimento de novas noções como “estranhamento” [*Entfremdungsgefühl*] e despersonalização em referência ao surgimento de algo seja na realidade, seja no próprio Eu, parece apontar para o desconhecido que emerge como estranho ou uma espécie de estrangeirismo. Se, por um lado, uma ideia estritamente relacionada ao *infamiliar* não parece clara nos pontos elencados, não faltam elementos que as referenciem ao estranho ou estrangeiro. É justamente esse o caminho

que Freud trilhará no ano seguinte ao estabelecer o texto *O homem Moisés e a religião monoteísta* (1937/2018), em que escreve sobre o caráter estrangeiro do judeu a partir da teoria da origem egípcia de Moisés. Para Cottet (1989), a maneira como Freud teoriza provém do desvendamento de algo que deveria permanecer oculto:

Assim, as descobertas relativas ao inconsciente são da ordem do *unheimliche*, da “inquietante estranheza”; e o estilo de Freud, sua perseguição obstinada ao acontecimento, não escapa às leis do discurso inconsciente: anulação, retratação e denegação são giros frequentes em sua exposição. (p. 68).

De acordo com o autor, o *infamiliar* se entrelaça a elementos constitutivos da subjetividade e do desenvolvimento da psicanálise. A indicação de Cottet corrobora o desdobramento do trabalho de realizar uma investigação psicanalítica que coloque o *infamiliar* em evidência, já que o *infamiliar* diz sobre descobertas relativas ao inconsciente e seus giros, conforme indica o Cottet. O *infamiliar* seria resquícios? Sim. Mas, afinal, não é de resquícios que se trata? Abordar o *infamiliar* em Freud é tratar dos resquícios deixados por ele.

O trabalho com os resquícios anímicos, considera Parente (2017), denota a intenção de desvendar aspectos soterrados ou romper farrapos do tecido anímico:

Por tal razão, é possível afirmar que, embora toda a psicanálise freudiana tenha sido tecida em torno do que é estrangeiro – o inconsciente –, a tentativa feita por Freud foi iluminar, por meio de representações, aspectos sufocados, apaziguando deste modo a faceta tenebrosa que o compõe. (p. 267)

Parente (2017) aposta em uma interpretação freudiana que realize apaziguamento ante uma faceta tenebrosa que compõe o inconsciente, ideia que traz um contraponto, já que Freud é conhecido justamente por propor grandes desajustes, sobretudo em sua metapsicologia, dos quais o próprio *infamiliar* é consequência e testemunha.

Ainda que Parente (2017) faça essa aposta, sua consideração sobre a teoria freudiana ser tecida em torno do estrangeiro é fundamentada e consistente, não no sentido de um estrangeiro que apazigua, mas daquele que causa um rompimento e simultaneamente revela o inconsciente.

Naquilo que em um primeiro momento parece ajustado que Freud intervirá ao romper com a continuidade, ele explora justamente a falha, o retorno sem motivo a uma loja ou um comportamento que sem mais questionamentos se repete não passam despercebidos à interpretação freudiana.

Dessa maneira, a ideia de *infamiliar* que por vezes esbarra nas noções de estranho em Freud, ocorre pela maneira de teorizar freudiana e sua compreensão da realidade psíquica do desconhecido inconsciente. Diferentemente da consideração de Parente (2017) sobre a interpretação freudiana alinhar ou restaurar conteúdos desalinhados, a leitura sobre o *infamiliar* mostra uma forma de operação pelo desajuste, do surgimento de restos que mostram algo não simbolizado e revelam o sintoma psíquico. A experiência *infamiliar* de Dora com a obra de arte traz algo da experiência que ela sente no corpo. O uso que Freud (1910/2020d) faz do *Unheimliche* em Leonardo refere-se à relação que o menino estabelece com seu genital, “sua valiosa parte do corpo” que, ao ser ameaçada, é sentida como *infamiliar*. Tais caminhos levam à ideia de que, assim como a verdade sobre o sintoma psíquico está nos restos, nos lapsos, a ideia do *infamiliar* está ligada a uma experiência sentida no corpo.

Ao realizar essa consideração, retoma-se outro caso apresentado por Freud no *Projeto para uma psicologia científica* (1895/1996c) – o caso Emma. Poderia algo semelhante ter acontecido com Emma? Acometida pela compulsão de não poder entrar nas lojas sozinha, ela traz duas recordações: a primeira aos 12 anos de idade, quando dois vendedores riem de suas roupas e ela lembra que um deles lhe agrada sexualmente; a segunda quando aos oito anos de idade esteve em uma confeitaria e o proprietário agarrou-lhe as partes genitais por cima da roupa. Apesar do ocorrido, ela retorna à loja uma segunda vez, recriminando-se por isso e não mais retorna ao local. Freud (1895/1996c) analisa que o sorriso dos vendedores evoca de forma inconsciente a lembrança do proprietário e a de mais uma vez estar sozinha em uma loja. O dono da confeitaria, que agarrara Emma por cima da roupa, gera nela uma angústia por não ser capaz, à época, de uma liberação sexual. Devido à angústia, ela teme que vendedores da loja pudessem repetir o atentado e saiu correndo. Ocorre nesse caso um recalçamento acompanhado pela formação de símbolos cujo o efeito – sintoma – não se relaciona diretamente aos símbolos. O elemento que penetra na consciência (o ocorrido na loja) não é o que desperta interesse, mas outro na qualidade de símbolo (roupas).

A recordação recalçada, que apenas posteriormente se torna um traço em seu símbolo, pode surgir como *infamiliar*. As diferentes formas e efeitos que os símbolos assumem sem uma relação direta com o sintoma mostram a *infamiliar* sensação que Emma pode ter experimentado ocasionando, assim, sua fuga, sua angústia, seu pânico. No caso Emma, a roupa, símbolo do trauma, não tem em seu significado relação com o evento traumático. A partir do momento em que roupa é sentida como *infamiliar*, algo inconsciente está em jogo, podendo trazer à tona o material recalçado. A natureza íntima que pontos angustiantes ou recalçados possuem pode fazer com que, ao surgirem, eles sejam sentidos como *infamiliars* sem ser necessariamente o traumático em si, mas algo que remeta a ele. Essa é a aproximação que Lacan realiza ao perceber a relação do *infamiliar* com a angústia, com o irrepresentável para, assim, estabelecer o conceito de objeto *a*, conforme será apresentado no capítulo 3 deste trabalho.

O *infamiliar* estabelece aproximação entre a sublimação, a despersonalização e a castração. Rivera (2007) considera que a sublimação é eventualmente o caminho que transforma o sexual em belo, que amortiza e civiliza a pulsão à maneira do recalçamento. A sublimação possui plasticidade com potência transgressora que ultrapassa o recalçamento. Ela tem uma via privilegiada, ou como Rivera (2007) indica, “mais saudável” (p. 314) que o recalque. Logo de início o que Freud apresenta no *infamiliar* é justamente um contraponto à categoria do belo, para abordar outra categoria estética: o grotesco, o penoso. O sublime apresenta um destino da pulsão, um destino valorizado, raro. E o *infamiliar* surge como uma total irreconciliação com a imagem, um rompimento que, ao surgir repentinamente, apresenta-se muito mais como algo irreconhecível e angustiante do que plástico ou extraordinário.

Mas tanto *infamiliar* quanto a sublimação e a despersonalização contêm em seu espectro conceitual um núcleo que remete à castração. O fato de o *infamiliar* e a sublimação serem distintos, não significa não tenham alguma aproximação. O trabalho de Freud (1910/2020d) ao analisar a biografia de Leonardo da Vinci de alguma forma sinaliza algo dessa ordem. Através da presença do *infamiliar*, Freud identifica o sinal de uma relação com a castração, com o sorriso arrebatador da mãe que, segundo ele, perde o caráter de *Unheimliche*, passando, assim, a ser íntimo. Ou seja, ele se relaciona de forma íntima, familiar, com aquilo que do inconsciente vem à tona. E o que o artista como Leonardo faz quando surge esse íntimo/familiar castratório do *unheimliche*? Ele sublima. Quer dizer, ao ter o contato íntimo com aquilo do inconsciente que surge, ele consegue

através dos traços em tela não apenas preservar o caráter sexual, íntimo que a experiência com o inconsciente lhe causou, mas também causar com esses traços devido à sua capacidade.

2.2 O *Infamiliar mortífero*

Em *Transitoriedade* (1916/2020c), Freud escreve sobre o encontro com um jovem mas já famoso poeta e seu amigo taciturno. Na ocasião, o poeta admirava a beleza da natureza à volta sem se alegrar por isso, perturbado pela ideia de que toda aquela beleza estava destinada a perecer dada a eclosão da guerra que se estabelecia. Um ano após começo da guerra, Freud percebe que ela não só destrói a beleza das paisagens como também atinge o orgulho pela cultura dos poetas e artistas da época, sujando a sublime neutralidade da ciência. *Transitoriedade* mostra as primeiras manifestações de Freud com guerra e a forma como ela o afeta. A perturbação na atitude que se tem com a morte faz com que Freud se sinta estrangeiro neste mundo belo e familiar.

Jones (1961/1970), na biografia de Sigmund Freud, relata que Freud se acha deprimido e solicita a Karl Abraham²⁶ que venha animá-lo. A produtividade de Freud, no entanto, permanecia culminante realizando desesperados esforços para salvar os periódicos psicanalíticos. O próprio Freud fazia a maior parte dos trabalhos de editoração, dada a indisponibilidade na época de Abraham e Ferenczi. Entre 1915 e 1916 Freud escreve doze ensaios e nenhum dos últimos sete obteve publicação. Jones (1961/1970) supõe que os ensaios representavam o fim de uma época, escritos em um período sem perspectivas para um próximo e, ao fim da guerra Freud “simplesmente os rasgou todos” (Jones, 1961/1970, p. 519). Observação que é confirmada por Strachey (1996). *Das Unheimliche*, que teve seu início em 1913, se mantém e embora tenha ficado por guardado, sua publicação em 1919 é acompanhada de uma ampla gama de conceitos já desenvolvidos, outra maneira de abordar a estética, uma referência aos impedimentos que a guerra traz para a ciência e com anúncio de *Além do princípio do prazer* (Freud, 1920/2020) onde ele estabelece a pulsão de vida e a pulsão de morte.

Constantemente negada pelo homem, a morte é considerada por Freud (1919/2019) como causadora do maior grau de *infamiliaridade*. Não somente a literatura como também filmes, peças de teatro e outras formas de manifestação artística que envolvam a temática da morte são tomadas

²⁶ Karl Abraham foi um psicanalista alemão, um dos primeiros discípulos de Freud, com quem manteve correspondência. Em certa ocasião Freud se refere a Abraham como seu melhor aluno.

como *infamiliars*. Não raramente o retorno de mortos à vida, a presença de fantasmas e a relação com o cadáver são experimentadas como altamente *infamiliars*.

Pelo conjunto de indagações e vinculações que estabelece principalmente com o texto *Além do princípio do prazer* (Freud, 1920/2020) o *infamiliar* insere-se no período pós-guerra em um momento em que a temática da morte nos escritos freudianos começa a ganhar seus contornos pulsionais e conceituais (Rocha, 2010). A morte no pensamento freudiano é irrepresentável, sem registro no inconsciente, domínios que Freud almeja explorar. Com o *infamiliar* Freud antecipa a aparição da sua nova teoria das pulsões, marcada pela acentuação da repetição e da angústia (Dunker, 2019).

Em *O motivo da escolha dos cofrinhos* (Freud, 1913/2020d) ao trazer fragmentos das obras de William Shakespeare e dos irmãos Grimm, Freud realiza uma interseção com contos marcados por um caráter fantasioso e mortífero. Em *O mercador de Veneza* (Shakespeare, 1600), Freud analisa que a bela e sábia Portia, está comprometida a pedido do pai. Ela separa três escrutínios feitos de diferentes materiais, ouro, prata e chumbo, e se compromete a se casar com aquele que escolher o escrutínio que contém sua foto. Os dois primeiros pretendentes fracassam escolhendo ouro e prata respectivamente; ao último cabe a escolha do chumbo e, assim, com a mão da noiva que já possuía sua afeição. A “palidez” com que Portia é vista tem sua interpretação, em Freud, baseada na tese de que “nos sonhos, a mudez é uma representação comum da morte” (Freud, 1913/2020d, p. 371). Palidez e mutismo, temas que Freud reencontra ao analisar *Os doze irmãos* e *Os sete cisnes*, contos em que ele fundamentalmente atenta para o fato de tais elementos conduzirem as faces da morte.

Em *Os doze irmãos*, o rei Lear declara à sua esposa que, caso a décima terceira criança que ela guarda em seu ventre seja uma menina, os outros doze irmãos terão que morrer. Ao buscar refúgio com o auxílio da mãe, os doze filhos vão para uma floresta e juram dar morte a qualquer moça que possam encontrar. É dada à luz uma menina que, um dia, ao saber por sua mãe que teve doze irmãos decide procurá-los na floresta. Ela diz: “Morrerei alegremente, se assim puder salvar meus doze irmãos” (Freud, 1913/2020d, p. 371). Ao encontrá-los, ela ganha a afeição deles. Ela colhe doze lírios que crescem no pequeno jardim ao lado de sua casa e dá um a cada irmão. Nesse momento, os irmãos são transformados em corvos, desaparecendo junto com a casa e o jardim. A moça agora é mais uma vez posta à prova e, para salvar os irmãos da morte, lhe é dito que deve ficar muda por sete anos sem pronunciar sequer uma palavra. Ela permanece calada pelos sete anos

o que a coloca em perigo mortal. Ela própria morre pelos irmãos como prometeu fazer; “Por permanecer muda, consegue finalmente libertar os corvos” (Freud, 1913/2020d, p. 373) que, na observação de Freud, são “pássaros-espíritos”.

Se *O motivo da escolha dos cofrinhos* é um texto de aparente importância secundária (Rocha, 2010), *Considerações atuais sobre a guerra e a morte* (Freud, 1915/2010d) mostra com maior robustez o estrangeirismo com que o mundo, belo e familiar, influencia na atitude que se tem diante da morte. No texto Freud afirma que o homem se comporta como se a morte não existisse, não a morte de qualquer pessoa, mas a sua própria: “no inconsciente cada um de nós está convencido de sua própria imortalidade” (Freud, 1915/2010d, p. 171).

Esta dissertação é desenvolvida no curso da pandemia do novo Coronavírus Sars-CoV-2, que, até o momento da sua escrita, contaminou mais de dezessete milhões de brasileiros, levando a óbito aproximadamente quinhentos mil.²⁷ Embora os números sejam expressivos e coloquem a face mortífera da proliferação do vírus à população, ocorre a total recusa de sua existência por parte de uma parcela de civis e governantes. Questiona-se a ciência, as medidas de prevenção, sua eficácia e principalmente a letalidade de um vírus responsável por quinhentos mil óbitos em um período inferior a vinte e quatro meses. Parte desse discurso se sustenta na ideia da inevitabilidade da morte. Nega-se as evidências científicas, apega-se à religião ou cria-se outros recursos com intuito de negar a morte, atribuindo-lhe um caráter fortuito. A atualidade da leitura freudiana surpreende e se mostra certa ao pontuar que, por mais avançada que tecnologicamente a civilização esteja, ela não elimina o medo da morte, e a forma primitiva como se lida com ela. A incerteza com a morte e com a ciência revela uma aliança com o pensamento primitivo.

Escreve Freud (1915/2010d):

Para quem nos ouvisse, naturalmente nos dispúnhamos a sustentar que a morte é o desfecho necessário de toda vida, que cada um de nós deve à natureza uma morte e tem de estar preparado para saldar a dívida, em suma, que a morte é natural, incontestável e inevitável. Mas na realidade nós agíamos como se as coisas fossem diferentes. Manifestávamos a inconfundível tendência de pôr a morte de lado, de eliminá-la da vida. (p. 171)

²⁷ Números obtidos no site do Ministério da Saúde do governo brasileiro: <https://covid.saude.gov.br/>.

Mas a negação da morte tem limite em si própria. Embora não reconheça essa possibilidade para si, ao se deparar com a morte do próximo que ama (mulher, filho, amigo), o homem primitivo em sua dor teve que aprender que também podia morrer. Cada um desses amores era uma parte do próprio Eu. Com a morte de seu semelhante, o homem primitivo sofreu um empobrecimento em sua vida. Por outro lado, essa morte também era justa para ele: em cada um desses amores havia um quê de estrangeiro. Pela lei da ambivalência de sentimentos que certamente vigora na pré-história, Freud (1915/2010d) considera: “Assim, esses amados falecidos tinham sido também estranhos e inimigos, que haviam despertado nele uma parcela de sentimentos hostis” (p. 175). Mesmo diante da morte evita-se reconhecer seu caráter, por exemplo, atribui-se a ela ou a vontade de Deus “Foi deus quem chamou”, ou o inevitável: “Era a hora”, quando é inesperada ou trágica. São formas de negá-la mesmo diante sua ocorrência/irreversibilidade.

Freud (1919/2019a) define uma experiência a partir do trabalho psicanalítico como aquela que “melhor corrobora nossa interpretação do infamiliar” (Freud, 1919/2019a):

Ocorre, com frequência, que homens neuróticos declarem que o genital feminino seria, para eles, algo *infamiliar*. Mas esse *infamiliar* é a porta de entrada para o antigo lar [*Heim*] da criatura humana, para o lugar no qual cada um, pelo menos uma vez, encontrou-se (, p. 95).

O temor de ser enterrado vivo também é uma causa analisada como produtora da sensação de *infamiliar*. Freud equipara essa sensação ao que a psicanálise já lhe ensinou. Isto é, essa fantasia assustadora como a transformação de uma outra, que “nada tinha de aterrorizante, mas era portadora de uma certa lascívia: a fantasia de viver no ventre materno.” (Freud 1919/2019a p. 93). Essa colocação permite entender de forma precisa por que a morte é considerada por Freud (1919/2019a) como causadora do mais alto grau de *infamiliar*, o mais *infamiliar* dos *infamiliars*. Por isso, supõe-se aqui que o ventre materno causa *infamiliaridade* por remeter ao nascimento, mas também para antes dele, ou seja, ao estado inanimado como Freud escreverá em *Além do princípio do prazer*, ou seja, a morte.

Esse ponto também insere a relação edípica e castradora, já que através dos investimentos objetais ocorrerão as identificações formadoras do núcleo do supereu. As transformações das moções pulsionais desse período, conforme Freud acrescenta em *Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos* (1925/2011b), se fixam em duas reações que determinam

de forma duradoura a relação com a mulher, com o “horror da criatura mutilada ou desprezo triunfante por ela” (Freud, 1925/2011b, p. 281).

Em *O fetichismo* (1927/1996f), Freud consolida sua ideia de castração através do fetiche, que nasce do conflito entre a percepção desagradável da criança e a força do desejo infantil. Freud é claro ao afirmar que o fetiche inequivocamente substituirá o pênis enquanto falo da mãe ao qual o menino não deseja renunciar. Com o desmentido, o fetichista aceita e ao mesmo tempo nega a realidade do pênis da mulher, seccionando seu eu. Assim, o fetiche se localiza como objeto ou órgão no meio do caminho na recordação infantil, e sua impressão traumática refere-se à visão que tem da ausência do pênis materno. Nesse sentido, Freud (1927/1996f) escreve: “é como se a última impressão antes da estranha e traumática fosse retida como fetiche” (p. 157).²⁸ A tradução consultada opta em utilizar “estranha”, contudo, aqui Freud utiliza *unheimliche*.

Os elementos mortíferos destacados por Freud em *O motivo da escolha dos cofrinhos*, *Os doze irmãos* e *Os sete cisnes*, não sem propósito, seguem acompanhado da mudez, do indizível. à semelhança do ocorrido em Dora, que permanece horas “sonhadamente perdida em silenciosa admiração”, estado que remete ao período de mudez e que pertence ao material formador dos sonhos de Dora (Freud, 1905/2016). As imagens também se destacam por serem um ponto nodal na trama dos pensamentos dos sonhos, reaparecendo nos elementos destacados em *O mercador de Veneza* e *Os doze filhos*, através do mutismo do sonho e da morte. No conto *O homem da areia*, também é possível verificar essa ocorrência. Outra figura responsável por determinado sentimento de *infamiliar* é a “muda” e “imóvel” boneca Olímpia.

A análise dos contos de Shakespeare e Grimm, cuja indeterminação aparente contrasta com algo da ordem de uma determinação de caráter fatalístico, referente a um efeito, uma escolha, “inequivocamente, suscita o efeito de estranho”²⁹ (Rocha, 2010, p. 241). O *infamiliar* nos contos surge diante do irrepresentável, carente de sentido, não todo desconhecido, portanto, recalcado. A morte também é vista sob tais contornos. Ao ter sua existência silenciada, “irrepresentada”, assume nele também uma face. Escreve Rocha (2010):

O silêncio e a obscuridade, tal como parece adivinhar Freud nas linhas finais de O inquietante, são os elementos que fornecem substrato sensível àquilo que não encontra

²⁸ Eindruck vor dem unheimlichen, traumatischen, als Fetisch festgehalten (G.W., 14, 311-17).

²⁹ O autor aqui se refere ao *infamiliar*.

representação na experiência, mas que apontam justamente para o caráter incondicionado de uma Lei inexorável. (p. 248)

Recorrendo à ficção, à literatura e ao teatro, Freud (1915/2010d) verifica uma vicissitude reconciliadora com a morte: “Morremos na identificação com um herói, mas sobrevivemos a ele e já estamos prontos a morrer uma segunda vez com outro, igualmente incólumes” (p. 173). Tal ambivalência remete às duas faces do *complexo do próximo*, definidas por Freud em seu *Projeto para uma psicologia científica* (1895/1996b), responsáveis pela neurose e do comum o desejo de morte por trás de certas atitudes, como o cuidado excessivo ou autocensuras injustificadas.

De acordo com Freud, o que ocorre não é o enigma intelectual conforme argumentam os filósofos, mas o conflito de sentimentos por ocasião da morte de pessoas amadas e ao mesmo tempo estranhas e odiadas. Provada a dor pelos falecidos, o homem não mais pode permanecer à distância da morte, nem quer admiti-la por não poder se imaginar morto. O homem primitivo, então, incorre no compromisso de admitir a morte para si contestando-lhe o significado de aniquilamento da vida e, junto ao cadáver de alguém que amara, inventa espíritos e a consciência de culpa pela satisfação que se mesclava ao luto. Não à toa que a morte, tomada como principal fator de *infamiliar*, relaciona-se com espíritos e a consciência de culpa, esta última associada à onipotência de pensamento, são classificadas por Freud (1919/2019a) como causadoras da sensação *infamiliar*.

Ainda que em *Considerações atuais sobre a guerra e a morte* (Freud, 1915/2010d) não ocorra relação da morte com o significante específico *infamiliar*, essa aproximação parece nítida ao mostrar a relação que o homem estabelece com o mundo belo e familiar, e com a morte, que, É o meio que está manchado de *infamiliar*, afirma Cixous (2007) retomando o assunto do fantasma e a ambiguidade que ele assume ao retornar. O que torna intolerável a aparição do fantasma não é tanto o anúncio da morte ou a prova de que ela existe, mas a prova de seu retorno.

Conforme Cixous (2007),

o fantasma apaga o limite que existe entre dois estados, nenhum vivo nem morto; passando, o morto retorna na forma do reprimido. É a sua volta que torna o fantasma o que ele é, assim como é a volta do reprimido que inscreve a repressão. (p. 543)

O *infamiliar* caráter do retorno, do que não foi perdido e sequer desapareceu, realiza a operação vida e morte, tal como entre o familiar e o *infamiliar*, entre o vazio e preenchido.

O que se percebe ao tratar a relação do *infamiliar* com o fetichismo é que tal ponto provoca mais questões do que propriamente alguma conclusão, mesmo que preliminar. Seria o fetiche uma experiência *infamiliar*? Poderia o *infamiliar* desvelar algo desse objeto? Nota-se que esse é um dos poucos textos em que Freud recorre ao termo “*infamiliar*” atrelando-o ao funcionamento psíquico, a uma estrutura clínica.

O fetichismo, por tratar de uma relação com a castração, que é privilegiadamente onde Freud utiliza o *infamiliar*, não possui indicações suficientemente precisas sobre alguma relação entre eles. Conteria o fetichismo resíduos não totalmente simbolizados responsáveis pelo surgimento da sensação *infamiliar*? O fetichista simultaneamente aceita e nega a realidade, que, enquanto familiar, é não toda negada, por isso sua familiaridade, por ser indesejada no consciente, mas desejada no inconsciente, conforme tese fundamental apresentada em *Além do princípio do prazer* (Freud, 1920/2020).

2.3 O *infamiliar* e a angústia

Com os pontos tratados até aqui, retoma-se o ponto inicial de Freud em *O infamiliar* – sua relação com a angústia [*Angst*]. Essencialmente a angústia é relacionada com aquilo que provoca medo. Mas, como visto, nem todo *infamiliar* relaciona-se ao medo, por isso, logo de início, Freud questiona qual núcleo há no *infamiliar* que o distinga da angústia.

Em primeiro lugar, se a teoria psicanalítica tem razão ao afirmar que todo afeto de uma moção de angústia por meio do recalque, entre os casos que provocam angústia deve haver então um grupo no qual se mostra que esse angustiante é algo recalcado que retorna. Essa espécie de angustiante seria então o *infamiliar* e, nesse caso, seria indiferente se ele mesmo era, originariamente, angustiante ou se carregava algum outro afeto consigo. (Freud, 1919/2019a, p. 85)

A tese fundamental da angústia será reformulada apenas em 1923 com a criação da segunda tópica em *O Eu e o isso*; a relação do *infamiliar* com a angústia será permeada por elementos do retorno do recalcado, naquilo que é lido como a primeira teoria da angústia. Assoun (2008)

caracteriza a primeira fórmula que Freud aborda a angústia como “confusa”, por mostrar o esforço de Freud em operar uma genealogia entre “angústia - mãe”. Nessa ótica, o *infamiliar* seria um “filho” da angústia. Apesar de sua relação com a primeira teoria da angústia, Freud diferencia o *infamiliar* dela, e nele identifica outras ocorrências, uma outra potência diante o processo de recalçamento. É justamente nos anos seguintes que o complexo de castração e a teoria do recalque sofrem reformulações, principalmente com a publicação de *Inibição, sintoma e angústia* (Freud, 1926/2014b) em que ele apresenta uma nova teoria do processo de angústia. Ao ser publicado em 1919, o *infamiliar* marca o momento de transição do modo de pensar a angústia no pensamento freudiano.

Retomando os casos clínicos assumidos neste trabalho, Dora tem a sensação de angústia, não só com relação ao seu desejo, como também diante a tela que a causa. Dado o curso que o caso assume e o ciclo de associação livre que ela realiza em suas consultas com Freud, a relação entre as duas ocorrências não é dissociada. É no momento da sua angústia, após relatar o ocorrido a Freud, que ela cessa suas consultas e rompe seu processo analítico com Freud.

O caso Dora é conhecido pelo fracasso de Freud em detectar a transferência, conforme ele reconhece na publicação do caso. A percepção da situação transferencial e sua função permitiriam outra direção, outro curso para o caso. Contudo, mesmo nos dias atuais, é justamente no momento da angústia que o processo analítico pode encontrar um fim precoce. Desse modo, tratar a aproximação do *infamiliar* com a angústia e a opção em abordar casos clínicos oferecem a possibilidade de problematizar a relação que esses pontos fazem entre si. É sob essa perspectiva que este trabalho buscou problematizar a repercussão do *infamiliar* nos casos clínicos, uma vez que a escuta analítica atenta a sua ocorrência pode desobstruir conteúdos recalçados, possibilitando o manejo da sua ocorrência.

No *Projeto para uma psicologia científica*, (Freud, 1895/1996c) na seção “recordar e julgar”, Freud cita a hipótese de algo não coincidir no campo perceptivo da criança com a imagem mnêmica desejada por ela. Diante da curiosidade de conhecer algo novo, a criança adentra esse caminho que, ao encontrar algo que não seja propriamente novo recordará de uma imagem semelhante ou ao menos parcial do ocorrido. Freud supõe que aquelas partes da imagem que não coincidem com a memória serão parecidas com o próprio indivíduo. Os complexos perceptivos serão em parte novos e incomparáveis e em outra parte coincidirão com a lembrança de impressões

análogas. A relação com a angústia experimentada pelo sujeito se dá nessa construção, desse outro que simultaneamente é semelhante e alteridade, movimento que seduz, mas também o angustia.

Assim como em Dora, a ocorrência *infamiliar* no caso Emma testemunha o traumático encontro com o sexo oposto, sustentado pela fantasia de negar a diferença entre os sexos. Em *Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos* (Freud, 1925/2011b), Freud conclui o ensaio considerando que na menina a castração é aceita como um ato consumado, enquanto menino teme por essa possibilidade. Desse modo, o complexo de castração permanece como principal razão pela qual a menina se volta contra a mãe e dirige o amor ao pai, de quem espera receber o pênis/bebê e, assim, ingressar no complexo de Édipo.

A angústia de castração masculina, centrada no temor de perder seu objeto fálico, sentirá sua mais profunda angústia e, assim, experimentará algo *infamiliar*. Assim como acontece em *O homem da areia*, Nathanael tem na perda dos olhos o equivalente da castração. Não obstante os fatores relacionados, a angústia de castração no feminino, conforme Freud (1926/2014b) escreve, não se dará pela perda do objeto fálico, mas pela angústia de perder o amor objetal. Ao retomar o caso Dora, e até mesmo o caso Emma, a experiência *infamiliar* surge diante da certeza da castração efetivada no corpo. É nesses momentos que esses dois casos apresentam uma marca: em Emma com o contato que sofre na loja e em Dora com a Madona Sistina e os efeitos que a representação da mãe virgem à causa ou quando o Sr. K. escancara que não sente nada por sua esposa, apontando sua constituição faltosa, como aquela que não possui o falo.

Ocorre também a retomada de uma das teses de Freud (1895/1996c) sobre a angústia como afeto, que permanece sem designação própria. Os fenômenos corporais se manifestam paralelamente à angústia, mas que não são da ordem de um símbolo. Trata-se, para Freud (1895/1996c), de fenômenos indicativos de angústia que, por não estarem relacionados com o processo de recalque, não aparecem na fala. Algo que Freud (1895/1996c) denomina como neurose de angústia que, enquanto afeto que transborda, surge no corpo sem mediação simbólica, se diferenciando de uma formação sintomática. Sob a ótica do afeto desligado da representação que se teoriza aqui, a emergência do *infamiliar*, justamente como o que vem à tona nessa clivagem entre a representação e o afeto. No caso do afeto, frequentemente será sentido como angústia; no caso da representação sem o afeto, analogamente, sonhos em que a lembrança de algo ou alguém surge sem mobilizar sentimentos, por exemplo, o luto, diante do qual num primeiro momento o sujeito parece reagir como “anestesiado” revela-se uma experiência altamente *infamiliar*.

Lacan (1962-1963/2005a) reafirma a posição freudiana da angústia como afeto e não um sintoma. Ele afirma que, justamente por não se ligar à rede significante, a experiência conterà um ponto de *infamiliaridade*. Por não abarcar tudo, algo se perde na busca do significante pelo objeto, instaurando uma defasagem entre ambos.

Tomando o dito de que a angústia é sempre de castração, o que se percebe nesse preâmbulo é a ocorrência do *infamiliar* a partir da vacilação da castração simbólica, produzindo sua marca após incidir no real do corpo. Os rastros que chegam à consciência como *infamiliars* indicam algo do familiar que vem à luz e o efeito que o sujeito experimenta. Nesse caminho, o próximo passo consiste na ideia de “significantizar” esse efeito, na tentativa de apreender algo que diga sobre a sensação ou o que levou a ela. Sabe-se da impossibilidade de alcançar uma definição precisa acerca de tais elementos, pois, por dizerem de pontos secretos, ocultos, a experiência *infamiliar* remeterá a um outro ponto e depois a outro, sempre a outro.

Sob esse prisma se prosseguirá no próximo capítulo com a contribuição lacaniana sobre o *infamiliar* e a relação com o objeto causa de desejo, nomeado por ele como *a*.

CAPÍTULO 3: O *infamiliar* em Lacan

Este capítulo pretende desenvolver a relação do elemento ou traço que Freud (1919/2019) destaca ser adicionado à experiência para torná-la *infamiliar* em vez de assustadora. Teria o *infamiliar* algo do real que alcança o simbólico? A proposta do tratamento do real pelo simbólico é desenvolvida fundamentalmente por Lacan em sua obra e marca, neste trabalho, um campo de desenvolvimento para a discussão do *infamiliar*. Isso porque sua discussão profícua da temática é fundamental para a elaboração de questões relacionadas à angústia como uma dobradiça para chegar ao conceito de objeto *a*.

Tomando essa questão, pergunta-se: poderia o texto de Freud (1919/2019a) servir como uma chave de leitura para o desenvolvimento teórico de Lacan acerca da angústia e da elaboração do objeto *a*? A partir do *infamiliar*, Lacan encontra terreno fértil para o desenvolvimento de uma revisão de conceitos e aspectos de sua teoria sobre o inconsciente. Ao considerar a experiência *infamiliar*, localiza-se elementos e material substancial acerca da proposta lacaniana de uma clínica do tratamento do real e da constituição da fantasia no sujeito.

De forma geral, a repercussão do texto freudiano *O infamiliar* se dá anos mais tarde de sua publicação. Anteriormente ele é retomado pela literatura, pela estética posteriormente pela psicanálise. No campo psicanalítico, é Lacan quem dedica maiores considerações sobre o *infamiliar*. Retomar as considerações de Lacan nesta temática significa também retomar as repercussões do texto freudiano no campo psicanalítico.

Para tanto, essa investigação não se deve a um puro retorno a aspectos de uma metapsicologia freudiana e das contribuições lacanianas. Diferentemente, pretende-se, aqui, com base nessa leitura, evidenciar elementos da teoria psicanalítica que tragam contribuições à sua clínica, que, como bem lembrou Vladimir Safatle (2006), “funciona claramente como um campo indutor da produção de conceitos metapsicológicos” (p. 270).

Como o *infamiliar* é aquilo que vem à tona, percebe-se que o que o torna intolerável não é tanto que seja um anúncio da morte nem mesmo a prova de que a morte existe, já que esse fantasma anuncia e prova nada mais do que seu retorno. O que é intolerável é que o fantasma apaga o limite que existe entre dois estados – nem vivo nem morto. É a sua volta que torna o fantasma o que ele é, assim como é a volta do reprimido que inscreve a repressão.

A angústia em Dora relaciona-se ao temor de ser tomada por inteiro pelo desejo do outro – a Sra. K. Essa é a leitura que Lacan (1956-1957/1997) realiza do caso. A relação com o Sr. K. sustenta a ligação com a Sra. K. A angústia em Dora relaciona-se, assim, à alteridade, ao outro como tesouro dos significantes, a relação especular, com aquele que insere o sujeito na linguagem. É justamente essa dimensão da angústia que Lacan trata no *Seminário 10: A angústia*.

O *infamiliar* ocorre na vacilação da castração simbólica, e o objeto *a* é justamente a perda que condiciona movimentos para recuperar aquilo que já não mais é tido. Ao estudar os afetos em Freud e Lacan, Vieira (1999) marca essa aproximação: “Lacan serve-se do *Unheimliche* para mostrar que, nos contornos do texto freudiano, há mais do que Freud disse, introduzindo o objeto *a*, a partir destas coordenadas” (p. 3). Nesse ponto, Vieira (1999) indica que o *infamiliar* oferece mais caminhos do que aqueles até ali alcançados por Freud e que Lacan se vale deles para dizer da angústia e alcançar em sua teoria o objeto *a*.

Considerado o mais bem acabado e um dos mais ricos, *A angústia* é o seminário em que Lacan desenvolve com mais ênfase a teorização do conceito de objeto *a*. (Rabinovich, 1993). Embora a maior aproximação realizada por Lacan com o *infamiliar* seja nesse seminário, ela não é exclusiva dele. Sua aparição inicial ocorre quando Lacan (1955-1956/2005b) apresenta o estádio do espelho no *Seminário 3: As psicoses*.

Além do seminário sobre a angústia, Lacan se vale do *infamiliar* para alcançar outros pontos da psicanálise, como no *Seminário 6: O desejo e sua interpretação* (1958-1959/2016). Dado que o eixo do capítulo é a aproximação que Lacan realiza do *infamiliar* para dizer da angústia e do objeto *a*, privilegia-se o Seminário X: *A angústia* de 1962-1963.

3.1 Da angústia a divisão do sujeito

Assim como Freud inicia o *infamiliar* problematizando a angústia, Lacan recorre a esse ponto para alcançar o objeto *a*. Lacan (1962-1963/2005a) situa a angústia no campo dos afetos, no entanto ele não está interessado no desenvolvimento de uma teoria geral dos afetos, mas da sua consequência: a angústia.

Para Lacan (1962-1963/2005a), o afeto tem como característica, ligar-se a tudo aquilo que constitui o sujeito, por isso ele não pode ser recalcado, ele se desprende, fica à deriva, podendo ser

encontrado deslocado, invertido, metabolizado, mas nunca recalcado. “O que é recalcado são os significantes que o amarram” (p. 25).

Se há um enquadramento acerca da angústia ele se encontra no campo dos significantes. O sujeito só é concebível a partir da introdução de um significante, e o traço unário é o mais simples. (Lacan, 1962-63/2005a). Subvertendo a estrutura significativa de Ferdinand Saussure, Lacan dá ao significante a supremacia em relação ao significado:

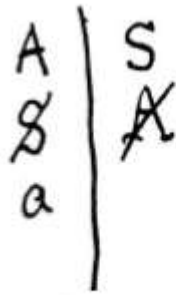
Nossa definição do significante (não existe outra) é: um significante é o que representa o sujeito para outro significante. Esse significante, portanto, será aquele para o qual todos os outros significantes representam o sujeito: ou seja, na falta desse significante, todos os demais não representariam nada. (Lacan, 1960/1998, p. 833)

A primazia do significante sobre o significado remete à descoberta freudiana, que elabora a psicanálise a partir da teoria do recalque. Essa concepção é representada por Lacan em seu algoritmo S/s, onde a barra que divide a operação sinaliza o recalque.

Assim, se o sujeito é aquilo que um significante representa para outro significante, o Outro é aquilo que está entre a relação significativa. Desse modo, é partir da dimensão do Outro que o sujeito se constitui. Ocorre assim um investimento no campo do Outro, um investimento especular, teoria que é desenvolvida por Lacan fundamentalmente no estágio do espelho, mostrando que por se constituir no campo do outro, o sujeito se torna dependente dos significantes.

O processo de identificação é desse modo a base do desejo. Jacques Allain-Miller (1999) assinala o desejo que Lacan define como “um desejo evanescente, cujo único objeto e única satisfação é ser reconhecido pelo outro. Sem nenhuma substância, o que o dominaria, o enquadriaria, o habitaria, seria o desejo de reconhecimento” (p. 40)

Na operação de constituição do sujeito lacaniano, há um objeto afetado pelo desejo: “Por causa da existência do inconsciente, podemos ser esse objeto afetado pelo desejo. Aliás, é na condição de ser assim marcada pela finitude que nossa própria falta, sujeito do inconsciente, pode ser desejo, desejo finito” (Lacan, 1962-1963/2005a, p. 35). A teoria do significante permite a Lacan imaginar um número inteiro em vez de uma falsa infinitude do desejo, o que lhe permite escrever a operação da divisão do sujeito em um esquema.



Primeiro esquema da divisão do sujeito
Lacan, 2005 [1962-63], p. 36).

Esse é inicialmente o esquema proposto por Lacan (1962-1963/2005a) para pensar a constituição do sujeito, do objeto *a*, e a função da angústia. O esquema é dividido em duas linhas. Na primeira linha trata-se de um nível mítico, já que nela está “A”, o Outro originário como lugar do significante, e “S”, o sujeito ainda inexistente, ou seja, não situado no campo da linguagem. A segunda linha corresponde àquilo que pode ser vivenciado. O “S/” [sujeito barrado] já se encontra no lado do Outro (A), ele se inscreve como cociente, isto é, resultado, marcado pelo traço unário do significante. O outro desse nível (A/) está alocado no campo do sujeito, e sua barra indica que alguma coisa foi extraída, inscrevendo, assim, a possibilidade de o sujeito existir.

Dessa operação de significantização constituinte do sujeito algo se perderá, há um resto, resíduo, irreduzível, nomeado por Lacan como objeto pequeno *a*. Tanto S/ como *a* estão no lado do outro: “Todos os dois estão do lado do Outro, porque a fantasia, esteio do meu desejo, está inteiramente do lado do Outro” (Lacan, 1962-1963/2005a, p. 36). No esquema é possível localizar a fantasia. Sujeito barrado e objeto *a* estão no lado objetivo, na primeira coluna (S/ <> *a*). A fantasia localiza-se inteiramente do lado do Outro.

Esse resto – inquantificável, indivisível – encontra-se no lado do Outro, resultado da marca deixada pelo significante, e do outro lado está o que constitui o inconsciente, ou seja, A/, o Outro inatingível. O resto da operação é justamente aquilo que garante a alteridade do Outro, aquilo que é possível, pois há o resto, provando que a operação existiu. É justamente aí que está a problemática da angústia: o resto é um enigma, o que restou? Essa questão enigmática instaura a falta, que está vinculada ao Outro, ao desejo do Outro, fazendo do Outro o Outro. A falta, contudo, é sempre uma concepção ampla, um termo muitas vezes vago. Lacan aborda a falta como um pedaço de corpo

cortado. O que produz o corte, conforme mostra no esquema da divisão do sujeito, é o significante, enquanto o pedaço é o objeto *a*.

O que Lacan mostra nesse ponto é, por assim dizer, a articulação da teoria do desejo com o Outro. Para desejar, é preciso que algo falte. Nesse impasse surge uma questão apontada por Lacan como “*Che vuoi?*”, que pode ser traduzida como “O que queres de mim?” (Lacan, 1960/1998, p. 829). Essa expressão é extraída pelo psicanalista francês da obra de Jacques Cazzote *Le Diable amoureux*, mostrando o caráter interrogativo de “que queres de mim?” sob a face demoníaca do desejo como questão.

Sabe-se que *a* é precisamente o objeto perdido “porque ele é o que não temos mais” (Lacan, 1962-1963/2005a, p.243), ele é o que foi perdido na operação. Esse objeto perdido, no entanto, articula-se a outros momentos da teoria lacaniana, contudo é por meio da angústia que se dá sua aparição inicial. Lacan (1962-1963/2005a) define a angústia como a única tradução subjetiva do objeto *a*:

O objeto *a*, este ano, está no centro de nosso discurso. Se ele se inscreve no âmbito de um Seminário que intitulei de ‘a angústia’, é por ser essencialmente por esse meio que se pode falar dele, o que também quer dizer que a angústia é sua única tradução subjetiva (p. 113).

Antes de responder à pergunta sobre o surgimento da angústia, é preciso compreender o objeto *a* lacaniano. Afinal, a questão lacaniana sobre a angústia é justamente sobre o que é produzido do sujeito com o objeto *a*. A angústia é consequência da relação do sujeito com *a*.

Dado o desenvolvimento realizado até aqui, o que se pode dizer sobre *a*? Posto que é resto, prova da operação, ele é: “aquilo que sobrevive à provação da divisão do campo do Outro pela presença do sujeito” (Lacan, 1962-1963/2005a, p. 243). O objeto *a*, como inominável e indefinível, será também invisível. O objeto *a* é externo a toda definição possível de objetividade.

Neste ponto Lacan procede a condição de responder à pergunta sobre quando surge a angústia;

Nesse ponto Lacan (1962-1963/2005a) responde à pergunta sobre quando surge a angústia:

A angústia surge quando um mecanismo faz aparecer alguma coisa no lugar que chamarei, para me fazer entender, de natural, ou seja, o lugar (-φ.), que corresponde, do lado direito,

ocupado, do lado esquerdo, pelo a do objeto do desejo. Eu disse *alguma coisa* – entendam *uma coisa qualquer* (p. 51, grifo do autor).

Nesse trecho Lacan se refere ao esquema do estádio do espelho, publicado e analisado de forma completa em *Observações sobre o relatório de Daniel Lagache* (1998/1960). É no estádio do espelho que Lacan inaugura a escrita da letra a , que será conceituada anos mais tarde no *Seminário 10: A angústia*, aqui em questão. Nessa leitura, Lacan (1962-1963/2005a) apresenta uma versão simplificada do esquema (Figura 2), que será utilizada aqui, já que ela é adequada aos objetivos deste capítulo.

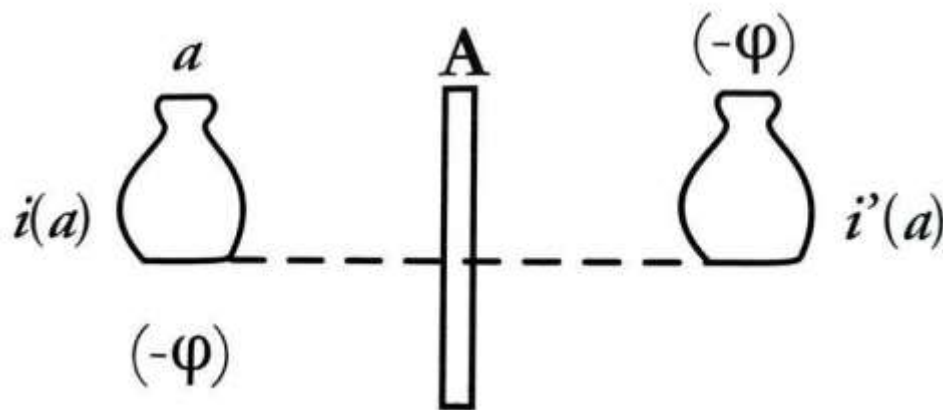


Figura 2: Esquema dos dois espelhos simplificado.

O esquema parece idêntico à versão completa apresentada por Lacan (1960/1998). Diferentemente da original, na representação do *Seminário 10*, Lacan coloca o objeto a no topo da imagem Real e abaixo dela o vaso $(-\varphi)$ castração, que também aparece do lado oposto, o lado da imagem virtual.

Através do esquema Lacan mostra que o sujeito não vê por si só, a imagem real $i(a)$ e o objeto a . Contudo, no espelho do Outro – A – ele reconhece sua imagem como uma imagem virtual: $i'(a)$. Para dizer do seu esquema, Lacan recorre ao exemplo da criança que, ao reconhecer sua imagem especular, realiza um movimento característico de se voltar para aquele que a segura: “Ou

seja, a criança se volta, como observei, àquele que a segura e que está atrás dela” (Lacan, 1962-1963/2005a, p. 41).

Basta compreender o estágio do espelho como uma identificação, no sentido pleno que a análise atribui a esse termo, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem – cuja predestinação para esse efeito de fase é suficientemente indicada pelo uso, na teoria, do antigo termo *imago*. (Lacan, 1949/1998, p.97).

O movimento de virada de cabeça, que invoca o assentimento do adulto, pede que esse grande Outro que a segura ratifique o valor de sua própria imagem.

Basta compreender o estágio do espelho como uma identificação, no sentido pleno que a análise atribui a esse termo, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem – cuja predestinação para esse efeito de fase é suficientemente indicada pelo uso, na teoria, do antigo termo *imago*. (Lacan, 1949/1998, p. 97)

Por ter um limite, o investimento da imagem especular é um tempo fundamental da relação imaginária:

Trata-se de um modelo óptico, ao qual sem dúvida o exemplo de Freud me autoriza, não sem se motivar, para mim, numa afinidade com os efeitos de refração condicionados pela clivagem entre o simbólico e o imaginário. (Lacan, 1956/1998, p. 429).

Terêncio (2013) analisa que o exemplo da criança, tão comum e emblemático, demonstra de forma clara a dependência do registro imaginário em relação ao simbólico. A imagem narcísica só se sustenta em referência simbólica ao Outro. Ou seja, por depender do Outro na assunção da imagem especular, o que o sujeito encontra diante de si é apenas a imagem virtual $i'(a)$, local para onde o desejo também se dirige. Contudo, não há imagem virtual do a no esquema, garantindo que o a , que reveste os objetos da realidade, não seja diretamente visível do outro lado do espelho.

Desse modo, o imaginário permanece uma falta. Ao buscar preenchimento, esse espaço faltoso estrutura o campo do desejo com objeto a na fantasia. “O objeto está atrás do desejo” (Lacan, 1962-1963/2005a, p. 115). Refletida sua imagem, o objeto a surge no lado direito como $i'(a)$. O $i'(a)$ surge não pelo que é, mas como causa do a .

Situado ao lado direito do esquema, $(-\phi)$ se refere ao espaço faltoso, ao vazio no imaginário. Ele está inverso ao a , então o que a reflete é castração. O que sobra do reconhecimento da imagem do próprio corpo é a castração. O símbolo $(-\phi)$ representa a porção da libido que permanece investida no corpo e não passa para o nível especular, permanecendo como resultado faltante, por isso sua representação no lado esquerdo, estruturando e sustentando a relação do sujeito com objeto a neste lado, ou seja, na fantasia.

De modo geral, considera Terêncio (2013), pode-se dizer que tanto a quanto $(-\phi)$ não podem ser vistos. Eles representam algo que se desloca no eixo da energia, do investimento libidinal. Embora sejam diferentes, há solidariedade entre eles. Para Soler (2012), “o $(-\phi)$ como reserva libidinal do lado do sujeito e o a como isso que vai se investir na imagem e lhe dar seu valor erótico” (p. 30).

De forma resumida, esse é o caminho percorrido por Lacan para dizer sobre como surge a angústia. Trata-se de alguma coisa, uma coisa qualquer, que aparece no lugar de menos phi $(-\phi)$, no lado direito, acima da imagem virtual do vaso. Esse espaço que corresponde, no lado esquerdo, ao objeto a do objeto do desejo. E o que é que surge nesse lugar da castração imaginária? Escreve Lacan (1962-1963/2005a): “A *Unheimlichkeit*³⁰ é aquilo que aparece no lugar em que deveria estar o menos-phi” (p. 51).

Sabendo que menos-phi $(-\phi)$ não é especularizável, pois não existe imagem da falta, esse lugar deveria estar vazio, conforme escreve Lacan (1962-1963/2005a):

Aquilo de que tudo parte, com efeito, é a castração imaginária, porque não existe, por bons motivos, a imagem da falta. Quando aparece algo ali, portanto, é porque, se assim posso me expressar, a falta vem a faltar. (pp. 51-52)

Lacan (1962-1963/2005a) considera que muitas coisas podem ser produzidas no sentido de uma anomalia, e que não é isso que angustia. Mas se de repente faltar toda e qualquer norma, tanto na anomalia quanto na falta, isto é, se a falta faltar, “é neste momento que começará a angústia” (p. 52). É na relação com o Outro que surge a angústia de castração.

³⁰ A *Unheimlichkeit* é um termo utilizado por Lacan (1962-1963/2005a) a partir do *unheimliche* para dizer do estranhamento, da experiência de estranheza do sujeito quando o objeto a aparece na cena.

3.2 O *infamiliar*: A angústia de castração

A operação da divisão do sujeito é organizada de forma esquemática por Lacan para mostrar o objeto *a* como resto. Por ser indefinível, torna-se também enigma, instaurando o desejo em decifrá-lo. Como *a* só existe no real e é inalcançável no simbólico, ele estabelece uma busca no sujeito, por isso *a* é lido como causa do desejo. A operação da divisão do sujeito é o esquema utilizado por Lacan para mostrar o objeto *a* como resto.

Enquanto o esquema ótico, ao caracterizar $i'(a)$ como uma falta, pois não é *a*, e sim uma imagem, assinala algo faltante, que não está velado, mas relacionado a uma ausência essencial. A ausência é a possibilidade justamente da aparição daquilo que falta, que está em outro lugar. Por isso, a falta revela a presença do objeto perdido, pois o que a falta marca é justamente um espaço a ser preenchido; o que o signo da falta designa é sua ausência. “É no nível da biblioteca que se pode dizer: Aqui está faltando o volume tal em seu lugar” (Lacan, 1962-1963/2005a, p. 147).

Soler (2012) considera que esse *a*, enigmático, sem imagem, sem significante não é o que efetivamente aparece. O que aparece é um objeto qualquer na realidade, contudo é o objeto *a* que comanda essa aparição. O *a* o objeto da angústia: “não só ela não é sem objeto, como também, muito provavelmente, designa o objeto, digamos, mais profundo, o objeto derradeiro, a Coisa” (Lacan, 1962-1963/2005a, p. 339).

Assim, escreve Lacan (1962-1963/2005a): “Como lhes indiquei, a presença em questão é a do *a*, o objeto na função que ele exerce na fantasia” (p. 55). No lugar da falta, equivalente ao *a* no lado direito, Lacan insere o sinal menos *phi* ($-\phi$) como instrumento da relação com o Outro. Já que *a* é impossível como imagem virtual, o sujeito se constitui a partir da imagem do semelhante e suas normas. Mas o que é o lugar designado pelo ($-\phi$)? “é a angústia, a angústia de castração, em sua relação com o Outro (Lacan, 1962-1963/2005a, p. 55).

Lacan considera que a angústia de castração não constitui o maior impasse do neurótico, ela já é dada pelo símbolo ($-\phi$). Ele ressalta a importância dos acidentes da *cena*, o traumático. A fratura imaginária traumática apresenta as variações e as anomalias, indicando que algo nesse material tem outra função que dá pleno sentido ao termo “castração”. Então aquilo que o neurótico recua não é a castração em si, é fazer de sua castração o que falta ao Outro, a fim de garantir a função do Outro.

Lacan (1962-1963/2005a) escreve:

Ora, o que são as histórias senão uma imensa ficção? O que pode assegurar uma relação do sujeito com esse universo de significações senão que, em algum lugar, existe gozo? Isso ele só pode assegurar por meio de um significante, e esse significante falta, forçosamente. Nesse lugar de falta, o sujeito é chamado a dar o troco através de um signo, o de sua própria castração. (p. 56)

A dedicação do neurótico está em colocar sua castração à garantia do Outro. A castração equivale essencialmente ao momento de sua interpretação. É nesse nível do questionamento do complexo de castração que Lacan realiza a exploração concreta da angústia.

Ao escrever que a angústia está ligada ao que aparece no lugar ($-\phi$), Lacan (1962-1963/2005a) assegura que o fenômeno que garante isso é o *Unheimlichkeit*. Ele destaca que a definição do *unheim* é ser *heim*: “É o que está no lugar do *heim* que é *unheim*” (p. 57).

Uma curiosidade nessa passagem é que, após essa afirmação, Lacan (1962-1963/2005a) diz em seu seminário:

Freud não dá a menor importância a explicar por quê. É assim. Uma vez que é muito evidente, pela simples leitura dos dicionários, que é assim, ele não se detém mais nisso, é como eu hoje, precisa seguir adiante. (p. 57).

Bom, a não ser que ocorra alguma ambiguidade não totalmente compreendida nesse trecho, se há algo a que Freud se dedica em seu texto é explicar o movimento linguístico da palavra, isto é, inicialmente *unheimliche* é usualmente oposto ao confiável e confortável, mas não àquilo que é familiar, doméstico. Diferentemente de uma simples leitura dos dicionários, Freud explora a flexibilidade que a palavra assume e a implicação de sua não utilização como oposto a familiar, doméstico, conforme trabalhado no primeiro capítulo.

O lugar acima de $i'(a)$, agora *Heim*, local da angústia, servirá para o neurótico se defender e encobrir a angústia. Por essa razão, segundo Lacan (1962-1963/2005a), o neurótico nunca faz grande coisa com sua fantasia, pois ela o defende da angústia, já que esse a é posição. O que quer então esse neurótico? O verdadeiro objeto buscado pelo neurótico é uma demanda, é isso que ele

quer que lhe seja feito. “Ele quer que lhe façam súplicas. A única coisa que não quer é pagar o preço” (p. 62).

Lacan considera que em *Inibição, sintoma e angústia*, Freud diz da angústia como reação-sinal ante a perda de um objeto. E acrescenta que não se trata do sinal de uma falta, mas da falta de apoio à falta: “Que a angústia não é sinal de uma falta, mas de algo que devemos conceber num nível duplicado, por ser a falta de apoio dada pela falta” (p. 64).

Neste ponto pode-se dizer que Lacan apresenta algo original acerca da forma como define a angústia. “Não é a nostalgia do seio materno que gera a angústia, mas a iminência dele? O que provoca a angústia é tudo aquilo que nos anuncia, que nos permite entrever que voltaremos ao colo” (Lacan, 1962-1963/2005a, p. 64). Seguindo a ideia que apresenta sobre falta, não é da perda do objeto que se trata, conforme Freud utiliza no *fort-da*, mas da presença dos objetos que não faltam.

O que há de mais angustiante para a criança é, justamente, quando a relação com base na qual essa possibilidade se inscreve, pela falta que a transforma em desejo, é perturbada, e ela fica perturbada ao máximo quando não há possibilidade de falta, quando a mãe está o tempo todo nas costas dela, especialmente a lhe limpar a bunda, modelo da demanda, da demanda que não pode falhar. (Lacan, 1962-1963/2005a, p. 64).

Recorrendo ao caso do Pequeno Hans, Lacan retoma o fato de angústia estar ligada à proibição feita pela mãe às práticas masturbatórias. Contudo, destaca Lacan, a proibição serve mais como tentação. O objeto, nesse caso, a mãe, não falta quando deveria, mantendo-se presente e acessível. A angústia de Hans não é a proibição do incesto e sua ameaça de punição, mas a crença de que o incesto é possível.

Por fim, Lacan (1962-1963/2005a) procede ao fracasso do amor do supereu e o que está no caminho da repetição desse fracasso. “O que quer dizer isso senão que o que se teme é o sucesso? Trata-se sempre do *isso não falta*” (p. 64). A proposição lacaniana revela que o temor está no sucesso, é ele o angustiante por remeter sentido ao objeto do desejo que preenche a falta. “Assim, para manter-se desejante, mais vale optar pelo fracasso” (Terêncio, 2013, p. 212).

A estrutura da angústia apresentada no esquema do espelho também mostra que ela, a angústia, é enquadrada:

O que dizer com isso é que a primeira coisa a adiantar sobre a estrutura da angústia – e que vocês sempre negligenciam nas observações, por ficarem fascinados com o conteúdo do espelho e esquecerem seus limites – é que a angústia é enquadrada. (p. 85)

Vale lembrar que Freud (1919) realiza sua análise sobre o *infamiliar* a partir de um campo negligenciado pelos especialistas estéticos, enquanto Lacan denuncia a negligência de seus ouvintes ao enquadramento em que o esquema insere a angústia. Lacan (1962-1963/2005a) compara esse enquadramento ao do sonho, que, de forma esquemática, escancara a relação da fantasia com o real. E recorre ao enquadramento da angústia como sua estrutura para dizer que:

O que quero acentuar hoje é apenas que o horrível, o suspeito, o inquietante, tudo aquilo pelo qual traduzimos para o francês, tal como nos é possível, o magistral *unheimlich* no alemão apresenta-se através de claraboias. É enquadrado que se situa o campo da angústia. Assim vocês reencontram aquilo por meio do qual introduzi a discussão, ou seja, a relação da cena com o mundo. (p. 86)

O escrito lacaniano mostra que o enquadramento sempre estará presente; a angústia, no entanto, é outra coisa. O “súbito”, o “de repente” são a própria dimensão da cena que permite surgir o que, no mundo, não pode ser dito. Há, assim, um tempo introdutório da angústia sem o qual nada poderia adquirir algum valor, como trágico ou cômico. Por isso, a angústia ocorre quando algo parece no enquadramento do que já estava ali perto, em casa, *Heim*. Lacan concorda em afirmar que aquilo que aparece no lugar *Heim*, doméstico, é o hóspede desconhecido, que aparece inopinadamente. Ele se refere a esse hóspede [*hôte*] que, inquietado pela espera, passa a ser hostil [*hostile*]. Ele não é o *heimlich*, familiar; é o hostil lisonjeado, aceito. Lacan (1962-1963/2005a) afirma: “Aquilo que é *Heim*, o que é *geheimnis* [segredo, mistério], nunca passou pelos desvios, pelas redes, pelas peneiras do reconhecimento. Manteve-se *unheimliche*, menos não habituável do que não habitante, menos inabitual do que inabitado” (p. 87).

Lacan (1962-1963/2005a) escreve que há um campo onde o sujeito nada sabe: “No sujeito que somos, tal como aprendemos a manejá-lo e determiná-lo, há também todo um campo em que nada sabemos do que nos constitui” (p. 70). Isso torna, para o autor, o objeto do conhecimento insuficiente diante daquilo que não se sabe que constitui o sujeito.

Segundo Lacan (1962-1963/2005a), não fosse a psicanálise, saber-se-ia disso pelo objeto que se dá na experiência que a dimensão do estranho [*infamiliar*] faz.

Se não houvesse a psicanálise, saberíamos disso pelo fato de existirem momentos de aparecimento do objeto que nos jogam numa dimensão totalmente diversa, que se dá na experiência e merece ser destacada como primitiva na experiência. Trata-se da dimensão do estranho. (p. 70)

No *Seminário 10*, Lacan deixa claro que a escolha em investigar a angústia não se faz por uma simples opção, pois a angústia tem um propósito. E é esse propósito que permite a ele evidenciar a noção do objeto *a* e dizer da angústia como única tradução desse objeto impossível.

Segundo Lacan, constitui um erro dizer que a angústia é sem objeto. O surgimento do *heimlich* representa o fenômeno da angústia. O objeto da angústia é diferente daquele objeto estruturado pela grade do corte, do traço unário, do sulco, do corte significativo. A rede significativa gera o mundo do sujeito falante, ela é suscetível ao engano, mas a angústia é o corte, o inesperado, a visita, a notícia como pressentimento, ‘*pré-sentimento*’, que existe antes do nascimento de um sentimento. “Todos os desvios são possíveis a partir da angústia. O que esperávamos, afinal de contas, e que é a verdadeira substância da angústia, é o *aquilo que não se engana*, o que está fora de dúvida” (p. 88). Assim a angústia, considera Lacan, não é a dúvida, ela é a causa da dúvida. A indicação de Lacan para alcançar o verdadeiro peso da angústia está na direção de sua abertura.

Esse é um ponto concomitante ao que Lacan escreve na diferença da angústia de castração para a ameaça de castração. A angústia de castração liga-se ao objeto *a*, para o qual o falo é o significativo privilegiado. A ameaça de castração, no entanto, mais incita o desejo do que propriamente o inibe. Lacan (1962-1963/2005a) afirma que a castração do complexo não é uma castração. Ele menciona o exemplo do fracasso da circuncisão, que mesmo relacionada com objeto da angústia, não é a causa: “Nada é menos castrador do que a circuncisão” (p. 92). Para Lacan (1962-1963/2005a), desejo e lei são a mesma coisa: “o desejo e a lei, que parecem colocar-se numa

relação de antítese, são apenas uma e a mesma barreira, para nos barrar o acesso à Coisa. *Volens nolens*: ao desejar, enveredo pelo caminho da lei” (p. 93).

Em clara discordância com Freud em *Inibição, sintoma e angústia* (1926/2014b), Lacan (1962-1963/2005a) afirma que Freud fala de tudo, menos de angústia. Em torno do indizível, Lacan escreve *a*, colocando-o como única tradução subjetiva da angústia. Afinal, a angústia surge, no momento em que, ao se ver, o sujeito se reconhece como objeto causa do desejo do Outro. Portanto, a angústia é sinal da intervenção do objeto *a*. É como desejantes que somos objeto (Rabinovich, 1993).

3.3 Lacan, objeto *a* infamiliar

Ao ser produzido pelas barras que cifram o Outro, e o sujeito, o objeto *a*, resultante da operação, mostra uma castração que é anterior à própria castração edípica, ou seja, uma castração na linguagem. O problema está na entrada do significante no real e no modo como se dá o nascimento do sujeito a partir disso. Ao inserir a divisão real-simbólico-imaginário, o furo que permite ao significante se encarnar é o corpo. Mas, que corpo? Para Lacan, não se trata do corpo de Descartes, nem mesmo aquele da experiência do espelho. Quando a imagem especular se modifica, ela deixa surgir a dimensão do próprio olhar, como um *initium*, uma aura, de um sentimento de estranheza, que é a porta aberta para a angústia. A função do *a*, está nessa passagem, da imagem especular para o duplo que escapa: “Essa função vai muito além do que aparece nesse momento estranho,³¹ que eu quis situar aqui simplesmente por seu caráter, ao mesmo tempo o mais notório e o mais discreto em sua intensidade” (Lacan, 1962-1963/2005a, p. 100). Embora nesse momento utilize *étrange*, não parece que Lacan se refere a algo *infamiliar*. A aproximação entre os termos é evidente. É como se *étrange* operasse como sinal de *l'inquiétant-étrangeté*.³² Assim também é com *a*, que, ao dar entrada no mundo real, só faz retornar algo do inconsciente no próprio Eu. Lacan cita como exemplo o ocorrido com o escritor Guy de Maupassant (2011)³³, que ao fim da vida começou a não mais se ver no espelho e sentir a presença de um fantasma. Quando o

³¹ Étrange.

³² Opção de tradução da editora francesa PUF para o texto freudiano *Das unheimliche* (1919).

³³ Guy de Maupassant (1850-1893).

fantasma se virava o escritor via que era ele próprio, experiência semelhante à sensação de *infamiliar* de Freud (1919/2019a) no trem.³⁴

Fingia, então, estar escrevendo para enganá-lo, pois ele também me espiava, e, de súbito, senti, tive a certeza de que ele lia por cima do meu ombro, de que ele estava ali, roçando a minha orelha. Levantei-me, com as mãos estendidas, virando-me tão depressa que quase caí. Pois bem!... enxergava-se como em pleno dia, e eu não vi no espelho!... Ele estava vazio, claro, profundo, cheio de luz! Minha imagem não estava lá... e eu estava diante dele! Eu via de alto a baixo o grande vidro límpido. E olhava para aquilo com um olhar alucinado; e não ousava mais avançar, não ousava mais fazer qualquer movimento, sentido, no entanto, que ele estava lá, mas que me escaparia de novo, ele, cujo corpo imperceptível havia devorado o meu reflexo (Maupassant, 2011, p. 64).

Tais experiências em alguma medida dizem sobre algo angustiante. O aforismo lacaniano sobre a angústia – “que ela não é sem objeto”. (Lacan, 1962-1963/2005a, p. 113) – mostra a relação do sujeito com *a*. A angústia, como um afeto, se mantém à deriva. A experiência angustiante de Freud no trem e a de Maupassant não são recalcadas. Por não se vincular à rede de significantes, ela não é passível de representação, assumindo, assim, um caráter *infamiliar* e comportando algo do Eu. A sensação *infamiliar* ocorre não por se tratar de um objeto dizível, enquadrado como um fenômeno, mas pela impossibilidade de uma imagem ou palavra que represente. Não é sem motivo que o objeto *a* está no seminário intitulado *A angústia* e sim porque é essencialmente por esse meio que se pode falar do objeto *a*. A angústia é, assim, sua única tradução subjetiva. A relação com objeto *a*, conforme Lacan apresenta nesse seminário, ocorre pela aproximação com o real. Devido a essa característica, essa aproximação é altamente *infamiliar*.

É neste ponto que o desenvolvimento desta dissertação observou que o *infamiliar* comporta mais significantes do que a palavra. Embora não seja descartada a possibilidade de ter ocorrido, dificilmente Freud no exemplo do trem ou Maupassant com sua experiência de não se reconhecer no espelho tenham pensado naquele momento suas experiências como *infamiliar*. A experiência de Dora, perdidamente em silenciosa admiração diante a tela da *Maddona Sistina*, parece retratar melhor a aproximação feita do *infamiliar* como resultado da aproximação com objeto *a*. Assim é

³⁴ Ver a seção 1.4 *O infamiliar: perspectivas atuais* desta dissertação.

possível visualizar a dimensão em que Lacan insere *a*, não como objeto do desejo, mas como causa do desejo.

Lacan concorda com Freud ao situar a angústia como um fenômeno de borda, no limite do eu [*moi*], quando é ameaçado por algo que não deve aparecer. No momento anterior ao estágio do espelho, aquilo que será *i(a)*, está desordenado, como pequenos *a*. Assim, *a* é resto, abominado pelo Outro. É neste ponto que Freud e Rank localizam a origem da angústia, no nível pré-especular e pré-autoerótico. A fantasia opera aí como proteção, uma tela criada diante da inconsistência do Outro. Por isso, a falta traz o autoerotismo. “Não é do mundo externo que sentimos falta, como há quem o expresse impropriamente, mas de nós mesmos” (Lacan, 1962-1963/2005a, p. 132).

A falta é marca radical na própria constituição da subjetividade. Quando descoberta, a maneira mais segura de abordá-la é, segundo Lacan, como um pedaço do corpo. É esse ponto que o sujeito tenta incessantemente contornar e, ao contorná-lo, só se desenha mais seu contorno, por isso a angústia situa-se como fenômeno de borda. É no Outro que está toda a possibilidade de simbolização e de lugar do discurso, é ali que o sujeito se vê. O que possibilita a relação com o outro é a existência do significante, que em certo sentido, não pode ser significado, ao que Lacan chama de “falta-de-significante”.

A castração é simbólica e se refere a um fenômeno de falta, que surge no decorrer da análise que fundamentalmente trata a relação com o Outro. Uma das formas que a falta pode assumir é como $(-\phi)$, suporte imaginário da castração. “Mas essa é apenas uma das traduções possíveis da falta original, do vício estrutural inserido no ser-no-mundo do sujeito com que lidamos” (Lacan, 1962-1963/2005a, p. 151). Dessa forma, ocorrem dois modos pelos quais *a* pode aparecer na relação com o Outro. Só é possível alcançá-los através da função da angústia, uma vez que a angústia é o sinal deles.

Uma das formas é considerar a angústia como defesa diante do real, como uma resposta radical ao desamparo absoluto da vinda ao mundo. A outra forma é a angústia retomada pelo eu [*moi*] como sinal de perigos mais leves, como as ameaças ao Eu e o Isso. Sobre as duas ideias, Lacan propõe que não se trata da defesa contra a angústia, mas contra aquilo de que ela é sinal.

Quando se coloca um discurso sobre a relação que se mantém com o Outro, coloca-se em questão o que deve ser a relação com *a*. O processo analítico, local em que se coloca a relação com o Outro e com *a*, concerne ao manejo da relação transferencial, que por isso vai girar em torno do *a*.

Ao tratar do perverso ou do psicótico, Lacan (1962-1963/2005a) situa a relação da fantasia ($S/\langle a \rangle$) de forma que a fique em seu lugar do lado do $i(a)$. O manejo da relação transferencial, escreve ele:

Nesse caso, para manejar a relação transferencial, de fato temos que tomar a nós o a de que se trata, à maneira de um corpo estranho, de uma incorporação da qual somos o paciente, porque o objeto como causa de sua falta é absolutamente estranho ao sujeito que nos fala. (p. 154)

Na neurose há uma posição diferente, na medida em que algo da fantasia aparece do lado da imagem $i'(a)$. Aparece algo que parece ser a , que conforme o esquema do estádio do espelho apresentado, a não pode ser especularizável. O que surge ali é apenas um substituto. Isso não significa, esclarece Lacan, que seja essa a causa da transferência, pois o analista sempre lida com o pequeno a , que não está em cena, mas que a cada instante pede para subir no palco, a fim de introduzir seu discurso.

Assim, as ligações entre o *infamiliar* e a estão presentes. Por isso, neste trabalho foram abordadas questões referentes a tais aproximações. A estranheza do corpo na psicose, marcada pelo objeto causa da falta, seria o Eu, *infamiliar*, que surge? Ou, na neurose, aquilo que surge no lugar do a , por comportar algo desse objeto causa, também não anuncia algo do *infamiliar*? Tais aproximações balizam a relação do *infamiliar* com a , como a falta faz com a angústia. Afinal, se Lacan está correto em considerar que o que causa a angústia é a ausência da falta, o que *infamiliariza* é existência do a na cena, que também pode surgir na sessão de análise, na transferência.

Ao discutir esse impasse freudiano no *Seminário 10*, Lacan (1962-1963/2005a) retoma o tema da *Unheimlichkeit*, mas não o articula diretamente à sua proposta de avançar a análise para além da angústia de castração. Para ele, o limite da análise pensado por Freud como esbarrando na angústia de castração é consequência de sua não percepção sobre a função do objeto parcial na relação sincrônica do analisando com o analista, ou seja, na transferência.

3.4 O *infamiliar* em Lacan e Freud: Possibilidades e recuos

O interesse de Freud no *infamiliar* ocorre inicialmente pela via da angústia, por aquilo que retorna, não como assustador, mas como algo angustiante. Freud se preocupa em extrair o que da palavra comporte algo da sensação, de um núcleo que localize o ponto de inquietação dessa sensação. Lacan, inicialmente relê o *infamiliar* por meio do *das Ding*, em seu sétimo seminário. Mas é também por meio da angústia que ele debruça sobre o tema para alcançar seu conceito mais caro à psicanálise – o conceito de objeto *a*.

Terêncio (2013) comenta que a frase de Schelling, de fundamental importância para as constatações freudianas, sobre *unheimliche* ser o que “vem à luz”, também vem a calhar para o esquema ótico lacaniano. Afinal, o que vem à luz no lugar vazio do vaso do esquema ótico, da castração (-φ), é o *infamiliar*.

O *infamiliar*, para Freud, consiste no familiar íntimo, secreto, oculto, que surge de forma repentina. Em Lacan esse surgimento pode ser lido com o especular esquema ótico, que será *infamiliar* por revelar a dimensão desejante do sujeito. Talvez por isso a aproximação inicial que Lacan realiza com a temática do *infamiliar* e do estranho ocorre no seminário da ética.

Em *A direção do tratamento e os princípios de seu poder*, Lacan (1958/1998) trata a estratégia da transferência, tática da interpretação e política de direção ou manejo do ser no âmbito da falta a ser. O lugar da falta a ser é afinal o *infamiliar* local da castração. Quando o analista fala desse lugar, dessa estratégia, ele fala da política, do “desejo do analista”, da ética da psicanálise.

Não obstante, sujeitos procuram análise por se depararem com situações descritas como estranhas, esquisitas, incomuns, como é o caso de repetições, ou da angústia que emerge diante do desejo do Outro.

Escreve Lacan (1962-1963/2005a)

Reflictam sobre o alcance dessa formulação, que acredito poder oferecer como a mais geral sobre o que é o surgimento do *unheimlich*. Pensem que estão lidando com o mais repouso dos desejáveis, em sua forma mais tranquilizadora – a estátua divina que é apenas divina; que há de mais *unheimlich* do que vê-la animar-se, ou seja, mostrar-se desejante? (p. 296).

O que há de mais *unheimlich* do que a estátua divina se animar? Mostrar-se desejante? Talvez seja essa a questão da jovem Dora com a Madona Sistina, especularizando o desejo feminino em tela, no momento em que o visível se transforma, sem necessariamente introduzir um objeto, mas algo do *a*. Tal como a claraboia, objeto citado por Lacan pelo qual o horrível, o suspeito o inquietante se apresenta, a claraboia permite essa passagem luminosa da constituição em relação à imagem. A luz diferente que atravessa a claraboia é a luz que aparece quando Dora se depara com a tela e muda a percepção, realizando o impacto significativo sobre o modo como o simbólico se organiza.

À semelhança do que ocorre na leitura freudiana do conto *O homem da areia*, Freud localiza o sotaque do estrangeiro vendedor de barômetro Coppolla “*Ah, barometro no, barometro no. Bellis occhios – bellis occhios*” um ruído, como forma desajeitada que a aproximação das palavras em italiano *occhiali* (óculos) realiza com *occhi* (olhos). O ruído do sotaque permite que algo passe, provocando inquietação em Natanael. Diante ao desejo que o devora, Natanael se apaixona pelo autômato Olímpia, como autômato não é desejante, e atira do alto da torre sua noiva Clara. De tal modo, parece ocorrer equivalência entre o que Freud considera como angústia traumática e o Desejo do Outro em Lacan (1962-1963/2005a).

Basta que os remeta aqui, mais uma vez, à função *unheimlich* dos olhos como algo manipulado, para fazer com que vocês passem de um ser vivo a seu autômato, através do personagem – encarnado por Hoffmann e posto por Freud no centro de seu artigo sobre o *unheimlich* – de Coppélius. Este fura as órbitas, para investigar até a raiz delas o que é o objeto – em algum lugar, um objeto capital, essencial para se apresentar como o mais além, e o mais angustiante - do desejo que ele constitui, ou seja, o próprio olho. (p. 342)

Freud percebe no conto do homem da areia a relação dos olhos com o falo imaginário, a leitura lacaniana identifica no olhar do Outro a angústia com que a onipotência do Outro constitui o supereu. Lacan também recorre a literatura para tratar o *infamiliar*. Em uma construção teórica sobre o conceito do objeto *a*, Lacan (1962-1963/2005a) recorre à obra de Shakespeare *Hamlet*. Através de uma identificação da imagem especular de uma cena dentro da cena, Lacan percebe que é justamente como objeto do desejo que Hamlet é negligenciado até certo momento e reintegrado por meio da identificação. A sensação do *infamiliar* se aproxima com a cena descrita por Lacan

(1962-1963/2005a) na obra shakespeariana. De forma semelhante ao texto freudiano, aquilo que foi negligenciado em Hamlet pode ser visto como aquilo que estava oculto, secreto. E a identificação que coloca em cena Hamlet novamente, poderia se tratar daquilo que ‘vem à tona’ como o desaparecimento de Hamlet e sua inesperada aparição. Se o *infamiliar* em Freud tem a presença de referências literárias que marcam seu debate, o mesmo ocorre com Lacan, que recorre a Shakespeare para alcançar a marca fundante que o desejo possui e, assim, construir em sua teoria o objeto *a*.

Se, para Freud, o *Unheimliche* aponta para o inconsciente, Lacan (1958-1959/2016), diferentemente, sugere que o *infamiliar* remete ao campo da fantasia, quando esta vacila para o sujeito através de um desequilíbrio. Para o psicanalista francês, o *Unheimliche* “Não está ligado como alguns acreditavam, a todos tipos de irrupção do inconsciente, está ligado a essa espécie de desequilíbrio que se produz no fantasma” (Lacan 1958-1959/2016, p. 338). No entanto, Lacan não nos fornece indicações suficientemente precisas das consequências clínicas de articular o estranho com o fantasma. Poderia o objeto *a*, a partir da fórmula da fantasia, ser o operador que esclarece esse uso?

O filósofo e psicanalista Mladen Dolar (1991) observa que Freud é pouco a pouco forçado a usar toda a panóplia dos conceitos psicanalíticos: complexo de castração, Édipo, narcisismo (primário), compulsão à repetição, pulsão de morte, repressão, angústia, psicoses, para dar conta do conceito de *infamiliar*. Para Dolar (1991), todos esses elementos parecem convergir para “o *infamiliar*” como ponto central em torno do qual os conceitos psicanalíticos orbitam, o ponto que Lacan nomeara como *a*.

CONCLUSÃO

A provocação que o texto freudiano *O infamiliar* traz se mostra atual e relevante, seja pelo aspecto inquietante que a sensação provoca, seja por sua região fronteiriça com os principais conceitos psicanalíticos. O estudo sobre o *infamiliar* perpassa as principais teses do pensamento freudiano que, sem exceção, buscam trazer à tona o inconsciente. Nesse mesmo ponto em que interesses estéticos, linguísticos e literários se cruzam com os psicanalíticos, viabiliza-se o surgimento de uma sensação que causa o sujeito, naquilo que lhe é íntimo.

Esse trabalho, no entanto, é causado por uma inquietação que sobre a repercussão de uma palavra-conceito, inédita classificação até então, que não mais aparece em outros momentos das publicações freudianas, ou não tem relevância equivalente à que Freud estabelece em seu texto de 1919. É no campo da literatura que ela repercute de forma mais insidiosa. Entre os psicanalistas, somente duas décadas após a publicação, acontecem maiores considerações sobre o *infamiliar*. É Jacques Lacan aquele que dedica uma investigação ao tema. Não obstante, é tomando como início a discussão sobre o *infamiliar* que ele discorrerá sobre o conceito de objeto *a*.

Calcada em aspectos, estéticos, linguísticos e literários, a conceituação do *infamiliar* é realizada. Por isso, para tratar esse tema, Cixous (2007) aponta *infamiliar* como um conceito impossível de determinar, aproximando-o mais de um caminho do que necessariamente de um conceito. A partir dessa indicação, entre outras leituras realizadas nesta dissertação, notou-se que o *infamiliar* apresenta também um método de investigação psicanalítica adotado por Freud.

Anneleen Masschein (2011) é outra autora que também percebe o *infamiliar* como um método de leitura: “Teoricamente, são introduzidos novos significados que engrossam o tecido conceitual. Praticamente, o estranho é associado de forma duradoura a um tipo específico de *corpus*, vários tipos de narrativas e motivos, e com um método de ler” (p. 4). A autora questiona se *infamiliar* pode realmente ser considerado um conceito, pois é somente no fim do século XX que ocorre uma tentativa de conceitualização explícita do termo, que passa nessa ocasião por significativas mudanças. Neste ponto, consonantemente ao que Masschein (2011) considera, o desdobramento dessa investigação, nota que a forma com que Freud aborda o *infamiliar* insere em seu horizonte uma indicação metodológica de tratamento do inconsciente. Pois, ele traça um processo de investigação, com afirmativas e negativas, preservando um núcleo investigativo, de

onde extraí significativa parte do desenvolvimento do texto. Nesse caso, o núcleo abordado é aquele que diferencia a angústia daquilo que causa medo e horror.

Há uma diferença na forma e no trato que o *infamiliar* assume em comparação a outros conceitos abordados por Freud, como a repetição, o recalque, a pulsão e o próprio inconsciente. Todos eles possuem uma definição precisa, um uso recorrente e mais claramente estabelecidos por Freud ao longo dos anos, diferentemente de *Unheimliche*, que tem poucas aparições e nem sempre claras. Nesses pontos o *infamiliar* parece surgir mais como método psicanalítico, conforme escreve Cottet (1989), ao citar a maneira de teorizar como da ordem da “inquietante estranheza” (p. 68). Todavia, por se tratar de um desdobramento, essa investigação absteve-se de entrar nesse debate por questão de método.

Alessandra Parente (2017) cita a crítica de Walter Benjamin ao engano da filosofia moderna em se pretender mais verdadeira e legítima que a mitologia, ambas provenientes do mesmo lugar. A mitologia é real não pelo conteúdo, mas pela tradição que prolifera. Assim é a relação que o *infamiliar*, a angústia, realiza com a literatura, com a ficção.

O texto freudiano recorre aos pesquisadores do assunto na época, como Schelling e Jentsch, a literatura, principalmente com E.T.A Hoffmann, ao dicionário dos irmãos Grimm, ao uso coloquial da palavra *Unheimliche*. Ao mesmo tempo realiza um constante debate com elementos centrais que Freud desenvolvera até então, como o recalque, a compulsão à repetição, o duplo e, de forma menos explícita, ao inconsciente e à teoria das pulsões que está ao fundo desse debate. Chaves (2019) considera que o retorno de Freud a esse texto mostra como está imbricada no pensamento de Freud a reformulação clínica e metapsicológica da teoria das pulsões, com a reflexão estético-literária e a vertente política e social da psicanálise.

Ao fazer essa leitura, percebe-se que o *infamiliar* pode ser considerado como método, como forma, enquanto o estranho, o estrangeiro, o inquietante seriam o conteúdo. Isso justificaria a ideia sobre a pouca ocorrência do *infamiliar* em Freud em contraposição ao estranho, estrangeiro, pois todo o método já é em si *infamiliar*. Como resultado o estrangeiro, o inquietante, por vezes são experimentados como *infamiliar*. Poderiam tais ocorrências serem atribuídas às consecutivas aproximações realizadas entre os significantes até alcançarem em algum momento a sensação de *infamiliar*? Por exemplo, se, no caso Emma, os significantes tecido, algodão, seda e vestimenta causassem certo estranhamento, pois a aproximam do significante roupa. E ao se encontrar com o significante roupa, ela experimentaria a sensação propriamente *infamiliar*? Algo conforme Soler

(1991) indica em termos de fenda do sujeito no meio de colmatar³⁵, onde se opera o colofão³⁶ da enunciação. Nessa direção, o *infamiliar* se apresentaria a Lacan como o *Aturdito* da interpretação, como equívoco, passando do conceito do inconsciente estruturado como linguagem para o do inconsciente como saber de *lalangue*. Para tanto, tais indagações ainda são pontos descobertos, necessitando de mais revisões bibliográficas que fundamentem e problematizem essa discussão.

A imprecisão da definição sobre a experiência do *infamiliar*, ou a não localização desse elemento, convoca Freud a considerá-lo uma palavra-conceito, que, para ser localizada, exige um percurso. Que começa na estética, nos dicionários, até alcançar elementos mortíferos responsáveis por causá-lo. Esse percurso rodeado de recuos, incertezas e questionamentos - seja em Jentsch, seja em Schelling, seja no próprio Freud, que coloca à prova a sua teoria - confere a marca inexorável da investigação psicanalítica.

A tela da Madona Sistina com a qual Dora fica “sonhadamente perdida em silenciosa admiração”, ao provocar impacto significativo sobre como o simbólico se organiza, traz algo da fantasia. Ao atravessar a tela, ela está diante dos enigmas de sua sexualidade, do seu fantasma. E o que é a presença do objeto *a* senão a tentativa da recuperação do objeto que surge de forma irreconhecível? Muitas vezes traumática? O silêncio de Dora expressa que a angústia, que na palavra alcança seu limite, é a condição do trabalho analítico. Mas se uma análise tem como recurso fundamental a palavra, toda tentativa é de poder a elas ligar esse afeto indizível.

A construção do *infamiliar* que Freud realiza aparece de forma mais evidente a partir da castração presente em *O Homem da areia* como causa da experiência *infamiliar* do conto. Na leitura que realiza da biografia Leonardo da Vinci, ao tocar em aspectos das relações edípicas de Leonardo, Freud recorre ao termo *Unheimliche*. Em *Um distúrbio de memória na Acrópole*, embora não utilize a palavra *Unheimliche*, Freud (1936/2010c) descreve a clara relação a algo dessa ordem, principalmente no tocante à sensação de respeito filial, à qual ele se refere como o verdadeiro motivo de optar pela Acrópole como destino, e não Atenas como gostaria.

Tais aproximações conduziram esse estudo à ideia de que, para além do texto de 1919, Freud recorre a *Unheimliche* diante de elementos da castração. Contudo, isso não se verifica em outros casos, que têm como principal característica o elemento castratório. Como é o caso do Pequeno Hans no texto *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos* (1909), que mesmo com

³⁵ Colmatar: preencher lacunas ou brechas.

³⁶ Colofão: inscrição no fim de manuscritos ou de livros impresso, com indicação sobre a feitura do volume e o nome do tipógrafo ou do leitor, a data do acabamento, etc.

fobia de cavalos, de caráter eminentemente castratório, não registra a presença do termo *Unheimliche*. Outro caso de fobia acontece com “O homem dos lobos” em *História de uma neurose infantil* (1918). Através da reconstrução de sua infância em análise, Freud interpreta como o grande fomentador do sonho de angústia o complexo de castração, associado ao desejo sexual inconsciente que o paciente nutre por seu pai. Em lugar do desejo surge o temor ao pai, e a defesa a essa angústia toma como forma a fobia a lobos.

Dessa forma, as análises desenvolvidas nesta dissertação mostram que, por toda a proximidade que estabelecem, a castração, o recalque, a angústia e a repetição podem comportar algo *infamiliar*. Embora as ocorrências sobre o *infamiliar* ao longo das obras freudianas sejam assistemáticas, as indicações do seu texto de 1919 permitem localizar sua ocorrência noutros casos.

Com base nos casos trabalhados, buscou-se aqui problematizar a discussão e levantar elementos que contribuam para construção do estatuto que o *infamiliar* assume para Freud em outros momentos, além do texto sobre a temática. Verificou-se que, ainda que ele não se refira diretamente ao termo *infamiliar*, suas percepções, tanto clínicas quanto teóricas, referentes à linguagem e à literatura, indicam consequências do desenvolvimento dessa sensação. A forma subscrita com que *infamiliar* aparece, indica para o que ele desenvolve no texto de 1919, ainda que sob outras formas, ou termos.

A sensação nem sempre pode ser descrita com um significante específico, preestabelecido como *Unheimliche*, *infamiliar*, estranho, inquietante, entre outros. Mas ela pode expressar-se, sob qualquer um desses ou de algum outro modo ao qual o sujeito recorre para descrever a sensação de ter algo íntimo revelado. Ou conforme Lacan escreve; “um gesto humano está do lado da linguagem e não da manifestação motora” (Lacan, 1953-1954/1986 p. 280).

Se a palavra não pode ter uma definição específica que diga de forma precisa e universal a experiência *infamiliar*, a sensação sim. Sua distinção está localizada inequivocamente ao familiar que vem à tona. Esse ponto é relevante para diferenciar a experiência *infamiliar* de outras, como recalque, repetição que, em determinados momentos se aproximam daquilo que é *infamiliar*. Foi justamente esse elemento que possibilitou problematizar a ocorrência do *infamiliar* nos casos clínicos trabalhados.

A proposta de tradução no Brasil como *infamiliar* contribui para melhor compreensão por parte dos analistas. Por se tratar de um neologismo, *infamiliar* convida a outras possibilidades sobre o doméstico, o íntimo, o já conhecido. Diferentemente de termos como inquietante, estranho, que,

em algum momento se aproximam do *Unheimliche*, *infamiliar* propõe algo precisamente novo aos analistas que leem na língua portuguesa. Não que eles irão escutar em seus consultórios ou cotidianamente alguém definir determinada experiência como *infamiliar*, mas que, ao ler um termo precisamente novo, é possível identificar algo além de uma palavra já consolidada, justamente o que Freud convida os psicanalistas a realizarem em *O infamiliar*.

O *infamiliar* é marcadamente reconhecido por percorrer vários caminhos, Freud deixa pontas soltas, sem dar a discussão por encerrada, permitindo assim muito mais caminhos a serem percorridos do que estabelecendo um conceito bem definido. Nessa direção, aspectos como a relação do *infamiliar* com a neurose e a psicose permanecem em um campo não suficientemente explorado. O suicídio do personagem de E.T.A Hoffmann, Nathaniel, em seu derradeiro ato não é analisado por Freud. Encontra-se nesses, dentre outros elementos, exemplos de caminhos promissores para a investigação. À medida que foi ampliada, a noção de *Unheimliche* também serve como suporte à outras discussões atuais, como as relacionadas ao corpo, à sexualidade. Afinal corpo e sexualidade, comportam aspectos íntimos do sujeito, que por vezes têm relação com a falta de significante, ao permitir seus desvelamentos.

Diferentemente de outras apropriações que Lacan faz de Freud ao propor a revisão de conceitos como pulsão, complexo de castração e a própria angústia, o *infamiliar* é utilizado por Lacan de forma fiel às considerações freudianas.

A consideração do surgimento do *infamiliar* sem um significante específico, conforme trabalhado com a análise do caso Dora, encontra a afirmativa lacaniana sobre a existência do significante não poder ser significada, sobre o ponto falta de significante. “O ponto onde surge a existência do significante é aquele que, em certo sentido, não pode ser significado. É o que chamo de ponto falta-de-significante” (Lacan, 1962-1963/2005a, p. 150). Não se trata assim da ausência de relação entre significante e sentido, mas do significado como efeito das articulações significantes.

Lacan tanto contribui com a discussão sobre o *infamiliar* quanto dela se serve para estabelecer alguns de seus conceitos, como a angústia, o objeto *a*, o estádio do espelho. Lacan concorda com a afirmativa freudiana, sobre o *infamiliar* surgir como o secreto, o oculto, que vem à tona. Mas esse secreto, oculto que vem à tona, Lacan nomeará como o Outro. Daí um ponto que ajuda a esclarecer a onipotência de pensamento. No texto *Função e campo da fala e da linguagem*, Lacan diz: “O inconsciente é o discurso do Outro” (Lacan, 1998. p.266). Freud considera o livro

O anel de Polícrates como um conto que tem sua *infamiliaridade* atribuída à onipotência de pensamento, já que o possuidor do anel tem seus desejos imediatamente realizados. Mas esse fato em si não responde de forma precisa à *infamiliaridade* que Freud atribui ao conto. A simples realização de desejos não parece ser suficientemente clara para indicar algo *infamiliar* que esse fenômeno possa ter. Contudo, a ideia se torna mais nítida quando lida como a interpelação que o desejo faz ao Outro, em que a obscuridade acerca do que o Outro quer e a realização desse desejo inconsciente traz a lume todo o mistério que a realização do desejo assume.

O sujeito humano desejante se constitui em torno de um centro que é o outro na medida em que ele lhe dá a sua unidade, e o primeiro acesso que ele tem do objeto, é o objeto enquanto objeto do desejo do outro. (Lacan, 1955-1956/2008, p. 51-52)

Tal ponto também esclarece os casos de *infamiliar* causados pelo mau-olhado, uma vez que também se referencia no desejo do Outro que o constitui. “O Eu é referente ao outro. O Eu se constitui em relação ao outro. Ele é o seu correlato” (Lacan, 1954-1955/2010, p. 72). Ao se localizar próximo às questões especulares com o campo do Outro, poderia o *infamiliar* ser mais um operador para tratar questões relacionadas à agressividade, à sexualidade, ao corpo? Ao situar a instauração da subjetividade com o enigma “*che vuoi?*”, Lacan formaliza a interpelação que é feita ao desejo do Outro, e não há nada que possa situar o sujeito como macho ou fêmea.

Dessa conjunção do sujeito no campo da pulsão com o sujeito tal como ele se evoca no campo do Outro, desse esforço para se reunir, depende que haja um suporte para *ganze sexualstrebung*. Não há outro. É somente aí que a relação dos sexos é representada no nível do inconsciente. Para o resto, a relação sexual fica entregue ao aleatório campo do Outro. Fica entregue às explicações que se lhes deem. (Lacan, 1964/2005c, p. 194)

Aqui, ressalta-se a necessidade de uma maior, melhor e profunda contextualização acerca das considerações lacanianas sobre o que não se situa como macho ou fêmea, bem como as relações entre o *infamiliar*, a sexualidade, com referência ao inconsciente em uma outra investigação.

Na agressividade, ao retornar algo do Eu, esse Outro que é semelhante também aterroriza ou simboliza a angústia. A agressividade também pode ser uma das formas de responder à

interpelação do desejo do Outro. Ao tocar em tais pontos, com o percurso traçado nessa dissertação, pergunta-se aqui se o surgimento do *infamiliar* poderia oferecer uma chave interpretativa para abordar tais questões. Ao se aproximar do complexo de castração, do narcisismo ou indicar pontos de conflito com o Outro, poderia o *infamiliar* sinalizar caminhos para abordar essas questões?

O fato de o texto freudiano sobre o *infamiliar* ser marcadamente vacilante por suas questões teóricas, com muitos recuos e incertezas, torna difícil dar a questão por terminada, ressalva feita pelo próprio Freud (1919/2019a): “Assim sendo, deveríamos bem admitir que, para a entrada em cena do sentimento do *infamiliar*, são necessárias ainda outras condições materiais além das apresentadas até agora” (p. 101).

Um dos objetivos dessa dissertação, ao problematizar a experiência *infamiliar* nas obras de Freud, verificou que o intraduzível *infamiliar* é assim bem conhecido por não comportar um significante específico que diga da experiência que propõe. Por isso a dificuldade em encontrar palavras, termos, que digam com precisão sobre a sensação. Uma leitura inicial mostra o *infamiliar* como algo obscuro, angustiante, ao adentrar-se no tema, percebe-se que esse obscurantismo é justamente o íntimo, a parte familiar oculta, que “vem à tona”. Ao debruçar-se sobre o tema, verifica-se que a sensação de *infamiliar* admite mais significantes do que a palavra comporta. Mesmo a língua germânica admite certa ambiguidade de situações acerca desse uso. Verifica-se também que, ao marcar algo íntimo, estrangeiro que surge, algo da estrangeira história de Freud pode ser lida em seu interesse pelo tema, conforme indica Mezan (1989).

O fato de a investigação sobre o *infamiliar* mostrar um campo não suficientemente explorado por Freud, permite um vasto campo investigação, que, embora noutros momentos da pesquisa freudiana, a situação, não presente, ou seja lida como *infamiliar*, o texto legado de Freud possibilita ler o *infamiliar* nesses contextos. Bem como, embora não seja um texto sobre os bens da cultura, da arte, da renúncia a estética e a criatividade, o *infamiliar* apresenta uma singular potência de, ao flertar criticamente a todos esses pontos, instaurar um veículo que possibilita capitar o desajuste do inconsciente, que, muito mais rompe, do que alinha aspectos idealizados, ou valores socialmente condicionados. Talvez por isso a morte seja aquilo que Freud coloca como principal causa de *infamiliaridade*, afinal, mesmo antes da publicação sobre o *infamiliar* no texto Freud (1915/2013c) expressa a relação com a morte como algo “tão belo e tão familiar” (p.144).

A análise do conto do Homem da Areia, da literatura explorada por Freud, dos casos clínicos, dos textos estabelecidos em que ele utiliza o termo *infamiliar*, mesmo em anos anteriores

a sua publicação, como faz através da biografia de Leonardo da Vinci, apontam inequivocamente ao que ele defende ser a causa do *infamiliar*, a relação com a castração. Elemento que ao ser notado, contribui para a melhor leitura da ocorrência *infamiliar*, na psicanálise e também noutros textos freudianos. Tal análise, revela uma coerência teórica, ética, de Freud com o tema, como também reforça as percepções desse trabalho sobre a ocorrência do *infamiliar* e a dificuldade de apreensão da sensação em um significante específico, sendo marcada muito mais pela emergência de algo relacionado a castração.

Conclui-se, assim, que os paradigmas e as pontas soltas provocados por Freud em *O infamiliar*, com efeito, alcançam a literatura fantástica, a estética, a poética, e o estabelecimento de novos conceitos e formas de tratar o inconsciente. Por meio do *infamiliar* Lacan tematiza a angústia, aborda o objeto *a* e a castração até alcançar uma direção clínica que aponte para a fantasia, para o Real. O campo da angústia, por vezes oblíquo, consegue a partir do *infamiliar* possibilidades e caminhos sinuosos, formas tracejáveis de discurso que consigam tratar o simbólico e o imaginário com toda a potência que o inconsciente apresenta, à qual o analista não recua.

REFERÊNCIAS

- Assoun, P.-L. (2008). *Leçons psychanalytiques sur l'angoisse*. Paris: Economica.
- Birman, J. (1989). *Freud e a experiência psicanalítica* Rio de Janeiro, RJ: Taurus-Timbre
- Bourguignon, A., Cotet, P., Laplanche, J., & Robert, F. (1989). *Traduire Freud*. Paris: Presses Universitaires de France-PUF.
- Chaves, E. (2019). *Perder-se em algo que parece plano*. In S. Freud: *O infamiliar*. 1. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica.
- Cixous, H. (2007). *Fiction and Its Phantoms: A Reading of Freud's Das Unheimliche (The "Uncanny")*. *New Literary History*, Vol. 7, n. 3, Thinking in the Arts, Sciences, and Literature. (Spring, 1976), pp. 525-548
- Cottet, S. (1989). *Freud e o desejo do psicanalista*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- Dolar, M. (1991). *I Shall Be with You on Your Wedding-Night: Lacan and the Uncanny.* *October* Vol. 58, pp. 5-23.
- Dunker, C. (2019). *Animismo e indeterminação em "Das Unheimliche"*. In S. Freud: *O infamiliar [Das Unheimliche]* seguido de *O homem da Areia / E.T.A. Hoffmann (1856-1930)*. (E. Chaves, P. H. Tavares, trans.). (pp. 199-218). Belo Horizonte, MG: Autêntica
- Ferreira, A. (2004). *O minidicionário da língua portuguesa*. 3a ed. 1. impr. rev. e atual. do Aurélio século XXI. Rio de Janeiro, RJ: Positivo.
- Freud, S. (1996a). *Análise fragmentária de uma histeria "O caso Dora"*. In Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v.7. Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Original publicado em 1905)
- Freud, S. (1996b). *Análise terminável e interminável*. In S. Freud: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Moisés e o monoteísmo, esboço de psicanálise e outros trabalhos (1937-1939). (Vol. 23, pp. 225-270). (J. Salomão, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1937).
- Freud, S. (1996c) *Projeto para uma psicologia científica (1950 [1895])*. In: *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos (1886-1889)*. (Jayme Salomão trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol XXI). (original publicado em 1927).

- Freud, S. (1996d). *O fetichismo*. In S. Freud: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: O futuro de uma ilusão, O mal estar na civilização e outros trabalhos. (1927-1931).
- Freud, S. (1996e). *A interpretação dos sonhos*. In Vol IV Obras psicológicas completas de Sigmund Freud edição standard brasileira. Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Original publicado em 1900)
- Freud, S. (1996f). Fetichismo. In: Obras Psicológicas Completas: edição standard brasileira. Volume XXI. Rio de Janeiro: Imago. (originalmente publicado em 1927).
- Freud, S. (2010a) *O tema da escolha dos cofrinhos*. In Obras Completas, Vol. 10: Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“o caso Schreber”), artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913). (P.C Souza, Trad.). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1916).
- Freud, S. (2010b). *Novas conferências introdutórias à psicanálise*. In Obras Completas, Vol. 18: O mal-estar na civilização, Novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936). (P.C Souza, Trad.). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1933).
- Freud, S. (2010c). *Um distúrbio de memória na Acrópole*. In S. Freud: Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos (1932-1936). (P. C Souza, Trad.). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1936).
- Freud, S. (2010d). *Considerações atuais sobre a guerra e a morte*. In Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). (P.C Souza, Trad.). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S. (2010e). *O inconsciente*. In Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). (P.C Souza, Trad.). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S. (2011a). *Totem e Tabu*. In Obras Completas, Vol. 11: Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos. (1912-1914). (P.C Souza, Trad.). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1912-1913).
- Freud, S. (2011b) *Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos* (1925). In O eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925). (P. C Souza, Trad.). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1925).
- Freud, S. (2013a). *Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens*. In Obras completas, Vol. 9: Observações sobre um caso de neurose obsessiva (“o homem dos ratos”), uma

- recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1909-1910) (P.C Souza, Trad.). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1910).
- Freud, S. (2013b). *O sentido antitético das palavras primitivas*. In Obras completas, Vol. 9: Observações sobre um caso de neurose obsessiva ("o homem dos ratos"), uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1909-1910) (P.C Souza, Trad.). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1910).
- Freud, S. (2013c). *As pulsões e seus destinos* - edição bilíngue. In *Obras incompletas de Sigmund Freud*. (P. H. Tavares, trad.). (Vol. 2, pp. 13-70). Belo Horizonte, MG: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S. (2014a). *Conferências introdutórias à psicanálise*. In Obras completas, Vol. 13. Conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917) (Sergio Tellaroli, Trad.). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1916-1917).
- Freud, S. (2014b). *Inibição, sintoma e angústia*. In Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929). (P.C de Souza trad.). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1927).
- Freud, S. (2016). *Análise fragmentária de uma histeria "O caso Dora"*. In S. Freud: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos (1901-1905). (P. C Souza, Trad.). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud, S. (2018). *O homem Moisés e a religião monoteísta*. In Moisés e o monoteísmo, Compêndio de psicanálise e outros textos (1937-1939) / Sigmund Freud; (Paulo César de Souza Trad.) São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Original publicado em 1937).
- Freud, S. (2019). *O infamiliar*. In: O infamiliar [*Das Unheimliche*] seguido de O homem da Areia / E.T.A. Hoffmann (1856-1930). (E. Chaves, P. H. Tavares, trads.) Belo Horizonte, MG: Autêntica. (Obras incompletas de Sigmund Freud). Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1919).
- Freud, S. (2019b). *A negação*. In: O infamiliar [*Das Unheimliche*] seguido de O homem da Areia / E.T.A. Hoffmann (1856-1930). (E. Chaves, P. H. Tavares, trads.) Belo Horizonte, MG: Autêntica. (Obras incompletas de Sigmund Freud). Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1925).
- Freud, S. (2020a). *Além do princípio do prazer*. In Além do princípio do prazer [Jensets des Lustprinzips]. (Trad Maria Rita Salzano Moraes). Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2020. (Obras incompletas de Sigmund Freud). (Original publicado em 1920).

- Freud, S. (2020b). *O poeta e o fantasiar*. In Arte, literatura e os artistas. (Ernani Chaves, Trad). Belo Horizonte, MG: Autêntica. (Obras incompletas de Sigmund Freud). Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1908).
- Freud, S. (2020c). *Transitoriedade*. In Arte, literatura e os artistas. (Ernani Chaves, Trad). Belo Horizonte, MG: Autêntica. (Obras incompletas de Sigmund Freud). Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1916).
- Freud, S. (2020d). *O motivo da escolha dos cofrinhos*. In Arte, literatura e os artistas. (Ernani Chaves, Trad). Belo Horizonte, MG: Autêntica. (Obras incompletas de Sigmund Freud). Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1913).
- Freud, S. (2020d). *Uma lembrança de infância de Leonardo da Vinci*. In Arte, literatura e os artistas. (Ernani Chaves, Trad). Belo Horizonte, MG: Autêntica. (Obras incompletas de Sigmund Freud). Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1910).
- Freud, S. (1896). *Carta 55*. In S. Freud: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos (1886-1889). (Vol. 1, pp. 288-290). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Garcia-Roza, L. (1986). *Acaso e repetição em psicanálise: uma introdução à teoria das pulsões*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- Hanns, L. (1996). *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- Hanns, L. A. (2004). *Psicanálise: a nova tradução brasileira das obras completas de Freud*. Cienc. Cult., São Paulo, Vol. 56, n. 4.
- Iannini, G., & Tavares, P. H. (2019). *Freud e o infamiliar*. In S. Freud: O infamiliar [Das Unheimliche] seguido de O homem da Areia / E.T.A. Hoffmann (1856-1930). (E. Chaves, P. H. Tavares, trads.). (pp. 7-25). Belo Horizonte, MG: Autêntica.
- Jones, (1970). *Vida e obra de Sigmund Freud*. Vol.II. Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (originalmente publicado em 1961).
- Lacan, J. (1986). *O seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Originalmente proferido em 1953-1954)
- Lacan, J. (1997). *O seminário, livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (originalmente proferido em 1956-1957).
- Lacan, J. (1998). *Escritos*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (originalmente publicado em 1966).

- Lacan, J. (2005a). *O seminário, livro 10: A Angústia (1962-1963)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Originalmente proferido em 1962-1963).
- Lacan, J. (2005b). *O seminário, livro 3: As psicoses (1955-1956)*. Rio de Janeiro: RJ, Jorge Zahar. (Originalmente proferido em 1955-1956).
- Lacan, J. (2005c). *O seminário. Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Originalmente proferido em 1964)
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 7: A ética da psicanálise. (1959-1960)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Originalmente proferido em 1959-1960).
- Lacan, J. (2016). *O seminário, livro 6: O desejo e sua interpretação. (1958-1959)*. Rio De Janeiro: RJ: Zahar. (Originalmente proferido em 1958-1959).
- Lispector, C. (1964). *A paixão segundo G.H.* Rio de janeiro, RJ: Rocco.
- Masschelein, A. (2011). *The unconcept: The Freudian uncanny in late-twentieth-century theory*. Suny Press.
- Maupassant, G. (2011). *Contos fantásticos: O horla e outras histórias*. (José Thomaz Brum, trad.). Porto Alegre: L&PM.
- Mendes, E. R. P. (2019). *O estranho dentro de nós, da intolerância à diferença*. Reverso, Belo Horizonte, MG, v. 41, n. 78), pp. 45-54, jul./dez. Recuperado em 05 abr. 2021 de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952019000200005&lng=pt&tlng=pt.
- Mezan, R. (2019). *Freud, pensador da cultura*. São Paulo, SP: Blucher.
- Miller, J-A. (1999). *O avesso de Freud*. In J.-A. Miller, *Lacan elucidado: palestras no Brasil* (pp. 389-407). Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- Quinet, A. (2009). *A estranheza da psicanálise: a Escola de Lacan e seus analistas*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Ed.
- Parente, A. (2017). *Sublimação e unheimliche*. São Paulo, SP: Caso do Psicólogo.
- Pereira, M. E. C. (2008). *Pânico e desamparo*. São Paulo: Escuta.
- Rabinovich, D. (1993). *S. La angustia y el deseo del otro*. Buenos Aires: Manantial.
- Rivera, T. (2007). *Ensaio sobre a sublimação*. In *Discursos*, n.36.

- Rocha, G. (2010). *O estético e o ético na psicanálise, o sublime e a sublimação*. São Paulo: SP.
- Royle, N. (2003). *The uncanny*. Manchester University Press.
- Safatle, V. (2006). *A paixão do negativo – Lacan e a dialética*. São Paulo: Ed. Unesp.
- Soler, C. (1991). *As regras da interpretação*. Artigos clínicos. Bahia, Salvador: Fator.
- Soler, C. (2012). *Seminário de leitura de texto ano 2006-2007: seminário: A angústia, de Jacques Lacan*. São Paulo: Escuta.
- Strachey, (1996). *O estranho*. In: *Obras completas*, ESB, v. XVII. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Terêncio, M. (2013). *O horror e o outro: um estudo psicanalítico sobre a angústia sob o prisma do unheimlich freudiano*. Florianópolis, SC, 276p.